

EUNICE CORRÊA SANCHES BELLOTI

**ASPECTOS DA SUBJETIVIDADE E
SUAS RELAÇÕES COM A INFORMÁTICA**

EUNICE CORRÊA SANCHES BELLOTI

**ASPECTOS DA SUBJETIVIDADE E
SUAS RELAÇÕES COM A INFORMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis, para obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Concentração: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Dra. Meriti de Souza

ASSIS - S.P.
2.003

EUNICE CORRÊA SANCHES BELLOTI

**ASPECTOS DA SUBJETIVIDADE E
SUAS RELAÇÕES COM A INFORMÁTICA**

BANCA EXAMINADORA

Dissertação para obtenção do grau de mestre.

Presidente e Orientador: Dra. Meriti de Souza

Segundo Examinador:.....

Terceiro Examinador:.....

Assis,.....de.....de 2.003.

DADOS CURRICULARES

EUNICE CORRÊA SANCHES BELLOTI

NASCIMENTO	29/12/1959 – Ourinhos/SP
FILIAÇÃO	Manoel Sanches Hernandes Sebastiana Corrêa Sanches
1978/1982	Curso de Graduação em Psicologia Universidade Metodista de Piracicaba UNIMEP
1983	Inscrita no Conselho Regional de Psicologia sob o nº 16876
1994	Professora Assistente do Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – Faculdade de Tecnologia de São Paulo – Extensão de Campus de Ourinhos/SP.

Dedico

Aos meus filhos, André Henrique, Matheus Augusto (in memorian) e Laís Maria, que são minha razão de viver.

Ao meu marido, Ruy André, fonte de apoio e carinho.

Aos meus pais, Manoel (in memorian) e Sebastiana, pelos princípios ensinados.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Mériti de Souza, minha orientadora neste trabalho, pela dedicação, competência, carinho e paciência com que me conduziu nas orientações, ampliando de forma extraordinária meus conhecimentos de Psicologia e Psicanálise.

Aos meus entrevistados, que disponibilizaram suas vivências por meio de seus relatos.

Ao Reverendo Eduardo e Anazita, pessoas muito especiais para mim e para minha família.

À Professora Elaine Pasqualini, minha amiga, por compartilhar de minhas angústias, sempre me incentivando.

Ao Dr. Sérgio Yamaji, meu médico e amigo, por me acolher e me ouvir em momentos difíceis da minha vida e me fazer enxergar que a realidade pode ser bela.

Aos diretores Ms. Paulo Henriques Chixaro (FATEC) e Dr. José Marta Filho (FIO) por acreditarem no meu potencial profissional.

À Bibliotecária da Fatec Ourinhos - SP Luci Aparecida Ribeiro, pela colaboração na execução da ficha catalográfica.

Ao Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, pela atenção dispensada na revisão ortográfica.

À Dra. Elizabeth Gelli Yazzle, que orientou meu primeiro trabalho científico e que, após 20 anos, fez importantes sugestões no exame de qualificação.

Ao Professor Dr. Raul Albino Pacheco Filho, que enriqueceu este exame de qualificação no momento de reflexão, com sugestões e críticas preciosas ao meu trabalho.

Aos Professores do programa de Pós-graduação da UNESP de Assis/SP, pelo incentivo à pesquisa científica.

À minha família pela confiança em mim depositada.

“O que ninguém nunca viu nem ouviu,
e o que jamais pensou
que podia acontecer,
foi isso o que Deus preparou
para aqueles que o amam”.

I CO 2 . 9

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CAPÍTULO I - Breve histórico da Informática e sua Fundamentação: relações entre modernidade, progresso e construção da máquina- computador.....	23
2.1. A produção da nova máquina: o computador.....	31
3. CAPÍTULO II - Informática e cotidiano: crianças, família e trabalho.....	41
4. CAPÍTULO III - Situações Psicanalíticas e a Informática.....	60
4.1. Experiências com o computador: a internet, o virtual e a identidade...64	
4.2. Experiências com o computador: sentimentos de medo.....	72
4.3. Experiências com o computador: o medo do estranho.....	83
5. CAPÍTULO IV - Metodologia.....	88
5.1. Objetivos da pesquisa.....	91
5.2. Sujeitos.....	92
5.3. Material e Instrumentos.....	93
6. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	98
7. CONCLUSÕES E INDAGAÇÕES.....	148
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	154
Anexos.....	159

ABSTRACT

RESUMO

O computador, cada vez mais, faz parte do cotidiano da maioria das pessoas. Vivemos na era da informática. Entretanto, apesar da proximidade entre o ser humano e a máquina, existem muitas dúvidas e inquietações sobre o assunto. Os impactos que as novas tecnologias têm trazido ao mundo produzem transformações complexas na sociedade e nos vínculos que os usuários estabelecem com a informática, particularmente com o computador.

Os objetivos deste trabalho são de discutir a inserção da informática e do computador no cenário social contemporâneo e no cotidiano das pessoas, bem como descrever e analisar os sentidos assumidos pela informática e pelo computador para as pessoas que relatam sofrimento no contato com esse recurso tecnológico.

A pesquisa envolve um estudo teórico, no qual se discute o projeto da modernidade, suas noções de progresso e de desenvolvimento, e as repercussões da instalação desse projeto na consolidação da tecnologia e da informática. Discute também o impacto do computador e da internet no cotidiano das pessoas e as experiências dos usuários com a realidade virtual.

Na seqüência apresentam-se entrevistas com três usuários de informática cujas queixas de dificuldades no trato com o computador servem de suporte. Para a análise do material, foram utilizados os conceitos discutidos no estudo teórico. O contato homem/máquina sustenta vínculos marcados pela

idealização de uma relação sem conflitos com o outro, pois a máquina também exige o seu reconhecimento como um outro, não humano, porém presente. Algumas mudanças que esse homem enfrenta na sociedade referem-se às relações que ele estabelece com o computador.

A relação entre o homem e a máquina demanda um trabalho psíquico que envolve gratificações e frustrações, exigindo, da parte desse usuário, suportabilidade para com as peculiaridades desse contato. Os avanços tecnológicos exigem um novo arranjo da subjetividade, na qual esse homem moderno necessita, em função da relação homem/máquina, reelaborar a representação construída sobre si próprio, sobre o outro e o mundo.

Palavras-chave: informática, subjetividade, computador, modernidade, psicanálise.

ABSTRACT

The use of computers is increasing in the lives of most people, as we now live in what is called the "Computer Age". But despite the frequent contact of man with computerized equipment, there are still many doubts and much uneasiness, with regards to this subject. The impacts brought to the world by this new technology, have produced complex changes to society, as well as the ties established between computerized equipment, mainly computers, and their users.

The aim of this study is to discuss the use of computer science and computers in the daily lives of our present society, as well as to describe and analyze the measures taken by computer science, for computer users that report having some discomfort when they use these technological resources.

The research involves a theoretical study, that discusses a modernity project and the concepts of what is progress and development, as well as the consequences on the whole of installing the project on technology and computer science. There are also some opinions expressed as to the impact of the computer and Internet on people's ways of living, and also some experiences reported by computer users.

Some back-up material is presented, namely the result of interviews with some computer users, that complained about their difficulties, when they used a

computer. The information was analyzed in the light of concepts discussed in the theoretical study.

The relationship man and equipment, supports ties that show the basic principals of a relationship without conflicts, one with the other, as machines also require their presence to be recognized. Some changes, that society is undergoing, were brought about by the relationship that has been established by man and the computer.

The relationship between man and machine also calls for a study of psychic factors, covering the rewards and frustrations that users have to adapt to when engaged with computer science. The technological advances call for a reshuffling of subjectivity whereby modern man, due to a man and machine relationship must reconsider, his concepts of machines, the world and himself.

Key Words: computer science, subjetivity, computer, modernity, psychoanalysis.

1. Introdução

Introdução

Desde os tempos mais remotos, a atividade humana tem se desenvolvido e o homem, nesse exercício, tem criado dispositivos de registros para lidar com as informações sobre essas atividades, interferindo e modificando o ambiente em que vive.

Na Idade Média, os comerciantes e banqueiros usavam um ábaco, que consistia de uma mesa na superfície da qual havia vários riscos paralelos e os marcadores tinham a forma de moedas chamadas contadores.

Diversos são os tipos de máquinas utilizadas para registros. Podemos pensar que desde a escrita rupestre, registros simples feitos nas pedras, até as primeiras máquinas elaboradas com a finalidade de armazenar dados, como, por exemplo, o ábaco, utilizado na Idade Média pelos comerciantes ou banqueiros e, posteriormente, as máquinas que deram início ao advento do processamento de dados, o homem se colocou diante de resultados de um constante processo de aperfeiçoamento das possibilidades de armazenamento de informações. Esse processo, apresentando resultados satisfatórios em termos práticos, se disseminou ao longo dos tempos. Importa discutir esses dois aspectos, o aperfeiçoamento e a disseminação das máquinas.

Assim, tratando-se do primeiro aspecto observa-se a adoção do princípio básico de que os dados entram em um sistema, são processados por uma caixa preta e transformados em informações. Isso resume o microcomputador e tantos sistemas informatizados que necessitam ser alimentados para facilitar

a realização dos trabalhos. Quanto ao segundo aspecto verifica-se que, cada vez mais cedo e de maneira mais ampla, as pessoas estabelecem contato com as máquinas, particularmente com os computadores. Com isso, percebemos que o computador se inseriu no cotidiano das pessoas e que elas terão que se adaptar um dia à idéia de conviver com sistemas informatizados e similares.

Em outras palavras, observa-se no cotidiano das pessoas que, a cada dia a sociedade depende mais de computadores e outros equipamentos tecnológicos em qualquer atividade que se desenvolva. Nos dias atuais é muito raro alguém em qualquer situação, não se envolver com a tecnologia da informação. Entretanto, a relação com a máquina não se realiza de forma linear e existe um grande número de pessoas que se sentem intimidadas e apresentam um certo sofrimento psíquico ao utilizar um computador, um caixa eletrônico, chegando mesmo a desenvolver, em certos momentos, sentimentos de aversão diante desse maquinário.

Assim, há pessoas que têm medo de usar um caixa eletrônico para verificar um saldo, depositar ou sacar dinheiro, pelo simples fato de estarem em contato com uma máquina; há aqueles que, por medo de fazer sua declaração de Imposto de Renda pela Internet, preferem pagar para que outros façam por eles; ou ainda pessoas que deixam um emprego porque precisam lidar com um computador, pois não aceitam a idéia de interagir com as novas tecnologias.

A relação de ambivalência entre os homens e as máquinas encontra-se presente na história do desenvolvimento humano. Sabemos que as ciências passaram por grandes revoluções no decorrer dos últimos séculos e constatamos que a criação e o aperfeiçoamento dos mais variados tipos de

maquinários, por um lado, trouxe benefícios à vida da maioria das pessoas e, por outro lado, trouxe dificuldades a essas mesmas pessoas.

Exemplificando, pensemos na relação do homem com o trabalho na atualidade. Os instrumentos facilitam a vida do trabalhador do campo e da cidade, diminuindo seu esforço físico e mental. Entretanto, eles diminuem o contingente de pessoas necessário à execução das tarefas, ajudando a aumentar a taxa de desemprego. Outro aspecto a ser ressaltado, diz respeito à própria relação ambígua do homem com a máquina, que pode ser captado em inúmeras manifestações na literatura, nos mitos e nas tradições das sociedades, que demonstrasse ora a idealização, ora o medo do ser humano frente às máquinas.

O mito de Prometeu Acorrentado (Ésquilo, 1980) é exemplar, ao relatar a busca do homem pelo conhecimento e poder através de um instrumento - no caso o fogo - que lhe possibilitaria o controle sobre a natureza e o acesso ao progresso e à civilização. O titã Prometeu rouba o fogo do céu e o entrega aos homens atraindo, a ira dos Deuses, que temiam que os homens se equiparassem a eles. O castigo determinado por Zeus consiste na prisão de Prometeu num lugar onde o sol ressecaria sua pele e onde ele não poderia dormir. Ao longo do dia, ele teria seu fígado devorado por uma águia e à noite ele seria reconstituído, para que o processo se reiniciasse no dia seguinte. Esse mito esclarece a explicação que os gregos ofereciam para a construção da civilização e da expansão de seus benefícios, que se realizava à custa de esforço e de sofrimento.

Dessa forma, o mito exemplifica a busca pelo conhecimento e sua utilização na construção de instrumentos que podem controlar a natureza e

equiparar os homens aos deuses e oferece luz à compreensão da ambivalência no trato do humano com a criação de novos instrumentos. Em outras palavras, o crime de Prometeu seria o de oferecer aos homens a possibilidade de se elevar à condição divina através do domínio da natureza e da própria vida. Essa possibilidade seria alcançada pelo conhecimento e pela construção de instrumentos e de máquinas que o controle sobre o fogo oferece. Assim, o medo pelo castigo divino deflagrado pela tentativa de equiparação da sabedoria dos homens à sabedoria dos deuses é associado ao progresso, à construção da civilização e das máquinas.

A história da humanidade é pródiga em oferecer exemplos de busca do conhecimento e pela produção e criação de instrumentos que, por um lado, auxiliam o homem em inúmeros aspectos e, por outro lado, colocam sua vida em risco quando passam a rivalizar o homem com os deuses.

Observamos que dificilmente alguma pessoa, no final do século XIX, início do século XX, poderia imaginar que uma invenção tecnológica - a da máquina a vapor - traria a influência de desencadear uma sublevação tão forte que alteraria o modo de vida, sentir e relacionar-se com o mundo, estabelecido pelo homem. A própria história revela que a invenção da máquina a vapor mudou os modos de viver, produzir e sentir das pessoas que viveram nos séculos passados.

No mundo moderno, encontramos um exemplo clássico da relação homem-máquina quando da chamada revolução industrial. Com a crescente industrialização e a saída do homem do campo, o mundo medieval com seus lugares sociais e suas tradições estabelecidas estava sendo transformado e assumia um novo cenário marcado pela grande mobilidade social e pela

crescente desestabilização. Os trabalhadores perdem seus empregos para os novos instrumentos de produção e passam a atacá-los e a destruí-los. Para Hobsbawm (1981), essas ações não devem ser entendidas como produto da incapacidade dos trabalhadores de compreenderem as profundas transformações que estavam ocorrendo no processo produtivo daquela sociedade, mas constituíam-se nas estratégias possíveis de resistência do proletariado aos avanços do capitalismo, que ceifava postos de trabalho e destruía a forma de vida destes homens e mulheres dessa nascente sociedade industrial.

A mudança do mundo medieval para o mundo moderno trouxe mudanças drásticas à vida das pessoas, particularmente no seu aspecto de progresso associado à crescente onda de transformação da natureza realizada pelas máquinas e pela tecnologia. Essa onda traz implicações à vida das pessoas, alterando seu ritmo de trabalho. O tempo passando a correr célere, deslocando sua vida do campo para as cidades, modificando assim sua relação com o tempo e com o espaço.

O ideário liberal passa a orientar a organização social, política e econômica, reorganizando as esferas da produção de bens e de valores. Em alguns momentos, essas implicações se traduzem em benefícios, porém, em outras ocasiões se revelam como dificuldades e, ainda, nos casos extremos, daqueles que não conseguem se adaptar à nova vida, observa-se a sua destruição (Berman, 1986).

Constata-se que as relações do homem com o conhecimento são acompanhadas do crescente domínio sobre a natureza e apresentam como correlatos a produção de instrumentos e de técnicas que são idealizadas ou

execradas. Acredita-se que esses sentimentos se manifestem, por ser próprio da subjetividade humana que o desconhecido cause medo e insegurança. Ademais, a própria condição da máquina explicita o poder e o conhecimento do homem, concomitantemente ao que ela revela de desconhecido e de limitação do mesmo homem. Assim, a máquina remete o ser humano a sua própria grandeza e o seu próprio desamparo.

A escolha do tema deste estudo, ligado ao ser humano e as suas relações com a informática, é motivada pela necessidade de refletir sobre os impactos que as tecnologias têm trazido às pessoas no mundo contemporâneo e, sobre os sentimentos despertados nas relações do homem com a informática. Em outras palavras, com a crescente disseminação do computador doméstico e a evolução do grande fenômeno de comunicação do século XX - a internet -, as pessoas têm sido envolvidas pela tecnologia da informatização. Essa relação enseja a necessidade de compreensão dos sentidos que elas atribuem a essa tecnologia e aos seus maquinários. Há outro aspecto que nos interessa investigar, pois, um grupo de pessoas que demonstra facilidade no acesso às novas tecnologias, apresenta dificuldades no uso deste instrumento, o que também demanda tentar compreender a queixa manifesta por essas pessoas, que afirmam apresentar dificuldades no trato cotidiano com a informática.

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu, em parte, pelo atendimento¹ a clientes em psicoterapia que apresentavam queixas referentes a dificuldades no trato com a informática, ou seja, foi despertado pelas observações individuais obtidas na prática clínica, atendendo às pessoas com

¹ Atuação como psicóloga clínica, com atendimento em psicoterapia de base analítica, desde o ano de 1983.

esse discurso. Nossas inquietações cresceram no decorrer da vivência profissional como professora universitária, atuando em uma faculdade de tecnologia², onde os alunos convivem continuamente com a máquina.

Dessa forma, tanto as observações, como as inquietações, somadas a um percurso pessoal de estudo da Psicanálise, levaram-nos a querer estudar mais profundamente as relações que as pessoas estabelecem com as tecnologias da informatização.

Nota-se que a maioria das pessoas tem buscado constantemente novos conhecimentos, novas informações que as levam a constantes mudanças e transitoriedade. O próprio acréscimo continuado de informações tem proporcionado condições para que as mudanças aconteçam de forma rápida na sociedade. Dessa forma, no campo tecnológico, a evolução da informatização tem produzido questionamentos de valores e de costumes pré-existentes na sociedade.

Muitas pessoas têm apresentado dificuldades em compreender e lidar com as mudanças do mundo contemporâneo e indagam a respeito da conexão entre a psicologia e as novas tecnologias, em que o ser humano e sua forma de pensar, relacionar, agir, e sentir sofreram alterações sob esse impacto. (Nicolaci-da-Costa, 1998).

A continuada antropomorfização da máquina tem produzido particularmente na relação entre o homem e o seu computador sentimentos negativos e positivos, às vezes intensos. Muitos usuários são impelidos pela surpresa, incredulidade e medo ao lidar com suas máquinas, pois o ideário

² Atuação como professora assistente na FATEC - Ourinhos, Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, curso de Processamento de Dados, disciplina de Relações Humanas, desde 1994.

liberal e a modernidade prometem que a tecnologia deve submeter-se às necessidades das pessoas, o que nem sempre acontece.

Pode-se notar o caráter mutante e contraditório da sociedade moderna, no qual o aspecto desenvolvimentista da modernidade nasce da ascensão da classe burguesa, do modo de produção capitalista e do discurso liberal. A organização das sociedades sob a égide da modernidade implica em modos de produção das subjetividades articuladas a essa rede social e simbólica e em novas formas de atendimento das necessidades humanas. Assim, o uso de novas tecnologias pode atender às demandas das pessoas, mas nem sempre se faz plenamente, momentos nos quais vemos na cultura atual a necessidade do consolo e da gratificação imediata, da superficialidade emocional, ocasionando resistência em relação ao contato com a subjetividade e ao contato interpessoal (Fagundes 2001).

O desenvolvimento tecnológico é um processo complexo, já que se trata de um processo cultural, social e psicológico. Aliado à alteração técnica e material, acontece uma mudança correspondente nas atitudes, nos pensamentos, nos valores, nas crenças e no comportamento das pessoas que são afetadas pela mudança material. A partir do momento que as pessoas se defrontam com o novo, sua aceitação ou rejeição depende não só da articulação cultural básica, de um padrão de relações sociais favorável e de possibilidades econômicas, mas principalmente de fatores psicológicos.

Alguns autores vêem com otimismo as transformações em andamento, vislumbrando a possibilidade da geração de uma inteligência coletiva e de uma tecnodemocracia (Levy, 1997; 2000). Outros, imaginam uma sociedade sem

consciência dos acontecimentos que ocorrem. (Fagundes, 2001; Civiletti e Pereira, 2002).

Como profissionais da Psicologia, por um lado, deparamo-nos constantemente com uma série de atendimentos nos quais as pessoas explicitam suas queixas e seu sofrimento psíquico relacionando-os com o uso de computadores ou de outras máquinas utilizadas no seu cotidiano. Por outro lado, no contato em sala de aula, com o trabalho de ensinar informática em um curso de Tecnologia, observamos como os alunos se envolvem com a máquina de maneira a apresentar sentimentos negativos e positivos intensos com relação a ela. Reconhecendo essas experiências assumimos que a máquina, particularmente o computador, como instrumento de trabalho, comunicação ou lazer, é o desafio moderno-contemporâneo, onde podemos nos maravilhar com a tecnologia ou nos recusarmos a reconhecê-la.

Nessa perspectiva, a sociedade, sua rede simbólica e a organização subjetiva das pessoas, podem ser compreendidas por intermédio de estudos das relações que os homens estabelecem com o desenvolvimento tecnológico. Em outras palavras, levando em consideração, que um grande número de pessoas busca envolvimento nas novas tecnologias, procuramos compreender as relações que as pessoas viessem a estabelecer com a informática, principalmente com o computador. Especificamente, tomaremos como exemplo as situações de pessoas com queixas de dificuldades nesse relacionamento.

Neste sentido, para possibilitar um panorama do contexto estudado, no primeiro capítulo, “Breve Histórico da Informática e sua Fundamentação: modernidade, progresso e a construção da máquina-computador”, traçamos um rápido histórico da modernidade e das tecnologias, o processo de origem

dos computadores, enfocando a evolução do homem na sociedade de informação.

NO SEGUNDO CAPÍTULO, “INFORMÁTICA E COTIDIANO: CRIANÇAS, FAMÍLIA E TRABALHO”, APRESENTAMOS E PROBLEMATIZAMOS ALGUNS ASPECTOS DAS INCIDÊNCIAS DA INFORMATIZAÇÃO NO COTIDIANO E NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DAS PESSOAS.

No terceiro capítulo, “Situações Psicanalíticas e a Informática”, anunciamos os conceitos e elementos básicos da teoria psicanalítica que pretendemos relacionar com a Informática.

No quarto capítulo, falamos dos recursos metodológicos utilizados para coletar os dados e analisar o problema investigado. Apresentamos, ainda, a análise de entrevistas realizadas com usuários de computador que apresentam queixas no trato com essas máquinas.

Por fim, ressaltamos que o presente estudo, embora distante de esgotar o tema apresentado, propõe uma reflexão para a sociedade atual em relação às novas tecnologias.

Capítulo I - Breve Histórico da Informática e sua Fundamentação: modernidade, progresso e a construção da máquina-computador.

Capítulo I - Breve Histórico da Informática e sua Fundamentação: modernidade, progresso e a construção da máquina-computador.

As novas tecnologias e os impactos que elas trazem às pessoas no mundo contemporâneo têm motivado pesquisadores a explorar essas vertentes, através de estudos e reflexões.

Calligaris (1999), em um de seus trabalhos, afirma:

Eu acho que existe uma grande reticência global, de todos nós em entender que o mundo em que estamos vivendo hoje, o mundo dos últimos 50 anos, talvez digamos deste século, que chamamos o capitalismo avançado e globalizado. Esse mundo talvez seja a maior mudança cultural desde o Cristianismo no ocidente. (p. 18).

Para entendermos essa mudança, precisamos compreender o processo que envolve a organização da modernidade e a idéia liberal de que o progresso, associado ao avanço tecnológico, traria benefícios à espécie humana.

A modernidade pode ser entendida como o período da história da humanidade no qual se consolidam os pressupostos da ciência e do homem como sujeito da razão. O homem, no seu desamparo frente ao desconhecido, à natureza e mesmo ao seu próprio corpo, sempre procurou explicações sobre a condição humana e a vida na terra. No mundo medieval, adstrito à civilização ocidental, essas explicações estavam referidas à teologia e à idéia de Deus como causa final. Porém, nos últimos séculos, consolida-se a busca pelo conhecimento calcado em outras bases. Assim, a compreensão dos fenômenos naturais, do corpo e do psiquismo humano, passa a ser orientada por pressupostos naturais, laicos e baseados nos próprios fenômenos.

Vários estudiosos nesse período estiveram preocupados em descrever e compreender o funcionamento do universo e da vida humana, tais como Galileu, Bacon, Copérnico, Newton, Giordano Bruno, alguns, até, pagando com a vida a ousadia de mudança do pressuposto orientado pela explicação divina para o parâmetro da explicação científica. Esses pensadores, além de inúmeros outros, ofereceram as bases para a concretização do projeto de ciência que amparou uma nova concepção de homem e delineou métodos que possibilitaram a consolidação do projeto da modernidade (Abbagnano, 1962).

Nesse cenário, ocorrem verdadeiras revoluções em todas as áreas do conhecimento humano. Reconhecendo a diversidade de posições teóricas

relativas aos métodos adotados pelos pensadores da época, eles se encontravam na ânsia de conhecer a natureza e encontrar os meios de torná-la eficaz (Bacon, 1979).

De uma forma geral, a perspectiva adotada pressupõe a visão mecanicista na sua equiparação com a máquina para a compreensão da natureza e do corpo humano. A idéia mecanicista e funcionalista pressupõe ser possível conhecer o funcionamento do mundo humano e natural a partir de relações de causa e efeito e se constata a preocupação dos precursores do pensamento científico com a observação e aferição dos dados e com a produção de conhecimento que pudesse oferecer controle sobre os fenômenos.

Nos planos econômico, social e político, a modernidade consolida o modo de produção capitalista, a proposta liberal que pressupõe o sujeito como indivíduo isolado do social, o ideário democrático baseado na democracia representativa com a cisão entre os espaços público e privado (Bobbio et al, 1986). Ainda, o projeto iluminista se destaca nesse cenário, pois oferece uma nova concepção de homem que o entende como dotado da capacidade da razão e apto a conhecer o real, ou seja, o sujeito moderno passa a ser o sujeito dotado de razão, capaz de conhecer o real e, portanto, a verdade (Abbagnano, 1962)

Ora, sabe-se que a modernidade, além das suas vertentes econômica, política e social, produz um modo de subjetivação que constrói subjetividades que se acreditam como constituídas por uma identidade e definidas por uma essência. A idéia de uma subjetividade coincidente com a consciência e com a verdade marca o sujeito moderno. Em outras palavras, a identidade

individualizada se baseia no pressuposto de uma unidade psíquica que constituiria o sujeito.

Para Berman (1986) o homem moderno é aquele que vive uma vida de paradoxos e contradições e se sente fortalecido pela crença de que detém o poder de controlar e destruir comunidades, valores, vidas e, com isso, transformar o mundo, sendo ao mesmo tempo revolucionário e conservador. A organização social, política e econômica, específica da modernidade, procura unificar a espécie humana ao redor de valores como as idéias de progresso, de civilização e do homem como indivíduo, produzindo, conforme a citação de Marx, um universo no qual “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

Berman (1986) traz um ensaio de história e literatura, dando uma visão dos tempos modernos na vida social, econômica e geográfica que envolve os séculos XIX e XX. O autor utiliza vários escritos de autores modernistas para analisar a perspectiva do mundo moderno. Assim, utiliza *O Fausto* de Goethe, *O Manifesto* de Marx, vários trabalhos de Baudelaire, dentre outros autores, para ressaltar que as vivências e estratégias da vida moderna têm sido alimentadas pela industrialização da produção, que vai transformando conhecimento científico em tecnologia, criando novos ambientes e destruindo outros, numa velocidade intensa que envolve as pessoas e a sociedade.

Na sua primeira dimensão, a modernidade seria entendida como o mundo industrializado, desde que o reconhecimento do industrialismo, passou a utilizar as máquinas como processo de produção. A segunda dimensão seria o capitalismo, um sistema de produção de mercadorias que engloba os

mercados competitivos de produtos, utilizando a mercantilização como forma de trabalho.

A modernidade, além de produzir formas sociais distintas, entre elas o estado-nação, também apresenta certa descontinuidade com as culturas e modos de vida anteriores a ela. Outra característica seria o dinamismo, no qual o ritmo do mundo moderno estaria em disparada, tanto ligado às mudanças sociais quanto à amplitude e à profundidade dos comportamentos que existam.

Conforme se apontou anteriormente, vários autores escreveram sobre a modernidade, entre eles Goethe, em "*O Fausto*", obra descrita e utilizada por Berman (1986) em suas análises. A história envolve o aspecto trágico e, embora o personagem de Goethe procure vislumbrar um mundo a partir do crescimento pessoal e do progresso, sem sacrifício humano, ironicamente seu próprio sofrimento envolve o desejo de afastar a tragédia da vida.

Fausto faz um pacto com Mefisto e dentre as ações que sedimentam essa aliança se encontra a renovação e a criação de uma nova sociedade. Essa criação envolve a transformação e destruição do antigo nos aspectos físicos e sociais, para o surgimento de novos lugares e novas pessoas, embaladas pelo desenvolvimento e pelo progresso. Contudo, um pequeno espaço de terra da costa que é descrita como tendo um chalé sobre dunas, uma capela com um pequeno sino, um jardim cheio de tílias que auxiliam e hospedam marinheiros, não sofre mudanças pois seus moradores resistem. Essas terras são ocupadas por Filemo e Báucia, um casal idoso, generoso, humilde e inocente, que mora há muitos anos no local e tem como alegria suas terras. Eles são pessoas que estão no caminho da história moderna, no caminho do progresso, do desenvolvimento e podem ser descartados. Fausto

torna-se obcecado com o casal e sua pequena propriedade e deseja construir uma torre de observação no local. Assim, oferece dinheiro para que eles deixem a propriedade mas eles não aceitam. Fausto convoca Mefisto e “homens fortes” para que tirem o casal de seu caminho e avisa que não lhe interessam os detalhes, e sim deseja que o terreno esteja livre na manhã seguinte, para que se inicie a construção do novo projeto.

Essa situação mostra o processo de funcionamento do moderno, que escamoteia suas incursões destrutivas sob a forma de técnica e da neutralidade: as ações são indiretas, impessoais, auxiliadas por organizações complexas. Mefisto comunica a Fausto que está tudo resolvido. Ele pergunta preocupado como o casal foi removido e fica sabendo que a casa foi incendiada e eles morreram. Fausto protesta contra a atitude de Mefisto, que sai rindo, pois ele fingira para si próprio e para os outros sobre como criar um mundo novo com “mãos limpas”. Essa situação produz uma série de questionamentos com relação a Fausto, embora a própria modernização, na qual o velho tem sua beleza, mas não resiste ao que o progresso possa oferecer, ressoa no próprio Fausto que também fica velho e se vê no meio do caminho, devendo ser afastado em função do progresso que avança.

Berman (1986) utiliza esse relato sobre Fausto para discutir que uma das promessas da cultura moderna seria a de manter vivo o pensamento crítico e a livre imaginação, sustentando os valores do progresso e do bem estar social. Entretanto, o crescimento desenfreado destrói as paisagens físicas e sociais de forma acelerada e consome as referências das pessoas em termos da sua localização subjetiva e cultural no mundo.

As pessoas aspiram a mudanças, transformações em si próprias e no mundo, mas ao mesmo tempo temem pela efemeridade das situações e principalmente pela sua representação de eu que se calca em valores que se desintegram rapidamente.

Em outras palavras, a representação da subjetividade como identidade é calcada em valores como individualismo, liberdade e isolamento pessoal, ou seja, os valores liberais e capitalistas estimulam a representação do homem como um átomo dissociado do social. Essa representação joga o homem em meio a uma imensa ausência de valores que possam agregar as pessoas e os expõem a uma abundância de oportunidades, por meio dos quais as pessoas procuram individualizar-se, apostando nesse valor como associado à liberdade. Porém, pagam um preço alto pois se sentem cada vez mais solitárias e distantes do outro e do mundo.

Para Giddens (2002), a modernidade é uma ordem pós-tradicional e marcada pela idéia do conhecimento racional e da identidade. Assim, a modernidade é caracterizada pela “reflexividade institucional amadurecida”, na qual as mudanças da vida social trazem transformações nas atividades dos indivíduos, ou seja, as transformações que as instituições modernas introduziram se envolvem diretamente com a vida pessoal, com o eu das pessoas, em que as influências globalizantes e as disposições pessoais se interconectam. Ainda, a modernidade institucionaliza o princípio da dúvida radical e determina que todo conhecimento pode ser experimentado, baseado em uma hipótese.

O autor esclarece que existem duas questões relativas à esfera política. Uma, que ele chamou de política emancipatória e a outra, política-vida. Para

ele, a primeira envolve o início do desenvolvimento da era moderna, quando o dinamismo das instituições modernas estimulou as idéias de emancipação humanas, busca valores de igualdade, participação, justiça e poderia ser chamada de princípio da autonomia. Isso significa que a vida coletiva deveria ser organizada de tal maneira que a pessoa conseguisse ter ações livres e independentes na sua vida social, na qual a liberdade e a responsabilidade seriam uma espécie de equilíbrio. Trata-se de uma política das oportunidades de vida, que liberta da vida social e das amarras da tradição e do costume.

Já a política-vida supõe um nível de emancipação da tradição e das condições de dominação hierárquicas. Trata-se de uma política de escolha, de estilo de vida, uma política de ordem mobilizada, de auto-realização, que se refere a questões políticas que fluem a partir de processos de auto-realização em contextos pós-tradicionais. A política vida envolve mudanças futuras e a criação de formas moralmente justificáveis de vida que promovem a auto-realização e uma ética que se refere à maneira de viver, ou seja, é uma decisão de vida.

O mesmo autor afirma que, a modernidade sustenta uma cultura de risco, pois, apesar das promessas de bem estar social terem se concretizado em alguns aspectos e terem reduzido o risco e a insegurança no tocante às doenças e às intempéries da natureza para uma parcela da população, ela introduziu novos parâmetros de risco ao produzir a diferença, a exclusão e a marginalização, para outra parcela da população.

Conforme se constata, a proposta de bem estar social propagada pela modernidade e pelo ideário liberal produz melhorias nas condições de vida de um grupo da população, alijando a maioria do acesso a essas melhorias. As

pessoas que não têm acesso aos benefícios, sejam eles sociais ou tecnológicos, sofrem com essa condição de uma forma direta e explícita. Sofrem, também, de uma forma implícita em decorrência do incremento da condição subjetiva vivenciada como identidade que produz a exclusão daqueles que não se identificam com os valores referendados pelos grupos que se encontram no poder.

Acompanhando a discussão posta e articulando-a à pesquisa em questão, ressaltamos o aspecto de que os valores do progresso, do desenvolvimento e da ciência em geral se articulam diretamente à produção de instrumentos necessários à operacionalização desses objetivos. Assim, a realização das melhorias que o ideário moderno propaga geralmente são produzidas por máquinas, o que coloca em evidência a relação dos homens frente à tecnologia e ao maquinário. Essa relação se explicita das mais variadas formas: na dependência, na resistência, na dificuldade do uso, na idealização, dentre outros. Frente a esse contexto, percebe-se que a modernidade é sustentada por máquinas, e que os homens e mulheres modernos necessitam de estabelecer contato e vínculos com elas.

Nesse cenário se consolida a afirmação da máquina como corolário do progresso e do avanço da humanidade, pelo menos do que a ordem moderna e a ciência contemporânea entendem como construção da civilização. A informática, nesse aspecto, passa a ser crucial para a consolidação da idéia de progresso e de domínio sobre a natureza, o que demanda o conhecimento da sua implementação e expansão, principalmente a construção da “máquina das máquinas”: o computador.

Considerando essas discussões, as relações das pessoas com a informática e, particularmente, com o computador, merecem serem analisadas. Para tanto, a compreensão da construção e expansão dessa nova máquina faz-se necessária.

2.1. A PRODUÇÃO DA NOVA MÁQUINA: O COMPUTADOR

A informática, segundo Franco (1997), é dividida em três fases: a primeira, que vai de 1942 até a metade da década de 1960; a segunda, que vai até o final da década de 1970; e a terceira, que vivemos atualmente. Também se deve considerar uma nova etapa a partir da expansão da internet ocorrida no começo da década de 1990.

O processo de concretização dos primeiros computadores teve origem durante a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos e alguns países europeus desenvolveram projetos de grandes calculadoras mecânicas, elétricas e eletrônicas, que seriam utilizadas para cálculos de balística. Nessa época, vários fatores, como interesses militares e novas descobertas científicas, forneceram bases para uma mudança radical, que representou a passagem de uma máquina, com propósito de cálculo, para outra, de processamento de informação. Isso iria transformar radicalmente o mundo no final do século XX, tornando-o cada vez mais ligado a uma rede de informação global.

Observando-se historicamente os fatos, entre os anos de 1942 e 1948, ocorreu no mundo um período de grande efervescência de idéias, quando

pesquisadores, vindos de todos os horizontes de disciplinas tradicionais, discutiram e aprofundaram conceitos, que seriam muito importantes e envolveriam informação, comunicação, complexidade, realimentação, controle, lógica, programação e regulagem. Além da informática, vários domínios especializados emergiram dessas idéias (Franco, 1997)

Nesse período surge também, com Norbert Wiener, o movimento cibernético, com projetos de simular atividades mentais, cujo objetivo principal era estudar os processos de comunicação e controle entre os seres vivos e as máquinas.

Outro acontecimento, no final de 1955, seria de grande importância e abriria novos horizontes, quando o futuro prêmio Nobel de Economia, Herbert Simon faz uma declaração chocante à comunidade científica mundial:

Neste Natal eu e Allen Newell inventamos a máquina pensante.
(Teixeira, 1998a, p. 9).

Poucos meses depois, um programa de computador chamado de “Logical Theorist” produziu uma demonstração automática de um teorema. Em seguida o programa foi aperfeiçoado e produziu a prova de mais 38 teoremas da lógica. Essas demonstrações foram publicadas em revistas científicas da época e tiveram uma grande importância histórica para a formação e institucionalização de uma nova etapa de evolução e mudança social. Surgia a Inteligência Artificial.

Com a Inteligência Artificial, abria-se a possibilidade, não apenas de replicar o pensamento humano, mas de lançar oportunidades de novos métodos para estudar as atividades mentais humanas.

A história, segundo Teixeira (1998a), que culminou com o aparecimento da Inteligência Artificial (I.A.) posteriormente com a institucionalização das Ciências Cognitivas, é rodeada de vários episódios interessantes que trouxeram uma transformação radical atrelada à imagem do mundo em constantes mudanças. Dessa forma surgiram conceituações que levaram as pessoas a fazer o reconhecimento nas várias fundamentações da Informática.

O percurso comum entre a cibernética e uma primeira informática, que se iniciou com a construção das grandes calculadoras, levou à consolidação de uma linhagem de máquinas universais: o computador. O desenvolvimento do computador marca também a separação entre a cibernética, da qual permanece a linha da inteligência artificial, e a informática, esta última tendo por objetivo o estudo das novas máquinas. (Franco, 1997, p. 27)

O primeiro computador foi projeto baseado numa grande calculadora eletrônica chamada Eniac (Eletronic Numerical Integrator and Computer), construída durante a Segunda Guerra Mundial para servir ao exército norte-americano. O Eniac utilizava a tecnologia eletrônica da vanguarda da época. Com ela surgiram outras máquinas, até que, em 1951, foi lançado o primeiro computador comercial, trazendo o rápido desenvolvimento da informática nos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Nesse setor, surge o modelo de computador 1401 da IBM, que vendeu mais de 14 mil unidades no início da década de 1960. Contudo, segundo Franco (1997), a renovação de hardware³ fazia com que o custo da atualização dos programas fosse um grande problema, pois os computadores dessa época eram de grande porte, centralizadores e caros.

³ Hardware - equipamento de computador, peça de metal e plástico, em contraposição aos programas que são executados em computadores (software).

A evolução das máquinas, que recebiam financiamento estatal, levou a indústria americana a dominar o mercado de computadores que já se aperfeiçoava tecnicamente, com novos padrões e novas linguagens de programação.

Philippe Dreyfys, citado por Breton (1991), criou na primavera de 1962, o termo em francês: *informatique* (information + automatique), que era a condensação dos dois termos: informação e automático.

No espírito de seu criador, esse novo domínio era um ramo do automático: o automático de Informação. (Breton, 1991, p. 43)

Desde o final da década de 1960, a IBM possuía condições materiais para o desenvolvimento de um microcomputador, mas o primeiro microcomputador comercializado sob forma de máquina foi o ALTAIR 8800, construído em torno de um microcomputador Intel 8080.

Ele foi vendido em kits montados e foi anunciado ao público pelas páginas da revista técnica *Popular Electronics*, em janeiro de 1975. Sua capacidade de processamento era de 65000 palavras de 8 bits⁴. Com isso estava aberto o caminho para as máquinas da série Apple e mais tarde os “PC” (personal computers) de todos os tipos. O primeiro, denominado Apple 2, foi introduzido em 1977 e o PC da IBM em 1981. No plano técnico, a microinformática tinha nascido.

Desde então, cada usuário poderia dispor de uma máquina que correspondesse às suas necessidades: todas as variedades de computadores, do maior ao menor, estavam presentes no mercado (ibid., p. 202).

⁴ Bits - um dígito binário, a menor unidade de informação de computador, transmitida como impulso único, significando ligado ou desligado, simbolizado por 1 ou 0.

As primeiras utilizações do computador foram militares, e passaram a apresentar, a partir desse momento, na história, uma corrida ininterrupta para o progresso que o computador iria assistir, às vezes com prejuízos para os usuários, que possuem um material caro, adquirido ao custo de alguns sacrifícios, e que, no entanto, se torna obsoleto em pouco tempo.

Nas últimas décadas, uma grande infra-estrutura de comunicação foi criada com a ramificação das linhas telefônicas. Com o desenvolvimento da informática, essas ligações começaram a ser utilizadas para permitir que computadores se comunicassem entre si. Estas ligações estariam vinculadas a certo tipo de hardware e de software⁵.

Formaram-se várias redes como a Bitnet, a Fidonet, a Usenet, a VMSnet e a Internet. Elas podiam compartilhar o mesmo hardware, mas usavam softwares diferentes. O software é conhecido como protocolo de comunicação. Ao conjunto de todas as redes, inclusive a Internet, chamou-se rede. Ela não é isenta de erros e incertezas, tampouco o computador é uma máquina infalível, mas possui uma grande capacidade de informação.

Assim, autores como Youssef e Fernandez (1988) afirmam que:

o intenso desenvolvimento dessa nova tecnologia chamada computador, que dá origem a Informática, vai acentuar o progresso da Ciência, principalmente por permitir ao homem uma ampliação de sua capacidade de processar e tirar conclusões de volumes cada vez maiores de informação (p. 10).

De uma forma geral, conforme se vê nessa recapitulação, o computador é uma máquina, mas uma máquina para a qual são transferidas funções

⁵ Software – um programa ou aplicativo ou sistema operacional, que um computador pode executar.

intelectuais humanas de várias formas. Ele faz o que seus programadores e usuários querem que ele faça, e não o que os próprios computadores querem fazer, ou seja, ele é programado por uma equipe de profissionais, que vão dotá-lo de funções e potenciais para os quais ele deve responder. (Button et al, 1998)

A partir do momento em que o computador foi inventado, surgiram técnicos que foram aperfeiçoando-o incessantemente. Os princípios de base, concretizados em 1945 e que determinaram a arquitetura dos computadores quase não evoluíram; as linguagens de programação passaram por um processo lento de evolução e, apenas o material básico utilizado para a execução do computador aperfeiçoou-se ininterruptamente.

Embora o usuário busque informação e diversão no computador, emoções e sentimentos, negativos e positivos, têm sido manifestos, demonstrando a crescente antropomorfização da máquina em relação ao homem. Assim, as colorações afetivas presentes nesse relacionamento, oferecem a possibilidade de acesso à compreensão dos complexos sentimentos e perturbações derivadas dos contatos dos seres humanos com a máquina.

Retomando a discussão anterior, sobre o histórico da informática, vemos que os primeiros computadores foram desenvolvidos para uso científico e de segurança ou defesa nacional, com isso, a informação se dava num âmbito restrito. Contudo, hoje, o homem se encontra mergulhado na sociedade da informação e necessita pensar em consonância com essa expansão. Em outras palavras, ele pode utilizar os benefícios que a máquina oferece, deixando, por exemplo, que várias tarefas sejam executadas por ela e

usufruindo a sinergia dos recursos intrínsecos de sua inteligência. Entretanto, uma outra face desse cenário se expõe, pois vemos que a máquina, em algumas situações, também traz dificuldades à vida dos homens.

Essa discussão é complexa, pois por um lado pode-se pensar que não é a máquina como instrumento, que traz benefícios ou dificuldade à vida humana, antes, a utilização que os homens fazem desse instrumento. Assim, a metáfora utilizada por Berman (1986) sobre o episódio do casal de velhos destruído pelo desenvolvimento e pelas máquinas, ou a quebra das máquinas no período da industrialização, comentada por Hobsbawm (1981), ou mesmo o crescente desemprego enfrentado por trabalhadores em decorrência da automatização das indústrias, oferece tanto a perspectiva de que a tecnologia não se associa diretamente ao sistema, quanto a perspectiva de que ela é fruto direto desse mesmo sistema. Em outras palavras, o ideário moderno e liberal demanda o modo de produção capitalista e a valorização dos maquinários tecnológicos em detrimento do humano. Porém, o quanto esses instrumentos se associam a esse sistema e o quanto podem ser utilizados de forma diferenciada e referidos a outro ideário social e econômico, é uma pergunta que permanece.

De qualquer forma, observa-se no cotidiano das pessoas que a sociedade depende cada vez mais de computadores e outros equipamentos tecnológicos em qualquer atividade que se desenvolva. É muito raro alguém, em qualquer situação, nos dias atuais, não se envolver com as novas tecnologias de informação. Nessa perspectiva, considera-se que o lugar da tecnologia e dos seus instrumentos no cenário atual merece ser

problematizado, particularmente, quanto às relações que as pessoas estabelecem com os recursos da informática.

Considerando que a máquina-computador foi desenvolvida como possibilidade de controle sobre a natureza, tida como extensão do pensamento humano, atuando a serviço do homem, e que ela assume cada vez mais um lugar antropomórfico, acredita-se nas possibilidades desse objeto ocupar um lugar simbólico no imaginário coletivo e singular dos homens. Essa idéia se sustenta principalmente se retomarmos as considerações anteriores, no sentido de que as máquinas foram construídas objetivando o controle do homem sobre o mundo físico e social e mesmo sobre o seu próprio corpo, mas que, no decorrer do processo de industrialização e de informatização da sociedade, revela-se tanto os limites desse controle quanto a utilização ambivalente do maquinário. No caso do computador, pode-se pensar no alarde mundial despertado pela possibilidade do denominado *bug* do milênio, ou a proliferação de *hackers*⁶ que invadem sistemas de grandes corporações e ameaçam desestabilizar a ordem econômica e quebrar o sigilo de informações de um grande número de pessoas (Garattoni, 2003).

Um dos aspectos mais importantes da mudança mundial nos últimos anos se manifesta a partir da segunda metade do século XX, momento em que as informações passam a ser tratadas com o uso dos computadores. Esse uso racional de informações, por meios automáticos, produziu o aumento constante do grau de informatização da sociedade, que tem provocado transformações que podem ocasionar impactos nos diversos setores da atividade humana, tais

⁶ Hackers - usuário versado em computação, especializado em burlar a segurança de outros computadores.

como nas organizações familiares, nas relações de trabalho, e nas escolas.

Discutir esses aspectos é a proposta que se segue.

CAPÍTULO II - INFORMÁTICA E COTIDIANO: CRIANÇAS, FAMÍLIA E TRABALHO.

CAPÍTULO II - INFORMÁTICA E COTIDIANO: CRIANÇAS, FAMÍLIA E TRABALHO.

Com o surgimento da geração de computadores que buscava o aumento de eficiência no gerenciamento e administração de empresas, percebemos que a população passa a se relacionar no cotidiano com as novas tecnologias. Entretanto, somente a partir da criação dos microprocessadores vai haver a popularização da informática, pois cada vez mais as pessoas estão se deparando com as novas tecnologias e sua evolução. A informática é cada vez mais aplicada com o objetivo de auxiliar o ser humano, auxiliando-o na produção da capacidade do próprio trabalho mental pessoal, em que o computador é um grande facilitador para as atividades dos dias atuais.

Os impactos que as novas tecnologias têm trazido à sociedade produzem transformações complexas.

Caminhamos para uma intelectualização de todas as tarefas humanas. Toda tarefa repetitiva e que não exige uma participação importante de faculdades mentais será, cedo ou tarde, confiada a uma máquina que conjugue as duas, isto é, uma máquina que realize a automação. (Ulmo et al, 1970, p. 36)

Portanto, estamos vivendo na era da Informática! Isso não é surpresa para mais ninguém, pois o computador faz parte do dia a dia da maioria das pessoas, quer no lar, quer no trabalho ou no lazer. Além disso, com a disseminação dos computadores, a internet passa a fazer parte do cotidiano de parte da população e exerce influência nas atividades das pessoas e nas relações que elas estabelecem consigo próprias e com o outro.

A origem da internet advém dos anos 60, quando laboratórios de pesquisas das universidades americanas recebiam verbas da ARPA (Departamento de Defesa dos Estados Unidos), para realizar ligações de computadores espalhados no país; essa rede experimental recebeu o nome de Arpanet. A Arpanet foi um sucesso. Em dois anos já havia 11 nós na rede, em 1977 eram 111 e em 1983 contavam-se 4000 nós.

Novas universidades entraram na rede, ocorreu a separação do Departamento de Defesa e em 1987 extingui-se a Arpanet. Surge então a NFSnet que foi a etapa inicial da rede⁷ global baseada no protocolo TCP/IP, que hoje conhecemos como internet. Esse sistema continuou a crescer de forma que surgiram ligações com a rede em outros países, em sua expansão surpreendente.

A internet apresenta uma grande evolução e firma-se como meio de comunicação importante. Sua própria expansão é favorecida pela popularização da microinformática, que torna mais acessíveis novas formas de comunicação, cada vez mais velozes e atuais.

⁷ Rede - (web) o nome mais comumente usado para denominar a World Wide Web, um conjunto interligados de documentos em hipertexto, denominados páginas da Web, que residem em servidores da Web e outros documentos, menus e bancos de dados.

No Brasil, a internet, a partir de 1990, é implantada com a RNP (Rede Nacional de Pesquisa), controlada pelo CNPq. Em 1995 o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia passam a estimular o surgimento de provedores⁸ privados de serviços de internet. O crescimento da internet pelos provedores privados no Brasil tem sido muito grande, fazendo com que o crescimento da rede acadêmica ficasse aquém da própria rede comercial. (Franco, 1997)

Vista como um caos organizado, ou como um caos que funciona, na internet tudo pode se ligar a tudo, com um “clique de um mouse⁹”, por meio do qual, nos dias de hoje, uma grande quantidade de pessoas tem contato direto e íntimo com o novo espaço cibernético e nele navegam com bastante liberdade sem sequer deixar o conforto de suas poltronas (Nicolaci-da-Costa, 1998).

A internet é uma tecnologia que transforma várias atividades humanas. Durante algum tempo, somente o mundo acadêmico utilizou os seus recursos. Atualmente, seu uso indiscriminado, torna-a um meio de comunicação e interação social, pois se trata de uma tecnologia da Inteligência. Através dela, emergem novas formas de expressão, não apenas pelo pensamento construído na escrita que podemos formar, inventar e criar conceitos, mas também pelo pensamento integrado na rede.

Contudo, reiteramos, várias vezes neste trabalho, a proximidade entre o ser humano e a máquina também traz muitas dúvidas e questionamentos sobre o assunto. Podemos exemplificar essa questão com o crescimento da informática na educação, no lazer infantil e nas atividades profissionais, que

⁸ Provedores - (provedores de acesso) uma instituição que provê acesso a internet, como um provedor comercial de serviços.

⁹ Mouse - um dispositivo usado para acionar os botões, barras de rolagem, etc.

produz uma série de situações diferenciadas e merecedoras de atenção por parte dos profissionais da psicologia.

A automatização da vida social, econômica, política e mesmo cultural cresce rapidamente no mundo todo. O computador, elemento tecnológico central desse processo, também faz a sua entrada na esfera educacional, não só na sua administração, mas também no processo ensino-aprendizagem. (Tenório, 1991, p.11)

Vivemos numa época de trocas muito rápidas, isso influencia nossa capacidade de operar e intervir na vida. Há quarenta anos atrás, uma criança divertia-se jogando bola na rua, lendo histórias. Atualmente, há uma variedade muito grande de desenhos animados, jogos de videogames inimagináveis, que fascinam as crianças, produzidos pela tecnologia (Pugliese, 1996).

As crianças têm vivenciado a incorporação maciça das novas tecnologias, nas quais as formas de brincar, a TV, o celular, a navegação pela internet, o próprio computador substituem em grande medida as atividades e operações da vida cotidiana, contribuindo para a produção de maior tempo livre; o que pode provocar, segundo Bellio e Edenburg (2000), angústia frente à velocidade de comunicação virtual e uma grande carga de ilusão, fato que interfere na vida psíquica de todos os seres humanos e principalmente no universo familiar.

Há uma grande diferença entre o adulto e a criança no uso do computador. Especialistas têm observado que a criança é capaz de começar tudo de novo quando o computador trava ou se perde, enquanto o adulto se desespera; as crianças são mais propensas a ensinar umas às outras e nem sempre sofrem pressão para aprender, conseguem explorar melhor o mundo à sua maneira.

É bastante comum o questionamento sobre a época ideal para a criança utilizar o computador, e o tempo que deve permanecer diante dele, de acordo com a idade. As crianças, cada vez mais cedo, têm entrado em contato com o computador e, esse relacionamento pode causar alterações no seu processo de desenvolvimento e de organização subjetiva.

Quando as pessoas utilizam o correio eletrônico, os *chats*¹⁰, que proporcionam um encontro com o próximo eliminando barreiras de tempo e espaço, elas estão buscando processos de comunicação que as deixem menos isoladas e mais próximas umas das outras. Hoje, na verdade, um traço comum nos usuários da internet não é o isolamento, mas a cooperação. Franco (1997) afirma:

Considero que esse espírito de cooperação tem dois motivos principais. Primeiro, pela origem da internet. Nascida em campi universitário e utilizada por pesquisadores foi natural o estabelecimento de uma ética e de uma etiqueta de comunicação democrática. Segundo, por necessidade. A complexidade da rede é tamanha, que não é possível que uma só pessoa conheça como ela funciona na sua totalidade, o conhecimento sobre ela só pode ser conhecido coletivamente. (...) A Internet foi construída por meio de um esforço cooperativo que se estabeleceu graças ao rompimento com o individualismo tradicional e de uma ética que valoriza a divulgação da Informação (Franco, 1997, p. 82).

Mas nem todos os seres humanos se relacionam da mesma forma com os desafios tecnológicos da sociedade atual. E o desafio do contato e da utilização da informática e dos seus equipamentos é instável em virtude das pessoas e da própria internet não serem algo estável. A internet pode ser comparada a uma cidade que está permanentemente em construção e a vida

¹⁰ Chats - (bate-papo) comunicação linha a linha com outro usuário pela rede de forma síncrona em tempo real, tal qual uma conversa telefônica e diferente de um intercâmbio de mensagens de correio eletrônico.

de seus edifícios é muito efêmera. São tantas as coisas novas, que não é fácil aprender, e o saber vai além dos limites da mente humana. O homem busca constantemente superar seus conhecimentos adquirindo cada vez mais informações.

No mundo moderno, o ato de aprender e de ensinar foi associado à escolarização, entretanto, a aprendizagem não se restringe à escolarização, ou seja, não se constitui diretamente e exclusivamente naquelas práticas realizadas na instituição escolar. O ato de aprender e ensinar supõe o processo de transmissão e assimilação de valores e conteúdos construídos pela humanidade, que se transformou ao longo da organização social. Esse processo também pode ocorrer tanto nas instituições formais, como a escola, quanto pode ocorrer no contato do sujeito com a família, com os grupos sociais, com a televisão, dentre outros grupos (Brandão, 1991).

O processo de aprender envolve o contato com o novo e a capacidade das pessoas envolvidas em reconhecer e saber lidar com diferentes experiências. Assim, esse processo pode acontecer em situações formais e informais de ensino-aprendizagem. A informática envolve necessariamente o encontro com o novo e demanda a suportabilidade das pessoas para com esse contato.

Para que ocorra a aprendizagem, é necessário que transcorram vários movimentos, pois “quem não se mexe nada aprende”. Em outras palavras, é necessário partir, sair, deixar-se viajar, mudar de lugares e de posições física e emocionalmente. Toda evolução e todo o aprendizado exigem o que Serres (1993) denomina de passagem pelo lugar mestiço, onde o conhecimento esteja ele associado ao pensamento ou à invenção, não cessa de passar de um lugar

mestiço ao outro. O lugar mestiço é o lugar do não sentido, aberto às referências, é um lugar situado entre a ciência e a cultura.

No contexto com a informática e as novas tecnologias, as pessoas desenvolvem seus movimentos, sua passagem pelo lugar mestiço, onde o novo pode tornar-se agradável ou aversivo. A psicologia pode contribuir com a discussão sobre o envolvimento dos usuários na questão da informática, a partir de uma perspectiva qualitativa e voltada para os aspectos do aprendizado.

Outra questão que se observa no mundo moderno e nas suas relações com a informática e com o ato de aprender é que, há algumas décadas atrás, em função de qualquer dificuldade ou dúvida, os filhos buscavam nos pais, nas gerações anteriores, a transmissão de conhecimentos e respostas que os ajudavam a ingressar no complexo mundo adulto e do trabalho. Atualmente, as gerações precedentes no tocante à informática não dispõem em muitas situações de informações para suprirem a demanda dos filhos.

Autores como Costa e Katz (1996) afirmam que com a modificação da sociedade ocorreram alterações como a ruptura da tradição familiar, o ingresso precoce em um mundo novo, marcado pela fluidez das idéias, pela perda da autoridade paterna e da própria debilidade ou inadequação de papéis, que conduz à principal característica: em vez de filhos escolherem os pais como modelos, estes é que se identificam com os filhos. Conseqüentemente, os filhos encontram um modelo familiar frágil no qual os pais, privados de maior conhecimento da era tecnológica, interpretam insuficientemente as exigências de conhecimentos de novas tecnologias que a sociedade atual impõe.

Os novos tipos de família estão aumentando cada vez mais. Gradualmente, a maioria das famílias terá em seu ciclo de evolução duplas-jornadas de atuação da mulher, pois o modelo tradicional de família consistia em um dos cônjuges (o marido) estar envolvido num trabalho remunerado, enquanto a mulher se envolvia com a administração da casa e atenção aos filhos. Atualmente, o casal tem procurado lidar com sobrecargas de papéis, mudanças nos modelos de conduta, mudanças nos modelos identificatórios, pressões da sociedade e principalmente os maridos procuram organizar suas necessidades de ordem pessoal, de trabalho e familiar (Duxburry e Higgins, 1991)

A complexidade em lidar com essas situações leva os casais a procurar conciliar o trabalho à vida familiar, o que nem sempre conseguem, deixando as crianças de lado, envolvidas com a TV ou com brinquedos tecnológicos.

Antigamente, os filhos esperavam dos pais a transmissão de conhecimento e das respostas que os auxiliavam no entendimento do mundo, da sociedade e da própria família. Atualmente, o adolescente ingressa precocemente em um mundo novo que o incentiva a desligar-se da família nuclear e, no qual, os pais têm sua autoridade questionada. Conseqüentemente os pais têm sua função modificada e demonstram fragilidade, situação que segundo (Costa e Katz, 1996) estaria estimulando a produção de vínculos familiares fraternizados, possibilitando o declínio da autoridade paterna e a constituição de uma sociedade marcada pela força dos vínculos estabelecidos entre os irmãos.

Reconhecendo o caráter especulativo da hipótese sobre a predominância dos vínculos fraternos e do declínio da função paterna nas

redes de sociabilidades contemporâneas, interessa considerar que mudanças podem ser observadas no cotidiano das pessoas, nas relações que elas estabelecem consigo próprias e com o mundo que as rodeia e, portanto, na sua subjetividade. Outra área afeita a essas alterações diz respeito ao mundo do trabalho, afetado de forma direta pela implantação e expansão da informática.

Ora, os aspectos ressaltados acima merecem ser explorados particularmente nas suas conseqüências e nas relações com os homens. Primeiro, existe o fato de que o computador é uma máquina pensante, mas que, contraditoriamente, apesar de ter sua inteligência construída à semelhança da inteligência humana, ela é limitada e posta - pelo menos segundo o discurso propagado pela modernidade -, a serviço dos homens. Segundo, o fato de que a necessidade de técnicos especializados na construção e aperfeiçoamento dos computadores e de seus inúmeros recursos ensejou o estabelecimento de novas relações de trabalho e de produção de sofrimentos psíquicos associados a essas novas condições.

A engenheira de software Ellen Ullman escreveu o livro *Perto da Máquina* (2001) no qual descreve sua experiência e vivência com o mundo da informática. Ela reside na cidade de São Francisco, “meca” do mundo dos computadores e faz uma descrição interessante e bem-humorada de várias fases de sua vida, nos aspectos profissionais e pessoais que envolvem o trato com computadores e com pessoas a eles ligados. No seu relato, embora utilize nomes fictícios, ela fala de pessoas e de situações concretas que têm participações diretas na sua vida. A trajetória de seus escritos mostra a evolução de seu pensamento em relação à máquina e às mudanças

produzidas na sua subjetividade, a partir de novas experiências com suas conquistas e frustrações.

Ela descreve situações de trabalho quer em equipe, quer sozinha, nas quais critica o trabalho dos engenheiros de software com os aparatos da tecnologia de última geração. A crítica se dirige à absorção da vida desses profissionais pela produção cada vez mais rápida e eficiente de programas¹¹, pois a vida dos programadores de computador gira em torno da necessidade de acreditar na impessoalidade e tecnicidade do seu trabalho e na necessidade de produção de materiais que hoje são considerados de última geração e depois de seis meses são descartados como desatualizados.

Para a autora, durante certo tempo, o mundo foi um lugar calmo e previsível, guiado por leis estáveis e racionais, assim como a matemática que guiava a produção dos seus programas. Nesse mundo, o homem e a máquina buscavam se harmonizar numa forma que se associava a um diamante que foi lapidado. No começo do contato com a máquina, ela descreve o estado eufórico em que vivia com a crença de que dominava uma linguagem lógica e racional, ou seja, a linguagem do computador. À medida que os anos passaram começaram a aparecer irregularidades no pensamento - seu e da máquina - e ela observa que algumas situações nas quais essas experiências afloram ficam reservadas no que chamou de “cantos sossegados da mente”. Inicialmente, sua crença era de que o computador não tem cantos e nem planos e, mesmo que todos tentem vê-lo como um cérebro, se algo acontece em seu plano de instrução ou se ocorre um defeito no chip¹², é porque o computador está quebrado ou o operador não corresponde. Entretanto, ela vivencia situações

¹¹ Programas - aplicativos e softwares.

¹² Chip - é um dispositivo de hardware que condensa vários circuitos eletrônicos.

em que essa lógica desaparece e com isso ocorre o processo de frustração, porque ela busca respostas em várias situações nem sempre de fácil compreensão.

Hoje estamos ligados e presos à rede global, onde a droga nova seria o instante, o agora, o universal e, citando os versos de uma música de Gimme Shelter, dos Rolling Stones, e o anúncio do jornal *The Gate* de São Francisco que diz,

*War, children,
it's just a shot away, it's just a shot away*

*The entire world
Is just a click away*¹³ (Ullman, p.35, 2001)

Ullman (2001) também descreve sua predileção por caminhar em ruas de verdade, em meio a pessoas de verdade, deixando para trás caixas eletrônicos e indo pessoalmente a bancos, onde ainda é atendida por bancários. Ela se recorda, quando entra em um banco, do movimento de pessoas que iam fazer suas transações financeiras na época de sua infância. As pessoas se arrumavam, perfumavam-se, conversavam, enquanto no mundo de hoje nada disso tem lugar, pois se vive no universo eletrônico, com bancos on-line¹⁴, rápidos, cheios de caixas automáticos.

Esse comentário é feito pois ela tem seu escritório montado em seu apartamento, onde funciona sua firma de assessoria, o que a leva a passar vários períodos isolada em casa. Assim, ela analisa a questão do esvaziamento de pessoas nos centros comerciais e financeiros de grande importância como em Wall Street (New York - USA), no qual muitas pessoas

¹³ “Para começar a guerra, crianças, basta um tiro, basta um tiro.
Para ter o mundo inteiro basta um clique.”

¹⁴ On-line - conectado, ligado.

deixaram de trabalhar nos escritórios, nas empresas, para trabalhar em suas próprias casas, sozinhas, diante do monitor.

Outra análise da autora diz respeito à relação entre o homem e a máquina, por meio da qual entende-se que o homem é o repositório do conhecimento, o agente inteligente, a parte ativa, é o usuário que cria a informação e dá forma aos dados, enquanto na internet a relação é totalmente invertida, o usuário faz apenas buscas, a net é o repositório do conhecimento, pois a informação vem exposta, interligada, mastigada. Percebe-se que a máquina não é tão maleável e que não pode compreender os pequenos ajustes da realidade humana.

A autora afirma que gostaria de pensar que o computador é neutro, como uma ferramenta qualquer que serve para construir uma casa, ou machucar o cérebro de alguém. Sua opinião é a de que o computador destrói a antiga e lenta altura de deveres, costumes, leis e a própria vida social. Ela acha que acreditamos estar identificados com essa máquina a ponto de pensarmos que ela tem cérebro, memória, mas ela não é como nós, é somente uma projeção, onde depositamos uma pequena projeção de nós mesmos.

A autora relata dois episódios bastante interessantes. Em um deles, seu amigo encontra um antigo mestre em “Java”, um tipo de linguagem de programação, e ele questiona há quanto tempo ele é mestre nesse assunto, sendo que Java só tinha um ano de existência na época. Então o amigo diz que ele aprendeu havia alguns meses, mas isso já era antigo nos dias de hoje, mostrando que o tempo, em relação à máquina, é bem diferente do que era, e hoje se privilegia o imediato.

Outro episódio é que em contato com esse amigo ela comenta sobre os manuais que guardou quando começou sua vida profissional e ele diz que eles são velhos, só servem para jogar fora. Ela sente-se desvalorizada, achando, com isso, que a própria experiência que desenvolveu utilizando-se desses manuais é descartável, pois a informática é o novo que se deseja e, quanto mais novo e mais moderno, melhor.

A autora questiona o trabalho isolado de outras pessoas, e esclarece que a idéia de poder contar consigo própria não significa que desistiu de ser pessoa, mas que também quer pessoas a sua volta, que haja espaço, não só para trabalhar com o computador, mas também para os sentimentos, onde se viva não só nos contatos virtuais, mas também nos contatos concretos. Ela começa a pesar a idéia da existência concreta e a questionar sua relação com o mundo mediada pela máquina. Os colegas virtuais reconhecidos pela autora, em função do tempo que passam sozinhos, pois vivem na esfera onde a máquina media tudo, quando se vêem frente ao mundo real, com pessoas, movimentos, sol e vento, sentem o mundo e as pessoas como antiquadas e inadequadas. Entretanto, ela ressalta que o caminho do trabalhador é inexorável, que o trabalho virtual será o futuro de todos e os trabalhadores passarão a trabalhar cada vez mais sozinhos diante do monitor.

Apesar dos vários questionamentos feitos à relação do homem com a máquina, afirma ter sentimentos em relação aos computadores, quando adquire várias máquinas para ampliar sua empresa, sente ternura por eles, coloca nomes neles, e sente que na empresa virtual eles são seus verdadeiros colegas. Entretanto, ela percebe que eles estarão velhos bem antes dela, e então poderão ser descartados, pois a lógica da sociedade é que se uma

máquina quebrar, outra melhor poderá ser construída, ou então poderão ser descobertos todos os seus segredos para poder assumir seu controle.

Conforme se vê, acompanhando o relato dessa trabalhadora da informática, o universo dos engenheiros de software não corresponde à idealização projetada sobre essa profissão. Seu relato questiona o lugar de profissionais onipotentes e marcados pela racionalidade que os acompanha. Permite-nos pensar, também, no lugar simbólico que a construção de máquinas pensantes ocupa no mundo humano e sobre os sentimentos suscitados por e nesse contato.

Assim, reconhecendo que a autora está inserida na sociedade norte-americana que se diferencia em vários aspectos da sociedade brasileira, acredita-se encontrar vários pontos de contato entre suas análises e o que se observa na sociedade nacional. Apesar da expansão dos computadores e da internet na sociedade brasileira ser bem mais restrita do que a existente na sociedade norte-americana, podemos verificar que várias empresas funcionam baseadas no computador e na internet, com um número restrito de funcionários. Como exemplo, cita-se empresas como bancos, que atualmente dispensam grande parcela de seus funcionários e aderem aos sistemas on-line e aos caixas eletrônicos.

Chama a atenção, principalmente, a análise da autora quanto ao funcionamento do mundo moderno nos aspectos de vivência do tempo, que corre rápido, instaurando a volatilidade e o imediato nas relações e no próprio mundo físico. Nesse ponto do relato, recordamos das análises de Berman (1986) e da atualidade da frase de Marx, pois “tudo que é sólido se desmancha no ar”, ou seja, a efemeridade do mundo moderno desconcerta o ser humano,

que muitas vezes se percebe desamparado frente à variedade e à volatilidade das situações e experiências com as quais se defronta. Uma das conseqüências que se pode presumir é a de que essas experiências questionam os referenciais das pessoas de organização psíquica e de localização no mundo, colocando em suspenso sua representação identitária e gerando angústia e medo..

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito à internet, que se encontra amplamente disseminada na vida norte-americana. Porém, ela também se encontra presente na vida de uma parcela dos brasileiros. Além disso, ela se encontra instalada em escolas, repartições públicas, bancos e agora temos um projeto do governo federal que pretende instalá-la nos correios. Assim, interessa pensar sobre o funcionamento e a disseminação desse sistema, tão rápido e produtivo e que oferece inúmeras contribuições à vida das pessoas. Vale ressaltar que ele pode sofrer colapso no que envolve a rede global, e para isso ocorrer não vai ser necessário que algo tão grave como um terremoto ou uma revolução, aconteça. Basta uma falha, um defeito, e todo o sistema é paralisado trazendo problemas para as transações mundiais que ocorrem via internet, com muitos e profundos transtornos para usuários do sistema, como para todos. Percebe-se, com isso, que a rede é complexa e também muito frágil.

A rede global pode revelar-se conservadora e aprisionar as pessoas em suas casas impingindo-lhes valores liberais, com as idéias de que tudo tem que acontecer rápido demais; o próprio ciclo dos produtos eletrônicos tem que ser de seis meses, senão estará ultrapassado e o usuário também. Entretanto, ela também pode ser criativa e revolucionária, e até o subcomandante Marcos,

líder rebelde zapatista surge das florestas mexicanas, para anunciar suas convicções pela internet (apud Nugent, 1999).

Quando algo é inovador e não se sabe como funciona, fica-se na defensiva, recusa-se o contato e a aprendizagem. Talvez seja por isso que as novas tecnologias sejam alvo de vários ataques e também de idealizações. A questão é que se torna difícil analisar e compreender as transformações atuais com as perspectivas da modernidade, ou seja, não podemos ver só negatividade ou a passividade nas novas tecnologias, pois denunciar o computador como terrível ou idealizá-lo, pouco ajuda a esclarecer a questão das novas tecnologias, podendo até obscurecer a problemática.

De certa forma, as incessantes transformações que os avanços tecnológicos proporcionam solicitam uma nova forma de olhar, uma aprendizagem constante. Mas, repetimos, os seres humanos apresentam maneiras diferenciadas no seu relacionamento com os desafios da sociedade atual. Entre eles, o desafio da informática e de seus equipamentos.

Dessa forma, reconhecendo o fato de que alterações nas estruturas familiares, no processo de aprender, nas relações de trabalho e na produção subjetiva, estão associadas às tecnologias e se encontram em discussão, não podemos negar que a era da tecnologia tem ampliado as possibilidades em todos os campos. Ela é uma parte da cultura, e as mudanças culturais são necessárias à sociedade contemporânea. A pergunta é: qual seria a cultura adequada ao homem tecnológico? Existiria essa cultura ou a tecnologia com a máquina predominando continuará a se configurar como o fogo roubado dos deuses?

O homem tecnológico, conceituação proposta por Ferkiss (1972), é considerado um ser completo que tende a universalizar a identidade política, negando as diferenças humanas, a diversidade de sentimentos, as linguagens, culturas e raças. Ele será o controle de seu próprio desenvolvimento, será um novo tipo cultural que influenciará todos os níveis de liderança da sociedade. O homem tecnológico estará adaptado à ciência e à tecnologia, e dominará as duas, ao invés de ser dominado.

Conforme se vê, trata-se de um mito, que revela a expectativa do homem de encontrar um modelo civilizatório produtor de uma cultura que se harmonize com a natureza. Esse mito reitera a discussão sobre a proposta moderna de domínio do homem sobre a natureza, a partir da produção da ciência e da máquina, pensando agora, em um modelo cultural que produz um homem que também domine a ciência e a máquina, já que essas passaram a se constituir também em objeto que fascina e produz benesses, mas, ao mesmo tempo, também produz sofrimento e mal-estar. Quais aspectos se revelam contraditórios no projeto da modernidade e da construção do conhecimento e controle sobre a natureza? O que coloca a “máquina sob suspeição”, que leva os trabalhadores no processo de industrialização a quebrarem as máquinas (Hobsbawm, 1981) e no mundo atual a questionarem suas vidas em frente a tela de computadores como faz Ullman (2001)?

Discutir alguns aspectos dessa questão pode nos auxiliar com o trabalho que desenvolvemos, particularmente os aspectos atinentes às relações estabelecidas entre um sujeito marcado por uma produção subjetiva moderna e as relações de sociabilidade encetadas pela informática, principalmente as realizadas com o computador. Em outras palavras a construção do sujeito

moderno é amparada pela representação do eu como identidade (Giddens, 2002; Birman, 1999). Essa representação é constantemente questionada e atualizada pelos sujeitos nos seus contatos diários com o outro e nas suas experiências. Entretanto, essa representação é mobilizada nos contatos realizados pelo usuário com o computador e, particularmente, nos contatos com outras pessoas, realizados na internet, a partir de possibilidades variadas postas por esses instrumentos da informática. Na seqüência, passamos a discutir alguns aspectos dessas questões.

4. Capítulo III - Situações Psicanalíticas e a Informática.

Capítulo III - Situações Psicanalíticas e a Informática.

Observa-se no cotidiano das pessoas que, a cada dia, a sociedade depende mais de computadores e outros equipamentos tecnológicos em qualquer atividade que desenvolva. É muito raro alguém em qualquer situação, não se envolver com as novas tecnologias de informação.

A tecnologia moderna imprime um ritmo intenso e acelerado no que se refere à comunicação, criando um novo perfil de um homem tecnológico.

Informações chegam e vão, via fax e pela rede, a todas as partes do mundo, tornando impossível ao homem estar permanentemente atualizado, tamanhos volumes e velocidade com que circulam.

As pessoas conhecem múltiplas fronteiras geográficas, étnicas, culturais, econômicas, sociais e o uso do correio eletrônico e do *chat* proporciona um encontro com o semelhante, eliminando barreiras de tempo e espaço. Encontramos, assim, aquele que se anima a dizer que possui amigos na rede - como são chamados os amigos virtuais - e a pergunta que surge é como se pode ser amigo de alguém a quem nunca se viu, tocou, ouviu ou abraçou. Confundem-se valores de presença com a virtualidade e as reflexões a respeito desses contatos são retardadas e pouco aprofundadas, em função do caráter imedialista da comunicação.

As relações entre os seres humanos, possibilitadas pelo computador, proporcionam a emergência de novas formas de contato social, quer através de bancos de dados, de trocas de mensagens pela internet ou pelos *chats*. Em decorrência, no bojo dessa rede de sociabilidade, encontramos o afloramento e

expansão das relações virtuais, que são novas maneiras de interação nas quais o tempo e a distância estão articulados de forma específica.

As relações virtuais envolvem novas feições com o advento da informática. Uma das possíveis mudanças que esse cenário acarreta, implica na produção de uma sociedade que estimula o ser humano a viver a realidade de forma mais recortada, em que seja possível recuar uma parte do real, pois, lida-se mais com signos, com o imaginário e com a cópia, do que com o próprio, real, concreto.

Têm-se discutido muito sobre a relação entre o virtual e o real concreto. Alguns até prevêem o crescimento do virtual de forma que o homem cada vez mais irá se expressar dessa maneira (Porto, 1999).

Contudo, é necessário lembrar que o mundo virtual está relacionado ao mundo dito real, e está inserido no contexto da nossa sociedade de consumo, pois a tecnologia não pode ir além da própria compreensão humana, já que foi construída por seres humanos.

Provavelmente a próxima geração de indivíduos, a geração daqueles que nascem sob o efeito das novas tecnologias, não irá se preocupar com os relacionamentos rápidos e passageiros, pois entenderá como natural esse relacionamento baseado em aspectos instrumentais, utilitaristas e momentâneos.

Por um lado, os computadores ligados à internet ampliam as comunicações de maneira mais fácil e rápida, numa aproximação entre culturas e sociedades das mais diversas:

A Internet e toda a nova tecnologia é uma aquisição valiosa da modernidade e não deve ser desprezada, nos permitindo descobertas imprescindíveis a todo campo do saber humano (Pugliese, 1996, p. 15).

Por outro lado, a modernidade oferece a internet como instrumento passível de ser utilizado para a fuga da dor da existência humana, possibilitando as pessoas encontrarem maiores gratificações durante a vivência das relações emocionais (Gevertz, 2000).

Em outras palavras, o próprio uso da internet pode causar impactos negativos nas relações humanas, fazendo com que haja uma mudança no círculo social e uma diminuição da comunicação familiar. As novas tecnologias são capazes de diminuir ou substituir o contato interpessoal, no qual o próprio relacionamento humano se dá entre um ser humano e uma máquina, tirando a riqueza emocional das relações interpessoais e a plenitude do viver, afastando as dores e as angústias próprias dos seres humanos.

Embora um grande número de pessoas busque durante suas vidas a idealização de um lugar onde estejam livre de responsabilidades, dissabores, o amor seja incondicional, as pessoas ilimitadas, bonitas, perfeitas. Elas necessitam, durante o desenvolvimento do seu psiquismo, lidar com experiências de morte, de finitude, de insatisfações e essas experiências ensejam sofrimento psíquico que decorre do fato de saberem que dependem de outras pessoas para satisfazer suas necessidades e, de que precisem lidar com o fato de saber que não serão satisfeitas de acordo com seus desejos.

Os espaços lúdicos interpessoais estão sendo substituídos pelos jogos eletrônicos e pela realidade virtual que servem como substitutos da relação pessoa a pessoa, tão importante e necessária para o enriquecimento psíquico.

No ato de relacionar-se com a máquina, o contato humano se perde, tirando toda a riqueza emocional da relação interpessoal.

No mundo virtual, tudo é possível, não existe o limite, a finitude, a pessoa pode apresentar-se como gostaria de ser, ou seja, idealiza-se. Ela é construída pelas palavras, na tela do computador. Isso nos leva a pensar nos conceitos de realidade concreta e de realidade psíquica e que podem ser observados operando intensamente no psiquismo na relação homem-máquina.

Enriquez (1997) e Corrêa (1998) afirmam que vivemos intensamente o presente (culto do efêmero), reforçamos a ascensão do individualismo, voltamo-nos a nós mesmos, e para os valores privados, ocasionando com isso um mal-estar generalizado; na qual um mundo contemporâneo tem apresentado questões que não existiam em décadas passadas, quando as regras eram mais definidas, os ideais da razão e das normas universais prevaleciam, o mundo e o espaço eram vivenciados como reais e concretos. Hoje, com a realidade virtual advinda da tecnologia, da linguagem aberta na rede (internet), qual consistência de realidade assume o mundo?

O estudo da organização psíquica comprova que lidar com o simbólico é inerente à espécie humana e, tanto o cotidiano dos chamados normais quanto as patologias em casos extremos, servem de exemplo. Assim, o ser humano em grande medida nas suas relações com o outro e consigo próprio já trabalha com os signos e com a cópia, em detrimento do denominado real. O advento da informática e das novas tecnologias intensifica essa situação e cria novas modalidades de experiências com o virtual.

4.1. Experiências com o computador: a internet, o virtual e a identidade.

A palavra virtual vem do latim medieval “virtuales” derivado de força, potência, e não se assemelhava ao sentido atual. Entretanto, a partir do século XIX passa a ter a seguinte conotação:

que existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual. Registro de 1913, adaptado do Francês “virtuel”, derivado do latim “virtualis”, de “virtus-utis”. (Cunha, 2000, p. 824)

Da qual Levy (1997) faz comentários a respeito, sendo empregada atualmente para significar a simples ausência da existência da realidade concreta, sendo o virtual a ilusão.

No mundo da realidade virtual, o outro existe visto de uma forma diferenciada. Prevaecem a criação e a imaginação de cada um. O real concreto é substituído pelo real virtual, no qual a vida seria vivida como uma ficção. Salienta-se o cotidiano da maioria das pessoas está presente a operação de apropriação do real. Porém, existe um fundo mínimo de contato com o outro e com o mundo, no sentido de que as pessoas se vêem, tocam-se, falam, ou seja, existe um parâmetro mínimo sustentado pelo grupo ou por um terceiro que estabelece a realidade compartilhada. Entretanto, no virtual, em função do não ver, não tocar e muitas vezes por se tratar de uma relação na qual não comparece o terceiro que funcionaria como parâmetro à construção

da realidade, o simbólico tende a se sobrepor à realidade coletiva, compartilhada pela maioria das pessoas.

No mundo virtual ficcional, a realidade sócio-cultural vai se tornando cada vez mais ambígua para poder conter dentro de si todas as diferenças como se fossem iguais... A realidade virtual passa a ocupar o espaço da reflexão crítica, que antes era feito no relacionamento interpessoal. Evitando-se os sentimentos de separação, ausência e falta, o desenvolvimento psico-emocional fica obstruído. (Gevertz, 2000, p. 16)

Para Gevertz (2000), na realidade virtual pode-se tudo e esse tipo de experiência propicia o desaparecimento da discriminação pessoa-outro, estimulando a falta de vivência de limite. Dessa forma, a mente passa a reagir aos estímulos rapidamente e a repercussão desses estímulos na esfera emocional leva a mente a perder gradativamente a função de trabalhar sobre as experiências emocionais e sobre a vida psíquica.

Ainda, segundo a autora, passa a ser a química que se faz presente no cérebro a comandar o mundo emocionalmente e não mais a linguagem. Com isso, o envolvimento interpessoal e a linguagem seriam ignorados como estruturantes do mundo psíquico, reduzindo-se a capacidade simbólica do ser humano, quando se contrapõe às concepções psicanalíticas no sentido de que o pensar só é possível na ausência do outro. Para que isso ocorra é necessário que a pessoa tolere as singularidades de cada um, reconhecendo com isso suas características e necessidades humanas e procure se adequar à realidade psíquica para obter experiências prazerosas. Pensando que pode viver no paraíso do real virtual, o ser humano se empobrece e se desumaniza, para fugir da especificidade da experiência humana, colocando-se num vazio que propicia o isolamento e a solidão; para a psicanálise, não há realidade

consistente e mensurável sem a linguagem, sem o simbólico e sem a cultura. (Nogueira Filho, 2000).

A ilusão da proximidade entre as pessoas e a fuga à realidade concreta e coletiva, podem ser consideradas como pontos negativos da virtualidade, considerando-se que:

desconectar da vida e do contato direto olho no olho com os outros não vai resolver os problemas ... de ninguém. Muito pelo contrário, a vivência cotidiana de duas realidades que não se interpenetram pode ser muito angustiante e é vivida como “pirante” por muitos usuários. Além disso, viver exclusivamente nessa realidade, quer dizer, quase que exclusivamente, porque ninguém pode viver num espaço que não tem existência física - certamente torna o usuário presa fácil de mentiras e manipulações, o que por sua vez, pode gerar grandes decepções e sofrimentos e acabar transformando a vida “real”, do qual esses mesmos usuários estão tentando escapar. (Nicolaci-da-Costa, 1998, p. 261)

A relação estabelecida na realidade virtual pelo homem com a máquina tem sido marcada pela efemeridade, transitoriedade e volatilidade. Essas marcas constituem momentos que a sociedade vivencia e nos quais as pessoas abusam das “personalidades” idealizadas pela mídia, buscando ilusões, inclusive relativas a sua própria identidade. Assim, elas procuram se reconhecer em livros de auto-ajuda, esoterismo, terapias milagrosas, seitas religiosas emergentes, novas tecnologias com fórmulas purificadoras, transformações do corpo num ideal impecável de beleza. O ambiente virtual contribui para a emergência de novas identidades, editadas conforme a necessidade do contexto em que o usuário vive, nas quais aspectos recalcados podem estar presentes no psiquismo, atuando no jogo de forças que sustenta a representação do próprio eu. (Civiletti e Pereira, 2002).

Coelho Junior (2000) discute e analisa a questão da realidade material e da realidade psíquica e propõe o termo “realidade clínica” para descrever diferentes planos do real presente numa situação clínica. A ela corresponderiam a realidade concreta ou externa e a realidade psíquica implicam no reconhecimento de uma separação nítida entre o mundo exterior e interior.

Freud (apud Coelho Jr., 2000) analisa o estatuto da realidade em relação à psicopatologia e à saúde em: *A Perda da Realidade na Neurose Psicose* (1924). O autor retoma o trecho freudiano, afirmando que o neurótico é aquele que frente ao conflito entre desejo e exigência da realidade opta por uma adaptação a essa situação e deixa de lado o desejo. O psicótico opta pelo desejo e constrói uma realidade própria, não compartilhável com o outro. Já a pessoa saudável é aquela que une um pouco dos dois, adapta-se à realidade, mas procura transformá-la, para nela faz caber em parte seu desejo, construindo uma realidade compartilhável.

Já na realidade virtual, estão projetados todos os desejos de busca de satisfação, podendo substituir a própria realidade concreta sustentada pelo outro e pelo social. No mundo virtual tudo é possível, não existe limite, a pessoa é vista e mostrada pelo ponto de vista de palavras, na tela do computador.

No bojo das questões que envolvem a realidade material e a realidade virtual, é importante observar a relação que os usuários da informática desenvolvem na relação pessoa-máquina. As novas tecnologias produzem instrumentos eletrônicos que criam a realidade virtual, onde crianças cada vez mais novas sofrem a influência de situações como a evolução das ansiedades

da separação, bem como nos mecanismos de defesa do ego, espaço no qual tudo ou nada ocorreu, não sendo possível nem necessário tolerar as próprias frustrações.

Para Texeira (1998b), pesquisas indicam que mulheres usam mais recursos gráficos do que homens. Esses recursos consistem de sorrisinhos, reticências, exclamação e pontuação em geral. Elas se sentem mais livres quando estão no anonimato da rede, atêm-se mais a questões e discussões pessoais e se desculpam com freqüência. Comentários contemporizadores e de auxílio também são características femininas. Como personalidades femininas atraem maior atenção em ambientes virtuais, muitos homem "mudam de sexo", o que se leva a constatar que as mulheres sexualmente mais agressivas em ambiente de chats,, na verdade tratar-se-ia de homens.

Em listas de discussão, é possível identificar procedimentos usuais em função de gênero/sexo dos autores das mensagens. Os homens enviam mensagens mais longas, focalizando um assunto em especial, e se auto promovem com declarações desafiadoras. São mais informativos e suas mensagens se assemelham a reportagens. O anonimato favorece aos usuários, pois é muito fácil se expor quando não se é visto ou quando se usa outra identidade.

(...) os bate-papos virtuais permitem ao sujeito desmembrar sua identidade em várias, de forma a permitir-lhe vivenciar uma nova identidade, ou outras novas identidades de acordo com sua fantasia e desejo. (Civiletti e Pereira, 2002, p. 40)

Quem utiliza a internet para navegar está consciente de que pode desfrutar de um certo anonimato e, geralmente, procura idealizar-se,

assumindo em algumas situações a identidade do sexo oposto. Assim as pessoas constroem uma determinada identidade ao entrar em chats de bate-papo na internet; o cibernético, esse novo espaço, traz a promessa da possibilidade de cada indivíduo “ser o que não é” e sem risco e, nesse processo aparentemente a pessoa assumiria uma nova identidade verdadeira e única.

Conforme se discutiu anteriormente, a representação do eu como identidade, como uma essência, é fruto do modo de subjetivação moderno. Ou seja, a modernidade produz uma organização social, política e econômica que articula a organização psíquica e leva as pessoas a se representarem como indivíduos constituídos por um rol de características que os definem como acessíveis à consciência. Em outras palavras, a modernidade produz a representação do eu como identidade individualizada e como uma essência, o que leva o sujeito a se representar como constituído por uma identidade una e indivisível. Nisso concordam Giddens (2002), Birman (1999), Figueiredo (1994), Souza, (1999). Dessa forma, quando uma pessoa se apresenta e se representa com características diferentes daquelas que acredita serem suas originalmente, ela acredita “estar sendo um outro”.

Entretanto, relevando a perspectiva psicanalítica, sabemos que a subjetividade é cindida e que a representação da identidade se estrutura a partir do recalque de conteúdos que continuam atuantes na organização psíquica. Assim, a representação de eu como identidade se sustentaria no jogo de forças entre conteúdos conscientes e conteúdos recalcados. Acompanhando essa perspectiva, pode se supor que quando se utiliza uma outra representação de eu na internet a pessoa pode estar explicitando conteúdos recalcados que exprimem elementos relativos a sua organização psíquica.

O relacionamento homem-máquina, particularmente vivenciado com o outro nos *chats* e na internet, possibilita o afloramento de tensões e conflitos internos que estão presentes no seu funcionamento psíquico, mas que não são explicitados nas suas relações cotidianas com o outro. Assim, apelidos, descrições físicas e subjetivas utilizadas nos *chats*, que aparentemente não correspondem à realidade observada do sujeito, correspondem às idealizações, ou aspectos por ele negados que vão atuar no espaço virtual.

No trabalho que desenvolvemos, tanto no atendimento clínico quanto na docência na área da informática, constatamos que pessoas passam várias horas conectadas à internet, envolvendo-se virtualmente nos *chats* e salas de bate-papo, “trocando de identidade” e inclusive afirmando preferir o contato virtual, por considerá-lo mais seguro. Encontram-se também homens e mulheres buscando aventurar-se em relacionamentos afetivos, numa modalidade de envolvimento que não apresenta o risco do contato corporal e pessoal, e que também não os decepcione.

Também se observa que muitos usuários de informática preferem o computador porque não têm interesse em envolver-se mais profundamente com o outro, e para tal, utilizam o computador. Como Narciso¹⁵ utilizou o espelho, homens, mulheres e crianças têm sua forma de relacionar-se com os outros e consigo mesmo, onde o despertar de situações e sentimentos como,

(...) curiosidade, fascínio, medo, ansiedade, angústia, excessos, dependência, vício, ciúmes, amor, ódio, mentira, verdade, fantasia, sonho, esperança, dúvidas, conflitos, perplexidade, sofrimento, ilusão, desilusão, bom-humor, mau-humor, impotência, onipotência, sedução, revolução, competição, crimes, policiamento, expertise, sociabilidade, companheirismo, ajuda, integração, interatividade, loucura, perversões, etc, etc. (Nicolaci-da-Costa, 1998, p. 268),

Levam-nas a tantas e intensas situações que podem produzir no usuário de informática dificuldades em lidar com elas. Entretanto, esses usuários têm suas formas de entender a realidade material, relacionar-se com os outros visando obter benefícios e problemas, frustrações e gratificações, numa forma

¹⁵ A mitologia grega diz que Narciso era o filho do Deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope, era belíssimo, mas não sabia de sua beleza porque não havia espelhos para mirar-se. Era admirado por ninfas e mocas mortais, entre suas admiradoras estava a ninfa Eco que ele desprezava; Exo morre por causa da indiferença de Narciso e para castiga-lo a Deusa Nêmesis o conduz a um local onde havia uma fonte águas cristalinas e imóveis. Então Narciso se curva para a água e vê a coisa mais bela da natureza, vê a si próprio. Contempla sua própria imagem, enquanto Nêmesis lhe fala que permaneceria ali para sempre e nenhum coração de mulher sofreria mais por sua beleza.

de viver o contato com a sociedade, se integrando a ela, tendo o computador como um instrumento, de efeito positivo ou negativo.

Entretanto, além desse aspecto de questionamento de uma identidade calcada no suporte da consciência que estipula o plano do real, outros aspectos podem ser abordados no tocante às relações contraditórias entre homem e máquina. No trabalho clínico que desenvolvemos no decorrer dos últimos anos, existem pessoas que se queixam de dificuldades no trato com computadores e, nos seus discursos, explicitam sentimentos de receio ou de medo perante o computador. Observa-se que um grande número de pessoas se sente intimidada e apresenta um certo desconforto, ou sofrimento psíquico ao utilizar um computador, um caixa eletrônico, chegando mesmo a desenvolver, em certos momentos, sentimentos de medo em relação a essas máquinas. Assim, algumas pessoas relatam que se recusam a utilizar os recursos da informática, tão necessários a tarefas da sua vida cotidiana. Ainda, existem aqueles que utilizam esses recursos, porém com grande esforço e custo emocional relatando, inclusive, experiências de medo frente ao maquinário, principalmente frente ao computador.

Após essas considerações mantemos ainda esse questionamento: por que esse sentimento de receio perante o mundo da informática, da máquina, do computador?

4.2. Experiências com o computador: sentimentos de medo.

O sentimento do medo encontra-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. As representações associadas a esse sentimento se alteram em decorrência das modificações sociais e culturais. Contudo, algumas características permanecem em se tratando dos objetos direcionados a ocupar o lugar do medo, expressando assim esse sentimento. A possibilidade de controle humano sobre o objeto e sua antropomorfização, ou seja, sua similitude com o humano, constituem-se em indícios da sua capacidade de associação aos objetos temidos. Esses objetos são considerados ameaçadores e, portanto, poderosos. Dessa forma, segundo mostra a história da cultura, a ambivalência se instala e esses objetos são idealizados e execrados.

Acompanhando a trajetória do medo na evolução da sociedade, podemos perceber que esse sentimento se explicita de várias formas e sob diferentes roupagens, de acordo com os referenciais oferecidos por cada época da vida social. Jean Delumeau em sua obra escrita em 1989, *História do medo no Ocidente - 1300-1800*, faz um estudo sobre o medo, considerando-o um dos temas mais reservados e recalcados de nossa cultura.

Em seu trabalho, faz um percurso temporal que vai do século XIV ao XVIII, envolvendo os principais temores, tais como os mortos, as pestes, a fome, a natureza (considerando nesse ponto o mar, a noite, os fantasmas, a bruxaria, o apocalipse, o demônio, perceptíveis nos seres muçulmanos, judeus e nas mulheres). Esse elementos revelam as maiores dificuldades enfrentadas pelas pessoas nesse recorte de tempo na história das civilizações. Trata de tais aspectos na esfera individual e coletiva, tentando resgatar o diálogo que a mais covarde das paixões humanas - o medo - evidencia.

O medo está presente no romance, na poesia, no teatro, na política, enfim, desde que o homem existe, existe o medo e, conseqüentemente, a esperança. Mas, a própria palavra “medo” está carregada de tanta vergonha, que a escondemos, enterrando-a dentro de nós e, com ela, o medo que nos domina.

O homem é, por excelência o ser que tem medo, sendo esse um predicado da espécie humana, pois esse sentimento nasceu com o homem, está nele e o acompanha por toda a vida, embora se manifeste também nos animais.

Não há homem acima do medo e que possa gabar-se de a ele escapar.
(Delumeau, 1999. p. 19)

Mesmo que haja em nosso tempo maior sensibilidade ao medo, este é o componente maior da experiência humana. Ao mesmo tempo em que é inerente a nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite inclusive defesa. A necessidade de segurança é fundamental à condição humana, tem base na afetividade e na moral das pessoas. A segurança é símbolo de vida, a insegurança, de morte.

O medo nos animais é único, idêntico e imutável, pois é o medo de ser devorado. Já o medo humano vem de nossa imaginação, é múltiplo e mutante.

Nada é mais difícil de analisar que o medo, e a dificuldade aumenta ainda mais quando se trata de passar do individual ao coletivo.(Delumeau, 1999, p. 22)

Para Delumeau (1999), os medos espontâneos distribuem-se em dois grupos: os permanentes e os cíclicos.

Os permanentes estão ligados ao mesmo tempo a um certo nível técnico e ao instrumental mental que lhe corresponde: medo do mar, das estrelas, dos presságios, dos fantasmas, dentre outros. Esses medos eram mais freqüentemente compartilhados por indivíduos pertencentes a todas as categoriaa sociais.

Os cíclicos voltavam periodicamente, como as pestes, as penúrias, o aumento dos impostos, as passagens de guerreiros pelas vilas e cidades. Os medos cíclicos podiam atingir a totalidade de uma população por ocasião de uma peste, ou para perturbar apenas os pobres, que eram muito numerosos.

No começo da Idade Moderna, Shakespeare (1593) escreve um poema sobre a noite.

Eis a hora em que o leão ruge,

Em que o lobo uiva para a lua,

Enquanto ronca o rude lavrador,

Estafado por sua penosa tarefa.

Eis a hora em que as tochas crepitam apagando-se,

Enquanto a coruja, com seu pio agudo,

Lembra ao miserável, em seu leito de dor.

A recordação da mortalha.

Eis a hora da noite

em que as sepulturas escancaradas

Deixam escapar cada uma seu espectro,

Para que vagueie pelos caminhos da igreja. (apud Delumeau, 1999,

p100)

Outro estudioso da questão do medo, Duby (1999), também analisa esse sentimento e sua presença nas comunidades humanas. O autor pergunta:

As pessoas que viviam há oito ou dez séculos não eram nem mais nem menos inquietas do que nós. Em que esses homens e mulheres acreditavam, seus sentimentos, como eles viam o mundo? (p. 9).

Segundo o autor, as pessoas que viviam há mil anos são nossos ancestrais e apresentavam aspectos semelhantes aos nossos, em se tratando de sentimentos e relações com o mundo. Eles falavam semelhantemente a nós e suas concepções de mundo não eram tão diferentes. A fome é trabalhada pelo autor como um dos grandes medos vivenciados pelos homens. Tal como, atualmente também se observa que está presente no cotidiano da maioria das populações e tinge com o medo a vida de milhões de seres humanos.

O ventre contraído pelo tremor da privação, pelo medo da fome e do amanhã, assim segue o homem do ano 1000, mal alimentado, pensando para, com suas ferramentas precárias, tirar seu pão da terra. Mas esse mundo difícil, de privação, é um mundo em que a fraternidade e a solidariedade garantem a sobrevivência e uma redistribuição das magras riquezas. Partilhada, a pobreza é o quinhão comum. Ela não condena, como hoje, à solidão o indivíduo desabrigado, encolhido numa plataforma de metrô ou esquecido numa calçada. (ibid., p. 24):

O texto mostra o cenário material, espiritual e mental de uma sociedade que vivia atordoada por guerras, fomes, misérias, violência, doenças e temores

apocalípticos. O autor descreve e reflete sobre os medos coletivos que se apresentavam aos europeus no momento de aproximação do Terceiro Milênio e realiza comparações com os temores e as dificuldades presentes no mundo atual. A partir dos medos contemporâneos, o autor se debruça sobre os medos da Idade Média.

Como as sociedades africanas, as medievais eram sociedades de solidariedade. O homem estava inserido em grupos: o grupo familiar, o da aldeia, o senhorio, que era um organismo de exaço, mas também de segurança social. Quando sobrevinha um período de fome, o senhor abria seus celeiros para alimentar os pobres. Esse era seu dever e ele estava convencido disso. Esses mecanismos de ajuda mútua evitaram, nessas sociedades, a miséria terrível que conhecemos hoje. Existia o medo da penúria repentina, mas não havia a exclusão de uma parte da sociedade lançada ao desespero. (ibid., p. 28)

Quando penetramos na vida privada de nossos ancestrais, percebemos que estavam sempre acompanhados: dormiam em grande número no mesmo leito, não havia paredes de verdade no interior das casas, apenas cortinados. Eles jamais saíam sozinhos, desconfiava-se daqueles que o faziam: eram loucos ou criminosos. Viver assim é difícil, mas também muito consolador. Esses eremitas que penetravam na floresta para expiar seus pecados eram considerados Santos, porque isolar-se era um ato de coragem absolutamente excepcional. (ibid., p. 29)

O autor considera que a diferença entre os medos presentes na sociedade medieval e os presentes na sociedade atual podem ser encontrados na forma como as pessoas vivenciavam essas experiências, pois, dentre outros aspectos, o isolamento social e o desamparo que acompanha a miséria hoje eram desconhecidos dos nossos ancestrais do ano mil. As análises do autor nos fazem pensar sobre as experiências com a miséria, as diferenças raciais, doenças, violência, e a insegurança, presentes na sociedade moderna, no

sentido da exclusão social e da marginalidade, que Giddens (2002) atribui à modernidade.

Acompanhando as análises dos autores, pode-se pensar nos aspectos coletivos e culturais relacionados ao medo e presentes na construção da civilização. Assim, pode-se associar o medo a um sentimento que expressa a relação do homem com o desconhecido. O desconhecido remete à própria condição humana, afinal o homem constrói vários sistemas de interpretação e de tentativa de controle sobre a natureza e sobre sua própria vida, buscando sempre resposta sobre o desconhecido. As ciências, as religiões, as filosofias, foram criadas com esse objetivo.

Dessa forma, acredita-se que a manifestação de medo e de dificuldade expressa por algumas pessoas perante as máquinas, e atualmente perante os computadores, pode remeter ao medo frente ao desconhecido que os maquinários explicitam. Em outras palavras, os instrumentos tecnológicos evidenciam a condição de animal racional, que pode criar instrumentos que melhorem sua condição de vida e manipular o meio ambiente e social, porém, ao mesmo tempo, fazem aflorar os limites e as fraquezas humanas.

Não se conhece homem que não sinta medo e que possa sentir-se superior por fugir à experiência com esse sentimento. Entretanto, ele pode ultrapassar um limite suportável produzindo sofrimento e alterando a vida cotidiana das pessoas. Nessa perspectiva, o medo pode configurar-se como sentimento que tanto pode proteger o homem alertando-o contra os desafios e as dificuldades presentes no meio ambiente e no meio social, quanto pode assumir proporções alarmantes e constituir-se em fonte de sofrimento para o homem.

Na mente humana, a relação consciente e inconsciente está em plena atividade. Entretanto, a forma como as pessoas lidam com essa relação imprime aspectos de sofrimento ou não ao sujeito. Esses aspectos de sofrimento, às vezes, podem se configurar como patológicos. O sentido utilizado de patológico refere-se ao sofrimento vivenciado pelo sujeito e, a forma como as relações com o mundo e com ele mesmo são tratadas, trabalhadas, modificadas e do grau de gratificação no mundo real por ele obtido.

A experiência de medo que uma pessoa sente perante um computador pode ser totalmente diferenciada da experimentada por uma outra pessoa. Para alguns, a dificuldade do uso desse instrumento pode converter-se em sofrimento enquanto para outros pode simplesmente significar uma vivência que causa alguma dificuldade imediata, mas que não se constitui em sofrimento.

Nos dias atuais, observamos que “doenças” como a anorexia, a bulimia, depressão, síndrome do pânico, hipocondria, apesar de se apresentarem das mais variadas formas, estão todas associadas ao medo, que, pode advir da rejeição que uma pessoa sente por não apresentar um corpo de acordo com os padrões que a mídia apresenta, da perspectiva da morte, das doenças, da violência, do contato sexual, que pode provocar doenças. Enfim, o medo das pessoas, do sofrimento que o contato provoca, pode empobrecer sua subjetividade ao evitar os riscos que se apresentam, fazendo com que os mais temerosos pareçam limitados.

Assim como os tempos mudam, as formas de expressão e organização do sofrimento psíquico também. Tanto nas práticas clínicas como nas

produções teóricas das últimas décadas, vê-se menos neurose histérica e o aumento de transtornos de alimentação, transtornos psicossomáticos e de perversões. Algumas características gerais dessas patologias evidenciam produtos da cultura cibernética, como: autodestrutividade, exibicionismo narcisista, necessidade de gratificação imediata, predomínio do individual, transtornos no sentido da realidade e relações interpessoais superficiais (Pugliese, 1996).

Nessa perspectiva, Fèdida (1988) preocupa-se em discutir a construção do sofrimento psíquico como referencial à questão do psicopatológico,

(...) a descoberta da psicanálise consiste na possibilidade da experiência interna do que é o psicopatológico, desde que essa experiência interna não se psiquiatrize no sentido de se tornar patologia crônica e nada ensinar aquele que a vive (p. 29)

O autor discute o que seria o psicopatológico, não adotando a perspectiva da psicopatologia geral que apresenta uma leitura nosográfica e psiquiátrica. Antes, a sua preocupação é com a escuta do sofrimento psíquico e do que se constrói na relação terapêutica que possibilita essa escuta. Fèdida (1986) vai buscar, ainda, seus referenciais na tragédia grega, já que pensa a construção do sofrimento a partir do referencial das paixões que atravessam o humano. Assim, ele recorre a Ésquilo, autor de importantes peças na Grécia Antiga, para pensar o psicopatológico (*mathos*) como articulado com a paixão/sofrimento (*pathos*). Refere-se

a um sofrimento que porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno. Como paixão, torna-se uma prova e, como tal, sob a condição de que seja ouvida por alguém, traz em si mesma o poder de cura. Isso coloca imediatamente a posição do terapeuta. Uma paixão não pode ensinar nada, pelo contrário, conduz à morte se não

for ouvida por aquele que está fora, por aquele que é estrangeiro, por aquele que pode cuidar dela. (ibid., p. 29).

Caracteriza o pensamento de Fèdida a idéia de que as paixões e seu conhecimento possibilitam ao sujeito um ensino sobre si. Essa idéia difere radicalmente da concepção aristotélica e moderna, que pensa a paixão como negativa e como afeto que deve ser controlado pela razão. O autor acompanha a máxima freudiana de que a organização psíquica do sujeito é inseparável da constituição da cultura, já que para Freud toda a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social (Freud, 1921).

Dessa forma, a idéia exposta é a de que os medos e as dificuldades expressos por pessoas que têm contato com computadores pode remeter à experiência de sofrimento ou não. Ademais, esse sofrimento não se configura como patológico no sentido adotado pela psicopatologia geral, ou seja, no sentido de desvio de uma norma ou ideal estabelecido *a priori*. Antes, a experiência de sofrimento presente na relação com as máquinas informatizadas e expressas sob a forma de medos e dificuldades no seu uso, explicita a organização cultural na qual as pessoas encontram-se inseridas, que difere de sua organização singular. Analisar e conhecer essas formas de organização possibilita conhecer alguns aspectos do seu funcionamento.

Relevando que neste trabalho entendemos a realidade subjetiva como constituída pelo coletivo e pelo singular, a leitura da relação das pessoas com o computador e o aflorar da queixa nessa relação acompanham essa perspectiva. Em outras palavras, neste trabalho entendemos a existência humana configurada como a de sujeitos amparados por uma realidade objetiva. Os conteúdos de nossa vida psíquica - afetos, pensamentos, aspirações,

desejos, emoções - são singulares a cada pessoa, porém essa forma de ser sujeito não é natural ou estabelecida *a priori*, mas associada a condições gerais e determinada historicamente em decorrência das alterações ocorridas na sociedade.

Dessa maneira, entende-se por subjetividade o conteúdo interno e as formas através das quais o sujeito oferece sentido às suas experiências, sejam elas conscientes ou inconscientes, bem como as organizações culturais que oferecem sustentáculo para esse entendimento e para caráter histórico e não apriorístico de sua constituição. Nesta perspectiva a organização subjetiva é singular/coletiva, no sentido de ser articulada à tradição cultural e histórica na qual o homem se encontra inserido e, no sentido de que cada homem se apropria de forma diferenciada dessa tradição. Analisar a organização subjetiva desde sua perspectiva singular e coletiva implica em reconhecer a realidade concreta e material como articulada à realidade psíquica. Concordam nesse aspecto Birman (1999) e Freire Costa (1986).

Utilizando esse referencial, entende-se a relação das pessoas com o computador como constituída a partir de aspectos culturais e singulares, bem como entende-se que essa relação explicita aspectos da realidade psíquica que opera nessa relação. Assim, o medo relatado por usuários dessa máquina surge como a expressão de um sentimento que aflora no contato com o computador e, as perguntas que emergem são: a quais aspectos culturais e a quais aspectos singulares se associam a produção desse sentimento? Quais conteúdos estão associados à fala de pessoas que dizem sentir medo dos computadores?

Para trabalhar essas questões, associando singular/coletivo, pensamos que as experiências vividas pelas pessoas que relatam medo e dificuldade frente ao computador expressam o imaginário cultural e coletivo, ao mesmo tempo em que expressam suas vivências e sua apropriação específica dessa tradição cultural. Essa perspectiva sustenta o trabalho com a concepção de sujeito constituído pela subjetividade cindida que, no entanto, como fruto do modo de subjetivação moderno, reconhece-se e se pensa como sujeito da razão e da subjetividade experimentada como identidade (Freire Costa, 1986; Souza, 1999).

Dessa forma, o conceito freudiano de estranho pode ser útil para trabalhar as experiências relatadas pelos usuários que expressam medo e dificuldade perante o computador.

4.3. Experiências com o computador: o medo do estranho.

Em um conhecido texto de 1919, denominado *O Estranho*, Freud trabalha o tema do estranho e o relaciona com o que é assustador, com o que provoca medo e horror, e coincide com o que desperta o medo em geral. Ele procura o significado da palavra no alemão, latim, grego, inglês, francês, espanhol, italiano e português. No alemão, Freud vê que “estranho” é assustador porque não é conhecido e nem familiar; porém nem tudo o que é novo e não familiar seria assustador. Consultando vários dicionários e estabelece relações entre “estranho” e várias outras palavras, tais como: “misterioso”, “sobrenatural”, “que desperta horrível”, “temor”, “enganoso”, “malicioso”, “demoníaco”, “algo oculto e perigoso”, dentre outras.

De uma forma geral, encontra dois sentidos para “estranho”: no primeiro, reúne as propriedades de pessoas, coisas, experiências e situações que despertam em nós o sentimento de estranheza e no segundo, o fato de ser assustador o que é conhecido e muito familiar. Sua pergunta básica é: como seria possível o familiar tornar-se estranho e assustador?

Para trabalhar essa questão Freud, analisa situações nas quais o ser humano experimenta o sentimento de inquietação, de estranhamento, afirmando que marcam essas situações o retorno do reprimido. O sentimento de estranhamento se associa a conteúdos reprimidos, tais como: a onipotência do pensamento, o animismo, o complexo de castração e as repetições não intencionais.

Freud menciona a história de *O Homem da Areia* de Hoffmann, cujo tema principal é o homem que arranca os olhos das crianças. O protagonista, Natanael, com suas recordações de infância envolve toda a trama da história que termina levando os leitores a uma espécie de incerteza, se está sendo conduzido pelo mundo real ou por um mundo fantástico onde tudo se imagina.

A novela de Hoffmann serve como mote para Freud discutir a questão do duplo e do seu lugar na produção do sentimento de estranhamento. Nessa obra o personagem Nataniel é assombrado pelo surgimento de “outros eus”, de “duplos” semelhantes a ele fisicamente e, que produzem o medo associado à possibilidade da perda de referência oferecida pelo seu próprio eu. O aspecto de estranho que o “duplo” suscita surge em virtude de que se constitui em uma formação associada a épocas psíquicas primitivas. Da mesma maneira pode-se entender o fato do sujeito assumir a posição defensiva de projetar o duplo para fora do eu como se este fosse um conteúdo estranho.

Segundo a experiência psicanalítica, o medo de ferir ou perder os olhos é um dos maiores temores das crianças e se estende, algumas vezes, até a idade adulta pela importância que a eles damos. O medo, nesse caso, surge como uma defesa pela sua preservação e se perpetua em expressões como “valorizar alguma coisa como a menina dos olhos”. No teatro grego, a cegueira, da tragédia de Édipo, significa uma forma de castigo relacionada à castração.

Freud cita exemplos de estranho, comentando várias histórias baseadas na literatura e na mitologia, nas quais é possível perceber esse “estranho”. Para ele, o estudo que faz tem duas considerações: a primeira, no sentido de observar que a teoria psicanalítica está correta em sustentar que o afeto pertencente ao impulso emocional se transforma em ansiedade e o que amedronta seria algo reprimido que retorna; o segundo, o estranho não é nada novo ou alheio, mas algo familiar e há muito estabelecido na mente, pelo processo de repressão.

O “estranhamento” e o medo e a ansiedade que ele provoca no sujeito se ajustaria à tentativa de solução a um conflito que foi recalçado. Assim, se atribui o sentido estranho a algo familiar que foi reprimido, esse processo permanece tanto na ficção, quanto na experiência concreta das pessoas, sendo que ficção traz mais oportunidades para criar sensações estranhas do que aquelas que são possíveis na vida real. Os fatores como silêncio, solidão, escuridão são elementos que participam da organização psíquica infantil. As crianças associam-nos a sentimentos de medo, ansiedade e de insegurança. Desses elementos, a maioria dos seres humanos jamais se livrou totalmente.

Em outras palavras, para Freud, o que vivenciamos como estranho e que nos produz medo e dificuldade no contato, na maioria das vezes se origina

de vivências do próprio sujeito, do que lhe foi outrora familiar, depois reprimido. Essa origem possibilita compreender a carga de medo e de sofrimento associada a situações e a pessoas, que levam o sujeito a experimentar o sentimento do estranho, do diferente.

Orientados pela leitura freudiana do conceito de estranho, bem como pela concepção da subjetividade dividida e do sujeito constituído pelo consciente e pelo inconsciente, a pergunta que formulamos é sobre os conteúdos encarnados nos discursos elaborados sobre a informática e sobre o computador. Assim, reconhecendo que na cultura moderna as pessoas encontram-se capturados por discursos que permeiam o social e que tais discursos envolvem a informática e o computador, como eles se articulam à constituição psíquica dos usuários das máquinas? Qual a ordem do estranho que pode ser explicitada nos discursos dos usuários? Quais conteúdos são acionados quando o sujeito lida com o computador? Quais sentimentos e representações são mobilizados?

Neste estudo, a perspectiva adotada volta-se para buscar compreender os sentidos e significados assumidos pelas representações expressas, como medo ou dificuldade, no trato com a informática. Interessa compreender a relação estabelecida pelas pessoas entre essas representações e a informática, particularmente com o computador, destacando os aspectos singulares e coletivos envolvidos nesse contexto.

5. CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

CAPÍTULO IV - METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta um aspecto qualitativo em função da natureza do problema investigado. Utilizamos o referencial psicanalítico na concepção de subjetividade adotada e para a coleta e análise dos dados.

A pesquisa qualitativa tem como característica a busca pela descrição e análise, não apenas da aparência do fenômeno a ser pesquisado, mas das formas da sua produção e das suas relações e conseqüências para com a vida humana. Procuramos, com este enfoque, estabelecer um quadro mais amplo do sujeito com sua subjetividade.

Ao utilizar o referencial psicanalítico, observamos que a psicanálise não é um sistema que parte de alguns conceitos básicos previamente definidos. Ela se atém a fatos de seu campo de estudo e serve-se de experiências, encontrando-se dessa forma sempre incompleta e pronta para modificar suas teorias.

Conforme nos lembra Freud (1923) a psicanálise se orienta por três perspectivas que comportam um método de investigação, uma teoria sobre o psiquismo e uma técnica terapêutica,

Psicanálise é o nome: 1º De um procedimento para a investigação de processos mentais inacessíveis de outro modo. 2º De um procedimento terapêutico de investigação da neurose; e 3º De uma série de conhecimentos psicológicos, assim adquiridos, que vão constituindo progressivamente uma nova disciplina científica (p.286)

O método de investigação pressupõe a produção de conhecimento e, realizar uma pesquisa clínica fora do consultório, apresenta diferenças com realizá-la no espaço. Tradicional, entretanto, o objetivo continua sendo o de utilizar os referenciais psicanalíticos para produzir conhecimento. Assim, o material a ser analisado pode ser a própria experiência terapêutica, bem como obras de arte, fatos culturais, textos, dentre outros. Segundo Mezan (1999):

A diferença entre a escuta psicanalítica fora do setting clássico e a psicanálise strictu-sensu, não reside no caráter supostamente puro do trabalho clínico, nem na impureza ou bastardia da reflexão psicanalítica a partir de fatos sociais da cultura, como se o analista somente pudesse realizar contribuições relevantes escutando pacientes em regime de atenção flutuante. Não há diferença entre o que faz o analista sentado em sua poltrona e o que faz sentado em sua mesa de trabalho; e que no primeiro caso sua atividade visa tanto a elucidação quanto à transformação do que ocorreu com ele e seu paciente, enquanto que no segundo caso, a dimensão prática está presente, já que a situação não envolve uma dupla e fenômenos transferenciais mobilizados nela e por ela, mas em um pesquisador e um objeto a ser construído a partir de dados empíricos (p.6).

A divisão estabelecida por algumas leituras da psicanálise que cindem o social e o singular, bem como, dissociam atividade clínica e atividade de pesquisa, não se sustenta, pois ambas se orientam pela produção do

conhecimento, seja procurando conhecer como ocorre o estabelecimento do sofrimento psíquico pelo sujeito ou como se organiza o sofrimento social produzido pelo coletivo.

Freud (1921) salientou que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, psicologia social. Com essa afirmação, entende-se que os denominados fenômenos psíquicos estão necessariamente articulados aos fenômenos sociais e, dessa forma, quando se trabalha com os discursos, estes exprimem o singular e o coletivo.

Os pressupostos da psicanálise se ancoram no reconhecimento do inconsciente, dos sonhos, da repressão, da resistência, da sexualidade infantil, e da transferência. Assim podemos localizar esses pressupostos como fundamentos da constituição psíquica e das estratégias utilizadas para a investigação e compreensão do fenômeno psíquico.

Utilizar as ferramentas psicanalíticas para a produção de conhecimento, fora do *setting* tradicional, exige alguns cuidados. Lino da Silva (1993) salienta que

A transposição dessas condições de investigação - ou desse campo psicanalítico - do consultório para o campo de pesquisa sofre, naturalmente, ajustes adequados à fonte de material em estudo: sessão psicanalítica, entrevista, teste projetivo, livro, obra de arte, lenda, costume, instituições sociais, religiosas ou científicas. Conforme, enfim, o campo de experiência humana sobre o qual se focaliza a atenção. Algumas características, no entanto, precisam ser conservadas caso se pretenda considerar o método utilizado como sendo psicanalítico. Tais características essenciais são aquelas que preservam a possibilidade de emergência do significado submerso. (p. 21).

Freud buscou conhecer fenômenos de relacionamento humano como os desejos, emoções, impulsos, afetos e paixões, que na Psicanálise encontraram um lugar definido como objetos de investigação científica. A apropriação de cada um dos novos objetos, feita pela Psicanálise, foi realizada por meio de uma combinação de atividades de observação empírica e reflexão teórica e,

*(...) são inequívocas as opções preferenciais da Psicanálise pelos procedimentos que ela mesma criou, ao longo do seu desenvolvimento. Pode-se inclusive refazer o caminho desse percurso, que, desde o início, perseguiu o duplo objetivo de aprofundamento do conhecimento dos fenômenos psíquicos e de busca de solução para os conflitos e sofrimentos humanos. Do **método catártico**, passando pela **técnica de pressão**, até aos mais refinados desenvolvimentos posteriores do **método psicanalítico**, com sua abordagem hermenêutica e centrada **na transferência e na interpretação**, para a decifração dos fatos inconscientes, o que se observa é uma busca constante de novas e melhores maneiras de aproximação do seu objeto, conforme procurei descrever ... (Pacheco Filho, 2000, p. 252)*

Mesmo quando se tem a intenção de abordar cientificamente o objeto de estudo, deve-se renunciar a noção de perfeição absoluta, pois uma nova proposição em teoria nunca seria mais que uma aproximação relativa da realidade, esperando com isso que uma melhor formulação possa substituí-la futuramente. A marca do trabalho de Freud, de acordo com Pacheco Filho (2000), é o aperfeiçoamento dos conceitos e uma crescente integração com os dados de experiência, em que a pesquisa psicanalítica concentra-se antes de tudo no conhecimento das coisas. Nela, não há caráter experimental, não há receitas, há indicações.

Objetivos da pesquisa

Objetivos:

Os principais objetivos estabelecidos para esta pesquisa foram:

1. Discutir a inserção da informática e do computador no cenário social contemporâneo e no cotidiano das pessoas.
- 2) Descrever e analisar os sentidos assumidos pela informática e pelo computador para as pessoas que relatam dificuldades e sofrimento no contato com esse recurso tecnológico.

Sujeitos

Foram utilizados na pesquisa 03 sujeitos de ambos os sexos, e que apresentam queixas relacionadas à informática, principalmente relativas ao computador. Para localizá-los, solicitamos a amigos e conhecidos do meio profissional que nos indicassem pessoas que manifestavam dificuldades no contato e na utilização de máquinas informatizadas, particularmente tratando-se do computador.

Os contatos iniciais com os sujeitos foram feitos por telefone, tendo como objetivo indagar sobre sua disponibilidade e interesse em responder questões relacionadas à informática. Foram apresentados os objetivos da pesquisa, bem como os critérios de inclusão dos sujeitos para agendar as entrevistas. Em função da residência, elegemos a cidade de Ourinhos, Estado de São Paulo, para a coleta dos dados. As entrevistas foram feitas no consultório da pesquisadora. As etapas do processo seguiram:

- a) Contato com os sujeitos.
- b) Firmar o termo de autorização, que estabeleceu que todo material coletado utilizado em pesquisa a ser realizada na UNESP - Assis, respeita as normas éticas determinadas pelo Conselho Federal de Psicologia. (anexo I)

- c) Escolha da hora, dia e local mais convenientes para aplicação das entrevistas.
- d) Aplicação das entrevistas.
- e) Análise dos dados que foram tratados qualitativamente. Com o objetivo da não identificação dos sujeitos, os dados que pudessem identificá-los foram alterados.

Dados Pessoais:

Sujeito 1 - Maria - sexo feminino, 36 anos, casada, 01 filho, professora, escolaridade superior, residente em Ourinhos, trabalha há 16 anos, ± 9 horas por dia, na sala de aula.

Sujeito 2 - Mariana - sexo feminino, 17 anos, solteira, estudante e estagiária (curso Técnico em Administração), residente em Ourinhos, faz estágio em uma biblioteca de escola, durante 4 horas por dia.

Sujeito 3 – Ricardo - sexo masculino, 57 anos, casado, 3 filhos, professor, escolaridade superior, residente em Ourinhos, é aposentado e ainda leciona, mais ou menos 10 horas por dia em sala de aula.

Material e Instrumentos

Para coletar os dados, foi utilizada a entrevista semidirigida, orientada por um roteiro seguido pelo entrevistador (anexo I). As questões foram elaboradas para o presente estudo e, algumas foram de caráter subjetivo para facilitar a projeção nas respostas. Cumpre esclarecer que as perguntas do roteiro estabeleceram um norte. A direção do trabalho, entretanto, foi a relação construída entre entrevistador entrevistado, que também funcionou como “roteiro” e guiou o estabelecimento de novas questões.

Realizamos duas entrevistas com cada sujeito, num total de seis entrevistas. Inicialmente, a primeira entrevista foi realizada de forma oral e anotada e, no segundo momento, as cinco entrevistas restantes foram gravadas e posteriormente transcritas. Essa mudança ocorreu em decorrência de termos percebido que a entrevista gravada poderia fornecer um material mais rico para análise. Os textos produzidos a partir das entrevistas foram entendidos como narrativas, elaboradas pelo entrevistador e pelo entrevistado, fruto da relação construída no campo transferencial. Analisamos essas narrativas como base na explicação dos sentidos assumidos pela informática e pelas dificuldades no uso desse instrumento, presente nos discursos construídos pelos entrevistados.

Procuramos no decorrer das entrevistas, localizar dados sobre o tema de forma mais aprofundada, objetivando explicitar os sentidos e significados assumidos para os sujeitos acerca das suas queixas de dificuldades em relação aos computadores e novas tecnologias. Demos, pois, ao material produzido durante as entrevistas, um tratamento de discursos, isto é, narrativas que possibilitaram a emergência dos sentidos assumidos pela informática para os sujeitos.

Bleger (1998), afirma que a entrevista é um instrumento de investigação que possibilita o estabelecimento de um campo no qual emergem experiências associadas à organização psíquica de entrevistador e entrevistado. O campo se organiza a partir da transferência e contratransferência estabelecida entre os participantes dessa experiência.

Na perspectiva adotada, trata-se de uma entrevista clínica orientada pelo referencial psicanalítico e, portanto, a coleta de dados e a própria concepção

de investigação pressupõem a experiência - a relação - construída entre os participantes do processo como elemento constitutivo da produção do conhecimento. A transferência, a livre associação e a escuta são considerados e servem de baliza para a coleta e análise dos dados. Em outras palavras, durante a execução das entrevistas, procuramos manter a atenção flutuante e uma escuta atenta, para que pudéssemos, mesmo considerando o roteiro, observar os elementos que favorecem à utilização do referencial psicanalítico.

A possibilidade de trabalhar uma pesquisa tomando o material produzido na relação paciente-analista, leitor-texto, entrevistador-entrevistado, como discurso, como narrativa e, portanto, como material de análise, é discutida por Mezan (1993) que retoma Laplanche para ilustrá-la,

No caso da psicanálise, essa teoria afirma que todo fenômeno psíquico - inclusive ele mesmo- é co-determinado por um domínio heterogêneo e não paralelo à consciência, o inconsciente. Daí provém a regra metodológica enunciada no texto que citei, segundo a qual, posto que a superfície legível dos enunciados teóricos contém inevitavelmente uma parcela “de elaborações secundárias e camuflagens do ego”, pensá-los psicanaliticamente implica tomá-los pelo avesso e procurar destacar deles “outras redes de significações” (Mezan, 1993, p. 56).

Entretanto, a relação que estabelecemos entre entrevistadora e entrevistado não permite a interpretação terapêutica e também não era o nosso objetivo. Utilizamos-nos das entrevistas como um discurso e pensamos na proposição efetuada por Rezende (1993) sobre a hermenêutica do discurso como recurso analítico, o qual distingue três possibilidades para o campo de pesquisa psicanalítica:

Aliás, ao falar de campo de pesquisa, observaria também que, em se tratando de psicanálise, a investigação pode ser levada a efeito na biblioteca, no mundo vivido e no consultório. No primeiro caso, a

pesquisa exegética faz-se sobre livros, por meio da leitura. No segundo, a pesquisa hermenêutica faz-se no mundo vivido, na atitude de quem pensa as próprias vivências. No terceiro, a interpretação clínica faz-se em situação analítica, por meio da escuta e da transferência (p.104).

Para o autor, um texto pode ser tomado como uma teoria do mundo vivido construído pelos autores desse texto e,

a teoria do texto como tecido-escrito prolonga-se numa filosofia da história como texto vivido, tecido por nós todos na trama existencial dos acontecimentos (ibid., p. 111).

Assim, o afloramento dos sentidos assumidos pelo problema investigado, no transcorrer das entrevistas possibilita o trabalho hermenêutico do pesquisador.

6. Análise das Entrevistas

Análise das Entrevistas

A seguir, serão apresentadas as análises de seis entrevistas realizadas com três sujeitos. As entrevistas na íntegra estão presentes no anexo II. Procuramos com a análise efetuada, apresentar o material coletado, que consiste de discursos e enunciados, através dos quais poderemos obter uma melhor elucidação dos objetivos propostos pelo trabalho.

Juntamente com vinhetas das entrevistas, apresentamos uma discussão acerca do tema abordado em cada uma, procurando desenvolver um diálogo entre o que foi encontrado na literatura comentada ao longo do trabalho e as questões surgidas no discurso dos entrevistados, que foram apresentados como material de investigação. Os nomes dos entrevistados foram modificados no sentido de favorecer e garantir a privacidade dos mesmos.

María

María tem 36 anos, é casada, mora com o marido e a filha. É professora, formada em Pedagogia, trabalha há dezesseis anos, cerca de nove horas por dia em sala de aula com crianças.

María mostrou-se disponível desde o primeiro contato (via telefone) até o comparecimento nas entrevistas. Para ela, o assunto da pesquisa é bastante interessante, particularmente, em função de suas dificuldades com o computador.

A entrevista foi realizada no meu consultório, onde me sentei na poltrona de psicoterapeuta e María na poltrona de paciente. Ela demonstrou se sentir

bem e se portou tranqüilamente durante a entrevista. Esta situação pareceu, embora não intencionalmente, mobilizar as reações da entrevistada, que se manifestou como um paciente frente ao analista. O próprio tema da entrevista e as dificuldades surgidas no transcorrer do trabalho evidenciaram relações de transferência, quebra de resistência e uma entrega de sua parte.

Maria relatou que usa a informática somente para fazer relatórios e não no dia a dia, pois lida com crianças. Destaca seu relacionamento com a informática como péssimo, que não gosta, acha difícil e lida pouco com aparelhos eletrônicos simples; não gosta de lidar com aparelhos eletrônicos que desconhece e às vezes tem dificuldades e receio em mexer em aparelhos eletrônicos modernos.

A entrevistada passa a relatar seus sentimentos, emoções e vivências ocorridas inclusive na sua vida infantil, onde afirma que:

“Eu me lembro quando era pequena meu pai comprou um rádio de pilha lindo, todo corral e prata, bem pequeno, e eu fiquei mexendo nele, daí eu coloquei ele no chão (...)sentei em cima da antena dele que amassou, (...) eu fiquei muito nervosa e saí da sala. Meu pai chegou e viu aquilo, falou que era o meu irmão mais velho que tinha feito isso, e brigou com ele, mas eu não desmenti, fiquei ali quieta, mas até hoje me lembro disso e não gosto”

Ao relatar sua história, Maria evidencia sentimentos de culpa em função das atitudes que teve quando criança, embora numa situação em que seus atos não foram intencionais, diz apresentar dificuldades em relação ao enfrentamento da figura paterna, tendo permanecido em silêncio e permite que ao irmão mais velho fosse direcionada a culpa por ter amassado a antena do rádio novo.

A partir de seu mundo interno, composto de idéias e lembranças, Maria explicita sua realidade psíquica no momento em que diz:

(...) “E hoje quando chego perto do computador minha filha fala que é para tomar cuidado senão eu vou apagar o computador inteiro (...) porque senão você vai dar problemas.”

Como vemos, ela projeta sua realidade psíquica no receio de “mexer” com equipamentos eletrônicos, mostrando a associação efetuada entre uma experiência infantil com um aparelho eletrônico - o rádio - e a experiência atual com outra máquina - o computador. Interessante também o sentido expresso por sua fala, reportada a sua filha, de que não deve se aproximar do computador, senão “ela iria dar problemas” e não a máquina.

A postura de Maria se evidencia na posição de transferência apresentada no decorrer da entrevista quando, ao se expor à entrevistadora, coloca sua história, seus sentimentos, mostrando sua dependência e esperando sempre soluções nos outros.

Ela tem noção do sofrimento que o uso da informática acarreta e coloca em um terceiro a solução para as suas dificuldades.

(...) “mas só com ajuda da minha que filha que é adolescente, não recebo e nem mando e-mail, ela que faz para mim, mas fica muito brava e ela vai estudar fora, daí eu vou ter que aprender direitinho.”

Relata aspectos do relacionamento familiar com a filha, que resolve todos os seus problemas de informática. Percebe-se o sentido de dependência da filha e da troca de papéis na relação de ambas, onde a mãe obedece e a filha fica muito brava com a mãe.

Evidencia aspectos de sua organização subjetiva quando diz que os motivos que a levaram a ter problemas com a informática é o comodismo, o desinteresse e o desânimo, auto-avaliando-se como pessoa.

Em sua fala, ao ser questionada sobre suas possibilidades de trabalho com o computador, Maria afirma suas dificuldades no aprender a usar a informática:

“Um pouco. Porque o curso que eu fiz foi insuficiente. Estou com vontade de arrumar um “personal teacher” em informática para aprender bem”

Ela comenta sobre arrumar um “personal teacher” em informática para que possa aprender bem, cujo significado demonstra o medo de lidar com o novo, um aspecto sintomático nessa escolha. Essa afirmação decorre da construção histórica do trabalho do professor estar associado à apresentação para os alunos de conteúdos novos “mastigados e deglutidos” em que pese a nossa discordância com essa posição. Em outras palavras, apesar de se avaliar que o trabalho do professor é o de propiciar a interação do aluno com o conhecimento novo problematizando esse contato, no plano simbólico que se disseminou no imaginário coletivo o trabalho do professor é o de mediar o contato da pessoa com o objeto, sendo um facilitador do processo de aprendizagem, que se apresenta como difícil e distante para a maioria dos alunos. Assim, Maria coloca-se nessa posição do aluno que espera um professor que lhe ensine informática de maneira fácil e rápida. Além disso, no aspecto singular, também se avalia que Maria apropriou-se dessa representação social e histórica sobre o professor e acredita que a existência de um outro mediando sua relação com o objeto-máquina poderia “diminuir” a

intensidade do contato, amenizando os efeitos catastróficos daí advindos, afinal “ela poderia dar problemas”.

Essa afirmação de Maria também mostra a associação que realiza com a figura do “personal trainer”, ou seja, outros segmentos da sociedade apresentam como importante a contratação desse profissional para transformar o corpo num ideal, num símbolo de beleza através do condicionamento. Nessa situação, pessoas procuram no outro um modelo, um ideal. Da mesma forma, Maria poderia estar procurando soluções de seu problema no outro idealizado, na figura de um “personal teacher” da área de informática, na qual o estranho se faz presente na relação pessoa-máquina.

Comentando sobre o receio de que alguém caçoe dela por ser lenta ao lidar com os aparelhos eletrônicos, Maria fala:

“Sim, isso já aconteceu aqui em casa, com meu marido e filha. Ele costumava dizer que eu não sei apertar botões, e eu falo para ele que ainda bem que ele não é feito de botões, assim nós pudemos ter nossa filha”.

Essa resposta mostra sentimentos de menos-valia, por intermédio do qual se refere ao sofrimento por ela vivenciado no pensar a relações homem-máquina (botões), o que evidencia funcionamento individualista de um marido crítico, combinado com a filha crítica.

Maria descreve o que a levou a ter dificuldade no contato com a informática, dizendo:

“Acho que o maior foi o comodismo, e talvez o medo, a insegurança de ser ridicularizada pelos erros. O que eu faço, gosto de ser melhor em tudo, a perfeita, como eu não consigo ser assim com a informática, eu me recuso a aprender ou fazer”

Nesse aspecto lembramos as afirmações de Giddens (op. Cit.) sobre a ênfase da modernidade no controle, na subordinação do mundo ao domínio do ser humano. Esse ideário da modernidade explicita uma concepção de homem como sujeito da razão, capaz de controlar o meio social e a natureza. Como sabemos, esse ideal é um engodo, porém, ele captura as pessoas as leva a se colocarem na posição de se sentir incapazes quando não conseguem realizá-lo. Assim, quando não consegue aprender e controlar o computador, Maria sente-se incapaz e se “culpa”, atuando na defensiva ao mostrar-se como uma incompetente, comodista, insatisfeita, e excluída e não inteligente como os outros.

Procura construir uma identidade desqualificada, para explicar suas dificuldades e se resguardar de ter que lidar com aspectos que explicitem os sentidos assumidos pela dificuldade vivenciada. Supõe-se que o medo do contato com a informática funciona como sintoma, mesmo que a custa de manutenção de uma representação de eu - uma identidade - desqualificada. Avalia-se, assim, que ela necessita trabalhar com a informática e sofre com as dificuldades vivenciadas no trabalho e na relação com a diretora, pois organiza seu arranjo psíquico e sua vida material de forma a manter contato com o objeto que lhe causa dificuldades, mantendo o medo associado a um objeto que lhe produz medo.

Continuando seu discurso, Maria fala sobre como vivencia sua relação com a informática.

“Acho difícil, mas quero melhorar, porque isso me prejudica”

Essa resposta evidencia um sofrimento que pode determinar um profundo desamparo, já que na sociedade atual é importante conviver com a informática, bem como, a valorização daquele que lida satisfatoriamente com máquinas, em especial com computadores, é muito grande. Ademais, o mundo diário demanda o trabalho e contato com máquinas e computadores, seja no banco, na escola, até mesmo para votar exige-se o contato com a informática. De uma forma obrigatória o sofrimento dessa dificuldade aparece e, a pessoa toma contato com ele.

Indagada sobre o receio de aparelhos eletrônicos, comenta sobre a possibilidade de que esses possam vir a dominá-la, ou seja, as questionar se Maria tem visões, sonhos com o computador destruindo ela ou a humanidade, ela comenta:

“Não, nunca tive”.

“Não, eu acho que é o homem quem dominará tudo”.

Mais uma vez se repete essa situação de fuga, de distanciamento do problema, a posição da entrevistada fica como que a de uma platéia assistindo à situação acontecer. Esse cenário também é demonstrado em outras respostas como, por exemplo, ao falar sobre a possibilidade de ter deixado de trabalhar em algum lugar que exigia contato com a informática:

“Não, isso não, porque lido com crianças, dou aulas para o infantil”.

O objetivo, como entrevistadora, foi estimular a associação o mais livre possível, e no momento em que a entrevistada fala de problema ligado à

tecnologia, demonstra sua resistência ao comentar a situação que vivenciou com a diretora da escola, respondendo que:

(...) “Levei bronca da diretora da escola porque eu não lidava com o computador, e veio uma planilha (...) Ela falou que é inconcebível uma professora não saber usar computador, porque a escola já ofereceu o curso.”

Nessa resposta, Maria apresenta sentimentos de menos-valia ao falar que se sente mal, incompetente, e transfere seus problemas e responsabilidades para uma outra pessoa (a filha) que deve resolver o problema para ela. Vale ressaltar que o “problema” a filha estaria resolvendo apenas no plano subjetivo.

Maria também recorda situações de infância, no relacionamento com o pai e com o irmão, quando sentimentos de culpa e de vergonha nas relações com a máquina (rádio) na época foram expostos. Esse episódio de lembrar a infância produz um sofrimento psíquico em Maria, até hoje relevante, ou seja, o medo de entrar em contato com algo que não gosta de recordar e que se evidencia na dor psíquica.

Como vemos, a dificuldade com a máquina-computador remonta a relação com a máquina-rádio, presente desde a sua infância. Podemos supor que os sentidos associados a esse episódio se alocaram agora em novo objeto que assume, possivelmente, o mesmo sentido que o anterior assumia.

Maria também mostra o medo de aproximar-se do computador como possivelmente associado às experiências com o pai na infância, explicitando uma transferência à fala do pai, que ficava bravo com ela, função exercida, agora, pela filha. sendo.

Em certos momentos, Maria parece pedir ajuda terapêutica e confunde seu papel de entrevistada com o papel de paciente. Também faz comparações entre si e o computador se colocando na disputa pelo amor do marido, ou seja, expõe sua fala articulando questões de sua própria subjetividade, como exemplo quando afirma:

(...) “Eu cheguei a ter muita raiva desse tal computador, acho que era até ciúmes mesmo, porque o computador era mais importante do que eu”.

Em suas respostas Maria, mostra a própria evolução da história do computador, de uma grande máquina para o computador doméstico, onde ele inserido no ambiente familiar produz mudanças na família, na sociedade, como parte da cultura, no momento em que começa a fazer parte do contexto familiar (aceitação plena pelo marido, rejeição completa pela esposa), momento em que a esposa divide suas emoções com a máquina, tratando-a como um ser humano, ao afirmar que para o marido o computador apresentava mais importância que ela, revelando a valorização da máquina, acompanhada de sua desvalorização.

A entrevistadora pergunta a Maria se ainda hoje ela tem ciúmes do computador, que responde de forma ambivalente não ter mais ciúmes, mas ter medo e receio, mostrando assim toda a dificuldade de convivência com o sentido que essa máquina assumiu para ela.

“Eu tive muito ciúmes, tinha vontade de devolver aquela coisa, de tanto que o meu marido ficava mexendo. Depois eu fui acostumando, hoje não tenho mais ciúmes, mesmo não usando ele, eu preciso dele, minha filha que usa ele para mim. Hoje o que eu tenho é medo, receio, muito receio.”

Maria apresenta dificuldades em tolerar suas próprias frustrações. Declara que deseja ser a melhor, a perfeita no trato com quase tudo que a cerca e, como não consegue relacionar-se bem com a informática, nega o interesse que tem pelas máquinas. Esse comportamento provocado pelo sofrimento psíquico, leva-a pessoa a ter um sentimento de incapacidade, comodismo, deixando-se às vezes impedida de dar vazão à expressão de sua própria subjetividade.

Diante disso, qual sentido assume o medo que ela diz sentir da máquina computador? Qual o sentido assumido pelo estranho na sua relação com a máquina? O de ser trocada pelo computador? O de ser menos amada que uma máquina? Talvez o medo pelo contato com um ideal de eu idealizado e que se vê comprometido ao se defrontar com uma máquina idealizada que “não falha, não erra e que ocupa a atenção do marido por ser aparentemente perfeita”.

Conforme se discutiu anteriormente, para Freud (1919) uma das representações associadas à máquina é o seu lugar de duplo do homem, o lugar de extensão e expansão do homem como instrumento de controle sobre a natureza e de prova da racionalidade humana. Em outras palavras, uma das grandes necessidades do homem em construir a máquina computador foi a de produzir um objeto a sua imagem e semelhança segundo a crença da modernidade do que seria o sujeito moderno: aquele dotado de uma subjetividade única e indivisível, dotada de consciência e de razão e capaz de conhecer o real e modificá-lo. Nessa perspectiva, o computador atenderia ao projeto do homem de confirmar sua representação como sujeito da razão, funcionando como um duplo do seu criador.

Imerso nesse caldo cultural o sujeito constrói sua subjetividade apoiado na idéia de que é constituído por uma capacidade cognoscente que lhe possibilita conhecer a realidade e modificá-la. A representação da subjetividade constituída por um eu poderoso e onipotente traz gratificações às pessoas, porém também traz frustrações quando o cotidiano as leva a se confrontar com experiências que questionam essa representação, desestabilizando-a. Assim, Maria construiu sua representação subjetiva por um eu dotado de razão plena e capaz de conhecer e de controlar o entorno. Por um lado, a onipotência implícita a esse funcionamento psíquico encontra suas ressonâncias no imaginário social e explicita as relações do singular com o coletivo, ou seja, como o ideário social e histórico se articula à produção subjetiva. Por outro lado, no caso de Maria, explicita como essa organização psíquica produz sofrimento e se traduz na sua relação com o objeto computador já que essa máquina postulada pelo imaginário social como o duplo do sujeito da razão e, portanto, o seu duplo, questiona a sua onipotência, seu eu idealizado e denuncia o seu reverso, o estranho.

Em outras palavras, a dificuldade de Maria em manejar e controlar o computador explicita a sua dificuldade em controlar sua vida e a do outro, bem como, coloca em xeque sua representação de eu como um eu onipotente e idealizado. Esse aspecto da organização psíquica pode ser encontrado em outras falas da entrevistada.

Ao ser questionada sobre seu sentimento frente ao computador Maria responde:

“Eu fico perturbada, insegura, com muito medo chego a tremer, fico com a boca seca, se tiver alguém estranho perto, acho que vou me atrapalhar toda, acho que o computador pode me dominar, as pessoas

vão perceber que eu errei, detesto que os outros vejam que eu errei, porque eu quero fazer o melhor, da mesma forma, só que com informática não depende só de mim, depende do que vou lidar com a máquina e com isso eu crio uma barreira imensa que não consigo superar.”

Percebemos que a informática leva Maria a intensas situações que produzem dificuldades ao lidar com elas, tornando o computador um instrumento negativo, difícil de usar e de aprender, pois devolve as reações emocionais que impedem Maria de ter uma melhor interação com a máquina. Isso produz um sofrimento psíquico tamanho que a deixa muito perturbada, insegura e com medo. Apresenta, inclusive, reações corporais que a levam a manifestar seus sintomas, como um estado depressivo, um profundo desamparo.

A discussão de Freud sobre o Estranho (1919) ganha sentido nesse contexto e cabe perguntar qual a ordem do estranho que se configura nas relações de Maria com as máquinas. O receio das máquinas explicita o que a entrevistada representa como seus medos e o estranho emerge como o que, dentre outros conteúdos, suscita o medo associado ao computador.

A afirmação de que o computador pode dominá-la e de que lidar com ele não depende apenas dela, porém “do que vou lidar com a máquina” pressupõe a atribuição do lugar de um outro à máquina, de um lugar antropomórfico no qual o instrumento é revestido de características humanas. Observa-se que a relação de transferência está presente nesse contato e explicita conteúdos da entrevistada e, nesse caso, o medo de ser dominada pelo desconhecido, pelo estranho se constitui em aspecto da sua própria organização subjetiva.

A entrevistada vai mostrando o percurso de sua vida, inclusive todo o processo de desvalorização de seu eu. Apresenta sentimentos de culpa e

inadequação. Seu sofrimento psíquico é evidenciado no decorrer da entrevista, quando apresenta transferência com minha figura da pesquisadora confundida com a figura de analista. Esse cenário aponta para a possibilidade de que para Maria o receio de entrar em contato com seus próprios sentimentos e com a própria vida se associa ao medo do computador e das máquinas.

Quando questionada como se vê perante o novo, Maria diz:

“Eu tenho muita dificuldade de lidar com o novo, eu não consigo lidar rapidamente... o novo para mim, em qualquer situação é o incerto, o que me ameaça. Tenho problemas em fazer amizades novas, eu fico sempre desconfiada. Não gosto de roupa nova... tenho medo de não agradar, de ficar no ridículo. Então, no computador o novo me apavora...”

Pode-se perceber a dificuldade que Maria apresenta frente ao novo, ela o vê como uma “incerteza”, uma “ameaça”, isso em várias situações de sua vida, como nas relações de amizades, com roupas e móveis novos. Maria apresenta um bloqueio frente a vários problemas. A aceitação do novo depende de fatores psicológicos, pois para haver uma mudança, é necessário que haja a presença do desejo que incentive essa mudança. Maria confirma a minha indagação que todo esse processo traz sofrimento.

“Parece que sou diferente das outras pessoas, quando assisto filmes antigos, de época, fico achando que eu devia ter nascido na idade do romantismo... eu queria viver num mundo de contos de fadas... o meu príncipe que vinha me resgatar desse mundo (atual)...”

Maria busca a idealização de uma situação, ou um lugar onde não aconteçam frustrações, responsabilidades e limitações. Ela busca uma “personalidade” idealizada pela mídia, por um ideal de beleza da época do filme citado, mostrando aspectos recalcados que podem estar presentes no

psiquismo. A busca de Maria se acentua quando sua realidade externa é muito frustrante e nem sequer a deixa perceber a realidade presente, quando indagada sobre os conflitos existentes na época que idealiza:

“Se havia eu apaguei, ou melhor, “deletei” eles... eu não consigo lidar com conflitos, eu quero tudo cor de rosa com bolinhas azuis.”

Maria é questionada se é feliz, ela responde:

“Depende da situação, em certos momentos eu sou muito feliz, em outros muito infeliz, porque a felicidade não depende só de mim...”

Compreender o mundo psíquico de Maria, envolvido nesse processo de contato com a informática, implica considerar toda sua estrutura emocional produzida a partir da consolidação do mundo ideal singular em confronto com um mundo coletivo contraditório. Em outras palavras, o sofrimento de Maria explicita a contradição de um mundo coletivo que valoriza o discurso do ideal de modernidade como produtor de um sujeito da razão que pode controlar a natureza e que não consegue realizar esse intento. Assim, funciona correspondendo a esse ideal da modernidade e vivencia a impossibilidade da proposta de sujeito entabulada por esse projeto como sendo sua incapacidade.

O modelo idealizado por Maria se baseia na contradição presente, no discurso moderno que pede uma mulher que valoriza a privacidade doméstica, o amor romântico, a própria dependência concomitante ao pedido por uma mulher que seja agente da sua vida, que controle seus sentimentos e exerça a razão. Essa contradição se explicita nos seus discursos quando diz querer se refugiar no mundo do cinema e da literatura para “um príncipe salvá-la” e ao

mesmo tempo diz querer ser perfeita e não demonstrar que ela erra e que a máquina não.

Maria, no final da entrevista, mostra-se depressiva, voltada para si mesma, revelando sua infelicidade, atribuindo grande parte de suas dificuldades ao computador; embora reconheça que existem outras coisas que revelam seus sofrimentos.

“... Eu não lido bem com as máquinas. E com uma série de coisas... é difícil lidar com nossas próprias dificuldades, nossas incapacidades”

Ela termina a entrevista mostrando situações de seu próprio sofrimento, admitindo-se consciente do arcabouço de mudanças subjetivas que terá que passar para crescer.

Para Naisbit (1993), na nova sociedade de informação todas as ocupações ligadas à informação continuarão a crescer por um longo tempo, portanto é importante nos familiarizarmos com o computador, porque sabemos que eles chegarão em todos os setores da sociedade. E atualmente, o computador em rede trouxe uma grande revolução para a vida contemporânea, servindo como instrumento de trabalho, de comunicação, de pesquisa, de lazer, possibilitando as pessoas enviar e receber mensagens e inclusive fazer compras.

Considerando a fala do autor, podemos sugerir que a entrada na cena cotidiana das pessoas do computador traz transformações na vida das pessoas. Essas transformações podem servir no sentido de facilitar a vida das pessoas ou podem funcionar no sentido contrário? No caso de Maria, sua rivalidade com o computador frente à disputa pela atenção e pelo carinho do marido, evidenciam um aspecto comprometedor do lugar ocupado pela

máquina na vida moderna. Novamente pergunta-se se esse aspecto explicita uma dificuldade no contato com o outro que o computador apresenta ou se esse lugar poderia ser ocupado por outro objeto?

A demonstração de dificuldades no contato com a informática é algo que prejudica o trânsito das pessoas no mundo moderno, trazendo com isso questões que envolvem a própria subjetividade. Se fantasiássemos ao pensar que no futuro nossos filhos poderão receber “chips” implantáveis ao nascer, ou que os robôs que convivessem conosco poderiam rebelar-se a qualquer momento, essas fantasias poderiam provocar o receio de que as tecnologias dominassem o mundo e, com certeza, teríamos a sensação de mal-estar frente a esses pensamentos.

Uma pergunta interessante a ser feita é se a “escolha” do objeto máquina como associado ao sentido assumido pelo medo de Maria explicita, além de aspectos da sua organização subjetiva, alguma especificidade relativa a um lugar simbólico no mundo contemporâneo. Em outras palavras, as configurações e sentidos que as máquinas e a informática assumem em nossa cultura se prestam a ocupar o lugar designado pela experiência de Maria, em decorrência da sua implantação no imaginário coletivo?

Essa pergunta se sustenta já que as discussões envolvendo as relações da informática com as pessoas têm aumentado na sociedade. Ao apresentarem situações que fazem as pessoas sentirem-se excluídas e não adaptadas, elas revelam a resistência humana diante do uso abusivo da ciência, que busca a comprovação dos resultados. Provavelmente o receio de que novas tecnologias modifiquem a sociedade, transformando a vida em uma forma menos humana, leva as pessoas a questionar seus envolvimento com

as máquinas, envolvimento que se apresenta na história da modernidade em vários momentos. É provável que a própria velocidade com que as mudanças tecnológicas ocorrem seja uma das causas da resistência.

Mariana

A segunda entrevistada, Mariana, tem 17 anos, é solteira e mora com os pais e quatro irmãos. É estudante de curso técnico em Administração, faz estágio há cinco meses na biblioteca de uma escola de curso superior, trabalha cerca de 4 horas por dia.

Mariana mostrou-se disponível desde o primeiro contato pessoal que fiz com ela. Perguntei se preferia vir até meu consultório para uma entrevista ou se desejava ser entrevistada em seu local de trabalho, e ela optou por vir ao meu consultório.

No dia e hora marcados, Mariana veio, demonstrando bom humor, sentou-se na poltrona de paciente e perguntei para ela se poderia utilizar o gravador para a entrevista, ao que concordou e iniciamos nossa entrevista quando lhe perguntei sobre seu relacionamento com a informática:

“Eu nunca tinha pensado, ou melhor, nunca me interessei, nunca pensei em fazer curso de informática, depois que eu comecei a ver o serviço eu fui usando. Para mim não tem importância, eu acho que eu não precisei muito dela, eu fico meio despreocupada quanto a isso (...) eu uso mais a internet, porque meu namorado está longe, eu mando e-mail (...) Agora Windows, Word, eu já não mexo, eu acho que é mais fácil a internet.”

Mariana estabelece uma relação interessante com a informática, a princípio não tem importância, mas a partir do momento que o uso desse meio é o único que pode proporcionar contato com o namorado, passa a usar a internet, sem o menor problema. Isso mostra uma ambigüidade em suas ações. Refere que não tem problemas com o uso de aparelhos eletrônicos, mas se acomoda, aprendendo apenas liga-los e desliga-los:

“Se é alguma coisa que eu vou mexer, se eu acho que eu não consigo eu deixo de lado. Hoje eu estava tentando fazer uma capa de um trabalho, eu não sei, não consigo, eu desliguei o computador pelo fato de eu não saber.”

Mariana mostra sua frágil determinação perante quaisquer desafios. Se não consegue ter êxito em suas ações, deixa de lado, isso inclusive nas coisas da vida, afirmando que nem tenta, por ter medo de não conseguir. Isso mostra um pouco de sua própria identidade - a representação que ela mesma constrói sobre si e sobre o mundo- como a expressão de sentidos e dos significados do seu universo cultural.

Indagada sobre os problemas relacionados à tecnologia que teve e as suas emoções perante o fato, Mariana se manifesta:

“No começo eu ficava muito perdida, fazia coisas muito devagar, eu tinha que prestar bastante atenção. Para mim dificuldade eu não achei não. (...) Se é uma coisa que eu sei fazer, eu me senti bem, se é uma coisa que eu não sei fazer, eu fico insegura, não me sinto bem. (...) Certas coisas eu vejo, se for com paciência eu faço, agora se não tiver instrução daí não faço.”

Sua fala reporta para sua organização de vida, na qual tenta reorganizar situações conflitantes para evitar a insegurança com aquilo que não conhece, com o que é novo, ficando sempre numa espera, sem sequer tentar.

Ela desiste, desinteressa-se facilmente do assunto, pois nem se preocupa com o assunto e levou muitos anos para se interessar pelo computador, pois entre os 10 e os 12 anos poderia ter entrado em contato.

Indagada sobre como se comporta diante das dificuldades com a informática relata:

“Eu acho que a culpa é minha, que eu não achei motivo para fazer informática, eu não sinto bem (...) É que todas as pessoas mexem, as pessoas da minha idade, e eu fico boiando, não consigo fazer bem, fazer trabalho na internet, entre na internet, achar com quem conversar, então fico quieta (...) eu fico de lado (...) Eu acho que é porque eu não procuro fazer, eu tenho que aceitar isso, de uma maneira ou de outra, é de mim mesmo (...) sim, uma limitação minha, que eu não gosto.”

A dificuldade com a informática serve como uma via de ambigüidade para si mesma, que deixa transparecer toda sua limitação, sua culpa, e, perante as pessoas de sua faixa etária, sente-se “boiando”.

Sobre os motivos que a levaram a ter problemas com a informática, justifica que é o próprio desinteresse (“pelo fato de eu não precisar usar”) e o fato de que na sua casa não tem o computador.

Tal fato a deixa insatisfeita, e ela então demonstra sua visão crítica de mundo.

“(…) é a tecnologia que está movendo tudo, todo mundo está nisso, eu me sinto por fora (...) É, por fora mesmo porque eu sou nova, não estou nem no mercado de trabalho (...) A partir do momento que eu ver que eu to precisando eu vou correr atrás, eu vou procurar aprender, por enquanto estou acomodada.”

Mariana sente que se não se envolver com a informática e não dominá-la vai ser excluída do mercado de trabalho que hoje exige o domínio da

informática e, mesmo sendo adolescente, sente toda essa cobrança da sociedade atual; percebe que está acomodada perante a situação, mas ao mesmo tempo sente que pode mudar isso, e aprender o que não sabe. Ela mostra uma conscientização sobre sua acomodação, embora afirme que as pessoas com quem ela lida não a discriminem pela sua dificuldade.

Essa fala de Mariana explicita um dos mecanismos mais eficazes do mundo liberal e de como ele opera: a representação do indivíduo como valor, ou seja, a idéia do sujeito como indivíduo dotado de consciência e de razão que propicia a atividade como orientada pela vontade. Em outras palavras, o mundo liberal constrói a representação da subjetividade como sobreposta a consciência e a razão, bem como, entende a consciência como dotada da vontade o que capacita o sujeito a realizar seus atos de acordo com sua persistência e sua força de vontade. Assim, o que se realiza e principalmente, o que não se realiza é fruto da capacidade do sujeito. Discutindo essa questão, Souza (2002) comenta que,

A noção de indivíduo associa-se a um referencial específico que é o da modernidade. Nos planos político, econômico e social, a modernidade sustenta os ideários liberal e capitalista e, no plano subjetivo, sustenta a crença de que as pessoas se constituem como indivíduos, ou seja, como células únicas, separadas do social e marcadas pela crença de que a organização psíquica se restringe a uma essência, a uma identidade una e indivisível que as definem. Acompanhando essa perspectiva, podemos cair no engodo liberal que dissemina a idéia das pessoas constituídas como indivíduos dotados de uma essência definida a priori e que elas podem, apenas com a chamada “força de vontade”, resolver todas as suas dificuldades e conseguir uma vida melhor para si e para os seus.

Em outras palavras, a concepção de indivíduo sustenta a culpabilização daqueles que já se encontram em uma situação difícil, levando-os a acreditarem que estão, por exemplo, desempregados, infelizes no amor, com dificuldades na aprendizagem, dentre outras mazelas, por incompetência própria. Nessa perspectiva, fica

subentendido que bastaria a utilização da “força de vontade” e o aumento da auto-estima, para que todos os problemas fossem resolvidos. Por um lado, criticamos essa perspectiva, pois ela retira a responsabilidade do Estado e das instituições no tocante à qualidade de vida e aos direitos sociais dos cidadãos. Por outro, ela isola as pessoas, restringindo a responsabilidade da sociedade e de todos nós em relação à qualidade de vida do outro. (Souza, 2002)

A fala de Mariana explicita exemplarmente esse processo, quando ela atribui exclusivamente a si mesma a incapacidade no trato com o computador. Ora, conforme a psicanálise nos aponta, as relações produzem um campo e esse campo se constitui a partir da organização psíquica das pessoas. Reconhecendo, como se faz nesse trabalho, que a organização subjetiva é necessariamente produzida no enlace do singular e do coletivo, as relações explicitam necessariamente o social e o pessoal. Assim, a relação funcional pressuposta no discurso de que o indivíduo por ser dotado de características naturais e definidas *a priori* é dissociado do social e, portanto responsável (no caso culpado) por suas ações, também pode presidir o raciocínio que se pretende crítico dessa concepção liberal. Em outras palavras, a relação funcional pode permanecer quando se atribui exclusivamente ao social a produção do psiquismo, ignorando-se assim as experiências e o trabalho de apropriação realizado pelo sujeito. Assim, Mariana se representa como responsável única e exclusiva por não lidar com o computador, revelando sua captura pelo discurso liberal e o sofrimento que esse modo de funcionar lhe causa. Entretanto, o caminho inverso de atribuir exclusivamente ao social a construção dessa elaboração deixa em aberto a pergunta de porque outras pessoas não são capturadas pelo discurso liberal ou ainda, apresentam inúmeras variantes na captura por esse discurso.

Mariana, abordada sobre a desvalorização que pode ocorrer por ter problemas com a informática, afirma:

“Eu acho que esse valor, é um valor comercial, eu tenho outros valores, que podem compensar ele (...) Eu deixo de lado, eu não paro para pensar nisso, não importa (desvalorização).”

Isso mostra as relações que a subjetividade traz para Mariana, no sentido de reconhecer que tem outros valores que são mais importantes que a relação com a máquina.

Uma das conseqüências para a vida de Mariana em relação ao não uso da informática é que deixa de fazer e trabalhar em função disso, mas não aceita que esses problemas tragam sofrimento e sim necessidade.

Ela também não se sente incapaz de aprender a usar informática, desde que ocorram melhores condições de aprendizagem, motivação, e tempo para isso.

“Eu acho que tudo que eu pego para fazer eu faço, a informática não é um bicho de sete-cabeças. Muitas pessoas aprendem mexendo, eu acho que eu tenho condições, falta vontade de me deparar com essa vontade.”

Mariana declara que não gosta muito de aparelhos eletrônicos.

Questionada sobre não gostar muito de máquina responde:

“Eu não me interesso, tem pessoas que gostam (...) É isso tem muita coisa que a gente valoriza mais nos seres humanos (...) A máquina só exerce aquela função para mim não que não seja necessária a máquina, é necessária para todo mundo, mas não há exagero da relação com a máquina.”

Mariana é enfática ao declarar que não gosta muito de máquinas e sim de pessoas pois com os relacionamentos humanos ela tem mais facilidade.

Para ela, a máquina exerce função específica, mas não se deve exagerar nesse relacionamento, bem como, diz se preocupar com a tecnologia tomando conta da sociedade e o homem sendo desvalorizado pela máquina.

Ela sente-se impotente frente ao domínio da máquina em relação ao homem.

“Eu as vezes paro para pensar nisso, que está tomando o lugar que não tem nada eu possa fazer (...) Eu acho que do mesmo jeito que tomou das outras pessoas, podia tomar o meu (...) Acho que eu penso na minha pessoa, isso me amedronta, se isso vier a acontecer.”

Apresenta dificuldade em aceitar que a máquina tome seu lugar e conseqüentemente suas atitudes levam-na ao afastamento da máquina. Admite que é crítica e que acredita que o ser humano é que tem que dominar.

Nesse discurso de Mariana, como no discurso da entrevistada anterior e nas discussões realizadas por vários autores no decorrer desse texto, emerge a preocupação sobre a relação de poder entre o homem e a máquina.

Pensando na idéia de estranho e do recalque freudiano, observamos sobressair que o reiterado nos discursos da entrevistada explicita seu receio de que o domínio do homem sobre a máquina encontra-se em risco, ou pelo menos não é garantido. Caso contrário, a preocupação com reiterar o discurso sobre o domínio não estaria se repetindo. O receio do domínio e do poder presentes na relação homem máquina oscilarem para ambos os lados pode sustentar o discurso.

Mariana esclarece que não tem ninguém que a auxilie nas suas dificuldades com a informática e que não tem tempo, porque estuda de manhã

e à noite, faz estágio à tarde e, nos finais de semana só quer dormir. Em relação ao seu namorado ela diz:

“Eu mando e-mail para o meu namorado dia sim, dia não (...) No Canadá, então não tem jeito mesmo, só por e-mail, ele vai ficar mais dois meses, para isso é ótimo, ele é daqui mesmo (Ourinhos) e foi fazer inglês.”

Para ela, a informática - que ela não gosta - é o único meio que proporciona o contato com o namorado, mas mesmo assim mantém a opinião de que se tivesse outros meios de comunicação à disposição não usaria a internet nem com o namorado, pois tem dificuldade em lidar com o novo. Isso revela a relação dicotômica com a Informática e também revela a contradição atuando na sua própria organização subjetiva.

Mariana mantém uma relação de afastamento com a máquina e evidencia esta atitude no sentido de afirmar não precisar dela e de mantê-la distante, manifestando um sentimento de negatividade em relação à informática e à tecnologia.

Sua atitude persiste quando questionada sobre o motivo desse contato não ser importante para ela:

“Porque é uma coisa que eu não gosto de mexer, não me interessa por isso. Nunca me despertou curiosidade, todo mundo fala, todo mundo gosta e eu não vejo interesse nisso, eu acho estranho.”

“Bom! Eu acho que a informática e a tecnologia é importante, eu não preciso dela e ela fica muito distante, mexer com o computador já não é para mim, a tecnologia toma muito espaço dos seres humanos, e eu não gosto.”

A afirmação de Mariana remete-se novamente ao estranho, pensado como algo que é considerado pela pessoa como não familiar e que causa estranheza. Assim, Mariana manifesta todo o seu desinteresse pelo que considera estranho.

Questionada sobre o fato de outras pessoas gostarem de informática e se isso a incomoda, ao responder ela demonstra estar ansiosa e suspira por várias vezes para dar a resposta:

“Não... eu acho que cada um é cada um, eu até mexo na escola, no computador, em aula eu mexo, mas que eu goste, eu não gosto muito, de jeito nenhum.”

Embora Mariana queria manifestar-se no sentido de não se incomodar com o fato de as pessoas gostarem de informática e ela não, percebe-se um estado conflitivo em sua resposta e sua segurança pode ser ameaçada pela situação citada e pode-se pensar que ela apresenta uma relação contraditória com a máquina.

Durante a primeira entrevista, Mariana comentou sobre seu interesse em usar apenas internet, pelo fato de seu namorado estar longe, no Canadá. No segundo contato, ela afirma que o namorado estava no exterior, voltou para Ourinhos, e foi embora novamente para trabalhar em Cuiabá (MT). Depois que retornou, eles terminaram o namoro, não estão mais juntos. Ela afirma que era o único motivo da utilização do computador, a única forma de contato com ele e, como o namoro terminou, ela nunca mais utilizou o computador, não demonstrando a menor vontade ou o menor interesse por tal contato.

Por seis meses, ela usou a internet para mandar seus e-mails ao namorado no Canadá e teve disposição para enviar e receber e-mails sozinha.

Ela relata:

“(...) Eu tinha emoção de alegria, saudades, tudo, era bom, era umas três vezes por semana, um dia, outro não, e recebia com essa frequência, era legal, bom.

Depois que ele voltou, não usei mais, nem peguei no computador, não deu vontade e nada.”

Questionada se o seu relacionamento virtual era bom, ela responde afirmativamente, pois ele e ela contavam o que acontecia.

“(...) Bom só que não estava próximo, antes de ir para o Canadá nós namoramos dois meses, daí ele foi por intercâmbio, e nós ficamos namorando virtual por seis meses. Depois que ele voltou não deu certo, porque acostumei a ficar longe, depois que ele voltou não teve aquela proximidade.

O contato pessoal foi mais difícil para mim, porque nesse intervalo eu conheci outras pessoas e já estou até namorando, quando ele chegou, a proximidade foi uma situação negativa, estava melhor pelo computador, virtual.”

Percebe-se que Mariana teve dificuldade para construir uma ponte entre o contato concreto e o contato virtual. Ela não conseguiu perceber a dimensão desse instrumento de comunicação que é a internet, e observar as mudanças que essa interação pode trazer no relacionamento com o seu namorado.

Sobre essa questão Nicolaci-da-Costa (1998) diz:

A Internet introduz, na já complicada área dos relacionamentos humanos, uma cisão que corresponde à cisão por ela instaurada entre a realidade virtual e a realidade cotidiana, que muitos chamam de “real”.

Na realidade “real” ficam os relacionamentos “reais”, ou seja, aqueles em que se crê poder atingir o âmago do outro através de seus olhos, mas que mesmo assim, geram muitas decepções porque têm suas bases nas aparências, nas convenções e nas restrições

sociais. Com as dificuldades geradas por esse tipo de relacionamento, estamos relativamente acostumados a lidar na realidade cotidiana, e, por isso mesmo, sabemos que nem sempre seremos bem-sucedidos. (p. 205).

Mariana não conseguiu lidar com a cisão que a internet introduziu (ou explicitou) e teve uma desilusão ao reencontrar o namorado, depois de seis meses de contatos por e-mails, ela comenta que ficarem menos tempo juntos (dois meses) e mais tempo separados (seis meses), e embora o computador fosse o único meio de comunicação que possuísem não foi suficiente para aprofundar o relacionamento. Para ela, o contato concreto, o ver e o sentir as pessoas, é sempre melhor.

Percebe-se que Mariana gosta do contato com as pessoas e para ela o computador desperta uma emoção de indiferença:

“(...) não me chama atenção, em anda, não dá medo, nem prazer, só indiferença.

Eu já pensei em aprender informática pelo fato do campo de trabalho, que é necessário, se não fosse isso, eu não teria pensado em aprende a mexer, em procurar uma escola, o que eu sei é o básico, eu queria aprender por causa do trabalho (...)”.

Embora ela relate essa emoção de indiferença quanto ao computador, reconhece a importância dele no mundo do trabalho, onde a tecnologia avança de tal forma que é impossível detê-la. Mariana tem consciência de que ficará à margem da sociedade se não desenvolver seu potencial de aprendizagem junto à informática.

Um ponto que merece ser considerado em nossa discussão é a idade da entrevistada e as perspectivas de vida que a juventude apresenta perante a informática. Trata-se de uma jovem de dezessete anos que pensa em trabalhar e construir sua vida profissional e observa-se o quanto a sociedade atual

valoriza e afirma como fundamental o aprendizado da informática para o sucesso profissional de qualquer jovem. Assim, o imaginário coletivo estimula e super valoriza esse aprendizado. A pergunta é: será que a aprendizagem da informática produz inclusão social? Temos atualmente discussões sobre os excluídos digitais, ou seja, disseminou-se a idéia de que aprender a usar o computador pode ser uma forma de inserção social e de democratização da sociedade.

Vale lembrar as discussões de Giddens (op. Cit.) sobre a modernidade constituir-se em uma cultura de risco, no sentido de que ela reduziu e produziu tecnologia suficiente em várias áreas do conhecimento para possibilitar que o homem ficasse livre de várias doenças, pudesse se prevenir frente a várias intempéries como furações, tempestades e terremotos e mesmo se proteger do frio e do calor, dentre outros aspectos. Entretanto, o autor comenta que a modernidade introduziu outros fatores que geram insegurança e medo ao produzir, por exemplo, processos sociais de exclusão e de marginalização, o que traz sofrimentos intensos às pessoas.

As diferentes formas de preconceitos, os racismos dos mais variados matizes e a divisão social que mantém grande parcela da humanidade no desemprego ou mesmo subempregada, são alguns dos resultados da exclusão social e econômica. Nessa perspectiva, a chamada exclusão digital não se encaixaria nessa produção da marginalização no mundo moderno? Em outras palavras, o culto à informática não estaria produzindo a idéia de que aquelas pessoas que não se interessam em utilizar ou conhecer o computador apresentam um funcionamento subjetivo e cognitivo inadequado? Particularmente os jovens, como Mariana, não estariam submetidos a esse

verdadeiro bombardeio de idéias de que “aprender inglês e informática são fundamentais a sua formação e possibilidade de obter sucesso e felicidade no mundo atual?”

Entretanto, relevando a posição freudiana de que as situações envolvem uma relação, considera-se que esse processo trata de uma via de mão dupla, que também abarca as condições subjetivas das pessoas envolvidas a partir da sua inserção numa determinada tradição cultural. Assim, tem-se que considerar, além da inserção de Mariana no caldo cultural da modernidade produtor da idéia da exclusão digital, a singularidade das experiências de Mariana no tocante às suas experiências com as máquinas e aos sentidos que ela atribui a esses instrumentos a partir da sua apropriação desse caldo cultural.

A entrevistada é questionada sobre o uso de brinquedos eletrônicos na sua infância. Afirma que quando tinha 11 anos aprendeu por dois meses teclado, mas não gostou. Preferia violão, porque não é eletrônico e no violão quem dá o tom é a pessoa. Continuando sobre o assunto, ela esclarece:

“Gostava de uma boneca de pilha (que soltava bolinha de sabão), eu tinha uns 5 anos mais ou menos, era a única boneca que eu gostava, ela era dura, não dava quase para pegar no colo, eu sempre gostei dos bebezões para brincar, mas quando ligava ela, ela andava e soltava bolha.

Eu sempre gostei das coisas mais simples, das brincadeiras com pessoas, que não tivessem o envolvimento de máquina e tecnologia.

Às vezes penso no meu sobrinho (6 anos), gosta de videogame, computador, na infância já teve isso. Às vezes eu pego o videogame dele para jogar, mas eu não gosto. Não sinto nada; prefiro brincar com outra coisa, com ele eu brinco até de “hominho”, esses dias atrás eu brinquei de dominó, mas não me interessei por esses jogos eletrônicos.”

Aqui, podemos ver o fascínio que a boneca de pilha despertou em Mariana na sua infância, assim como a boneca Olímpia despertou fascínio no personagem Natanael, descrito por Freud no texto *O Estranho* (op. Cit.). O fascínio de ambos vem do que chama atenção: no caso de Mariana, a atração pela boneca vinha do movimento, ou seja, andar e soltar bolhas de sabão, embora fosse dura e tivesse um andar estereotipado, lado mecânico que Mariana procura descartar. Com Natanael, sua atenção prende-se na bonita, mas quieta e parada boneca, que ele confunde com uma pessoa de verdade.

... ele observa a casa em frente, do professor Spalanzani, e ali espia a bela mas estranhamente silenciosa e imóvel filha de Spalanzani, Olímpia. Logo se apaixona por ela tão violentamente que, por sua causa, esquece a moça talentosa e sensível de quem está noivo. Mas Olímpia é um autômato, cujo mecanismo foi feito por Spalanzani e cujos olhos foram colocados por Coppola, O Homem da Areia(...) (Freud, 1919, p. 287).

Ao perguntar o por que dela ser assim, ela responde que sempre gostou das coisas mais simples: da natureza, de subir em árvores, de lidar com coisas práticas, de conversar, ter contato, aconselhar, ouvir, dar opiniões, e de falar com pessoas, e o computador a deixa mais passiva, deprimida, pois tem que esperar algo dele e não gosta de esperar nada.

Novamente, o aspecto da antropomorfização e a atribuição de um lugar de outro à máquina se explicita como no caso da entrevistada anterior. Nesse caso, a relação construída por Mariana com a máquina assume o sentido de descaso e explicita o “ter que esperar algo dele e ela, não gosta de esperar nada”. Sua fala pode estar se referindo tanto à passividade da máquina, que responde a comandos simples, não criando ou produzindo nada, ou então pode

estar se referindo ao seu fascínio diante da máquina boneca, que explicita o seu duplo que fascina.

Apesar da difusão da idéia do computador como máquina pensante, o que difunde a idéia de que se trata de um instrumento inteligente e criativo interage com o usuário, essa idéia é desmistificada por Ullman (op. Cit.), a engenheira de software que nos mostra o quanto os comandos utilizados pelo usuário na internet ou nos programas, nada mais fazem do que remeter o usuário de uma página a outra, sobrepondo-as a partir da utilização de comandos simples que avançam ou retornam a posição anterior.

Mariana revela ainda, sobre a primeira vez que teve contato com a informática:

“Eu acho que eu vi o computador pela primeira vez no serviço de minha irmã, eu tinha 13 anos (...).Eu acho que a minha reação foi normal, nem mexer eu quis, não me chamou muito a atenção, não despertou nada, foi uma indiferença, algo, meio estranho, que não me interessa.”

Questionada sobre se vê o computador como ameaça e o que sente sobre isso ela diz:

“Eu acho que o computador é tecnologia. A tecnologia é uma ameaça ao ser humano, eu acho que a tecnologia é responsável por isso e toma o emprego das pessoas”

“Eu acho que não é raiva, e não é nem por isso que eu não mexo; mas é o mundo, a própria tecnologia, a base em si, que eu não tenho vontade.

Eu não tenho interesse, por ser uma opção pessoal, mas tem quem goste, eu não gosto, para mim é indiferente o computador.”

Mariana sente que o mundo que a rodeia está em transformação, e culpa a tecnologia por ameaçar o homem com o desemprego, uma idéia que não é nova, que continua desde que o homem criou a máquina e começou a se

envolver com ela, conforme nos lembra Hobsbawm (op. Cit.) quando relata os episódios de destruição das máquinas no início da industrialização ou quando Ullman (op. Cit.) comenta o esvaziamento das cidades no mundo contemporâneo e a perda dos contatos humanos em decorrência das pessoas se fecharem em suas casas, trabalhando com seus computadores.

(...) de repente, tudo se mostrou claramente ligado ao fato de o centro financeiro mundial se encontrar agora vazio. São os modems, a computação como uma espécie de bomba de nêutron, fazendo as pessoas desaparecerem, mas deixando os prédios. (p. 63)

Por fim Mariana é questionada pelo fato de ser tão jovem e desinteressada pela informática, ela diz:

“Eu não paro muito para pensar nisso, mas não tem nada a ver com a idade, seria mais o tipo da minha personalidade, quem gosta muito de computador. Eu acho que o computador deixa a gente solitária e eu não gosto disso, é isso que eu queria falar, obrigada.”

Mariana se preocupa com o isolamento que o computador pode trazer às pessoas, embora pertença a uma geração que convive com maior facilidade com a tecnologia que a geração anterior, devido à própria popularização dos produtos que envolvem a nova tecnologia, ela se preocupa com o aspecto de isolamento, solidão que o computador possa trazer. Também essa questão Ullman (op. Cit.), pode esclarecer:

(...) Somos seres humanos, afinal de contas. Queremos gente à nossa volta. Mas contratos e novas empresas não deixam muito espaço para sentimentos. Às vezes temos que fazer o serviço. (p. 121).

Na discussão anteriormente apresentada sobre a corporificação do medo, na sociedade ocidental, observou-se como Delumeau (op. Cit.) nos mostra que esse sentimento já assumiu várias configurações e, ainda, vai assumir outras, de acordo com as ocorrências da vida. A partir da entrevista acima podemos inferir que a entrevistada expressa seus medos investimento esse sentimento no objeto computador.

Na seqüência, observa-se que o medo associado ao computador diz respeito, entre outros aspectos, ao receio da solidão que Mariana expressa. Neste momento, relembremos Duby (op. Cit.) quando comenta que a sociedade moderna produz o isolamento das pessoas, seja por levá-las a se representar como indivíduos isolados do social, seja por produzir um modo de socialização que prioriza os relacionamentos em pequenos grupos apesar do aglomerado das grandes metrópoles. Para o autor a rede social moderna continua, como a sociedade medieval, a ser assolada por doenças, pela violência, pela fome, entretanto, na sociedade medieval os homens sentiam-se mais amparados pois viviam em grupos e sua “unidade familiar” era composta por parentes, agregados e até desconhecidos que se juntavam.

No cenário atual, o isolamento aumenta o desamparo humano, pois, as unidades familiares são constituídas por pequenos núcleos, modelo da família burguesa e, ainda, o modelo do indivíduo como valor e forma de organização subjetiva estimula a experiência da solidão. Assim, o medo da solidão de Mariana e sua referência ao computador desestimular o contato humano e propiciar a vida solitária, pode expressar os sentidos que a máquina está assumindo no mundo moderno e, particularmente, os sentidos que assumiu nas sua experiência singular.

Ricardo

O terceiro entrevistado, tem 57 anos, é casado e mora com a esposa e três filhos em Ourinhos. É professor, tem curso superior, está aposentado do serviço público do Estado há 3 anos, mas ainda leciona em escola particular e trabalha em torno de dez horas por dia.

Ricardo mostrou-se disponível desde o primeiro contato (via telefone), compareceu à entrevista no horário combinado, alegre e descontraído, achou muito importante o trabalho realizado e manifestou desejo de saber as conclusões tiradas do mesmo quando da ocasião oportuna.

A entrevista foi realizada em meu consultório, onde sentei-me na poltrona de psicoterapeuta e Ricardo na poltrona de paciente. Ele demonstrou estar à vontade e perguntei se poderia utilizar gravador e ele aceitou prontamente. Iniciamos nossa entrevista perguntando se ele usa informática em seu trabalho e como era seu relacionamento com as novas tecnologias, ele diz:

“Eu não uso, só quando preciso aplicar uma prova e a esposa faz para mim.”

“É zero, não tenho, me recuso lidar com a informática, não sei, nunca lidei, tenho visto as crianças mexerem e peço para eles, para a A (esposa do entrevistado) mas é difícil.”

Ricardo, no início da entrevista já mostra sua dependência em alguém lidar com a informática, e evidencia sua resistência ao afirmar que seu relacionamento é zero, difícil, mas mesmo assim reconhece que ele precisa da informática.

Questionado sobre ter problemas com aparelhos eletrônicos e elétricos que conhece ele afirma:

“Tenho restrições com caixas eletrônicos, aparelhos domésticos desde que apresente certo grau de sofisticação, quanto mais modernos, mais avançados na tecnologia, mais eu não faço uso.”

Ainda perguntando sobre problemas com aparelhos eletrônicos e elétricos desconhecidos ele diz:

“Normalmente me sinto bastante ansioso perante o novo, parece que em relação a aparelhos isso é mais ansiedade, no sentido de que não vou dominar aquilo principalmente no que se refere à tecnologia. Fora da tecnologia nunca tive problemas com o novo, me relaciono com o novo, com o carro, nunca tive problemas, não morro de amores por carro, agora meus filhos dirigem eu dou a chave, sem problemas.”

Ricardo admite ser temeroso frente ao que é novo e em relação à tecnologia, a ansiedade faz parte de sua vivência, ele explicita sua própria insegurança em relação ao problema. Em relação a esse assunto, Giddens (op. Cit.) afirma:

A ansiedade deve ser entendida em relação ao sistema total de segurança que o indivíduo desenvolve, mais do que como um fenômeno situacionalmente específico ligado a riscos e perigos particulares (...). Segundo Freud, a ansiedade, ao contrário do medo, “ignora o objeto”, em outras palavras, a ansiedade será sentida em uma determinada situação, Freud chega a dizer, depende em grande medida do “conhecimento e sensação de poder da pessoa em relação ao mundo exterior. (p. 46).

Também Ulmo et al (1970) já escreviam há três décadas passadas sobre as máquinas do amanhã e suas relações com o homem. Na fala de Ricardo é possível perceber toda a sua preocupação com esse envolvimento.

(...) a primeira reação é hostil: o instrumento suplementar parece violar o espírito. Para fazer desaparecer essa hostilidade é suficiente mostrar as limitações em certas direções e os prolongamentos em outras. (p. 135).

Ricardo nega seus problemas com a tecnologia, e as dificuldades com o uso da mesma, diz que não a usa e não se importa diante de suas dificuldades, afirmando que aquilo que ultrapassa os limites do natural ele não usa:

“Nunca tive um problema que justificasse essa aversão, sempre lidei com idéias, livros e pessoas, embora esse dado não esconda aversão, eu acho que eu não preciso tanto dela.”

Nesse ponto, Ricardo se contradiz, demonstrando sua resistência em relação à tecnologia e afirma que não precisa tanto de novas tecnologias e seu maior interesse está nas idéias, livros e pessoas, mas, anteriormente revela que precisa dos filhos (crianças) e da esposa para realizar as provas. Então percebe-se que ele precisa de tecnologia, mas se nega a admitir que ela pode ser uma transformação em suas idéias e formas de pensar.

À medida que a entrevista vai fluindo, Ricardo mostra um certo desconforto, com suas idéias sobre sua forma de encarar a máquina. Continua negando dificuldades com a informática e tenta sair ou fugir da situação, afirmando não ter motivos que o levem a essa postura negativa com a informática, quando afirma preferir ler um livro, ser viciado pela leitura e gostar de manusear o papel.

Também não se sente menosprezado por não lidar com a informática, embora fale aos filhos da importância para o mercado de trabalho e não se importa com a pressão dos filhos que esperam que ele deixe de ser dependente deles no uso da informática. Ele afirma não gostar de depender de ninguém, mas não tem ações para que haja mudanças. Essas questões mostram uma forma de racionalizar do entrevistado, evitando seu próprio sofrimento psíquico.

Questionado sobre o receio em usar aparelhos eletrônicos, Ricardo responde:

“Computador, caixa eletrônico de banco, aparelho de som sofisticado, tecnologia avançada, se é que é possível falar assim, mas enfim tudo que ultrapassa os limites do natural eu não uso.”

Ele sente-se ameaçado em relação a tudo que afirma não ser natural e, talvez essa questão envolva a própria vida do entrevistado que era de uma família rural que só possuía rádio, sendo que nunca se sentiu pressionado a usar nenhum instrumento eletrônico e recorda-se que somente aos dezoito anos (mais ou menos 1964), foi que conheceu uma televisão. Ele tinha ido estudar em Vitória (ES), pois na zona rural onde passou a infância e a adolescência não havia torres de transmissão e muito menos TV.

Ao perguntar a Ricardo sobre que tipo de consequências tem trazido para sua vida o fato de ter problemas com o uso da Informática ele diz:

“Acho que estou perdendo determinadas informações em rapidez, velocidade, tenho perda de qualidade, ou seja, de possibilidade de adquirir com satisfação. Quando eu preciso de informações, eu vou a minha biblioteca, o que eu preciso tenho, na minha casa, quando eu não tenho vou procurar em outro lugar, seria mais cômodo e estou

perdendo a possibilidade de ter mais informações no menor espaço de tempo.”

Esse posicionamento mostra o que o excesso de informações tem causado nos tempos atuais, a preocupação em ser bem informado, o excesso de informações provoca desconforto, as pessoas hoje estão sofrendo porque não conseguem assimilar tudo o que é produzido de conhecimentos. Ricardo preocupa-se com suas perdas de informações e suas idéias tem a ver com os escritos de Baptista (2001):

O mal-estar do nosso tempo é a inadequação, o sentimento opressivo de que as outras pessoas estão fazendo coisas certas, lendo os livros que contam e usando os computadores e programas mais modernos enquanto nós estamos ficando para trás na carreira ou nos relacionamentos (...). Quanto mais sabemos, menos seguro nos sentimos. (p. 63)

Questionado se se acha incapaz de aprender a usar a informática,

Ricardo responde:

“Eu acho que tenho plenas condições de aprender. Tenho consciência que posso até ter um domínio além de todas as dificuldades. Eu resolvi da mesma maneira adequada quando precisei aprender algo. Se existe é algo que não tenho consciência.”

Nesse momento da entrevista, Ricardo se despoja de suas defesas, confirma suas dificuldades e que tem condições para aprender, porém não sabe porque não o faz. Franco (1997) esclarece que quando algo é inovador ou não se sabe o que é ou como funciona tem-se uma posição defensiva; talvez seja por isso que as novas tecnologias sejam alvo de ataque, pois, fica difícil analisar e compreender as transformações atuais com as perspectivas da modernidade. Segundo o autor, de certa maneira as

incessantes transformações que os avanços tecnológicos proporcionam solicitam uma nova forma de olhar é um aprendizado constante.

Denunciar como o computador é terrível pouco tem ajudado a esclarecer a questão das novas tecnologias. Talvez, sim ajude a obscurecer a problemática. (Franco, 1997, p. 84).

Quando perguntando a Ricardo que motivos o levaram a ter dificuldades no contato com a informática, ele diz:

“Sou muito ansioso, tenho dificuldades em esperar respostas, no computador não tenho paciência, demora, e dá “um pau” no computador, sai do ar, daí perde tudo, eu vejo com as crianças. Eu teria que alimentar a resposta, eu acho difícil obedecer o computador, teria que ser obediente à ele.”

Ricardo demonstra seu sofrimento psíquico nessa questão, quando fala de sua ansiedade, sua falta de paciência, de ter que esperar e não conseguir, do receio de se submeter à máquina sendo obediente a ela. Essas situações deixam clara sua própria subjetividade e todo seu sentimento criado em relação à máquina e de que essa possa assumir o controle sobre sua vida.

Voltamos aqui a lembrar a discussão de Giddens (op. Cit.) quando afirma que a sociedade moderna é uma cultura de risco, que produz insegurança e temor para os homens, apesar de ter diminuído os riscos gerados pelo desconhecimento das causas das doenças e das catástrofes naturais. A insegurança atual pode se traduzir, entre outros aspectos, pela exclusão e a marginalização daqueles que não se enquadram no ideal construído pelos seus grupos sociais. Assim, o mundo informatizado produz o ideal do domínio da informática e podemos observar o sofrimento do entrevistado quando sente-se inadequado perante esse ideal. Na entrevista

anterior, Mariana também expressa esse sentimento de exclusão, apesar de não manifestá-lo tão intensamente quanto Ricardo. Entretanto, suas falas coincidem na crítica à máquina e no medo de que elas possam dominar suas vidas. Mariana incide sua crítica no aspecto geral, afirmando que a máquina deve servir ao homem e que a tecnologia está afastando as pessoas, levando-as a se isolarem. Por seu turno Ricardo manifesta sua crítica comentado sobre o caráter anti-natural da máquina, que o leva a não se interessar por ela. O que estará afirmando com esse caráter anti-natural da máquina?

A origem rural de Ricardo possivelmente se associa à construção dos seus referenciais identitários e, sabemos que a vida rural ainda é marcada por relações tradicionais no sentido da sociedade tradicional na qual as construções dos lugares sociais e sua estratificação são referência as pessoas para a sua organização subjetiva. Vários autores discutem o lugar social conforme mantido nas sociedades estratificadas e relacionais como referência as pessoas a organização da sua identidade (Figueiredo, 1994; Berman, 1986) e, dessa forma, podemos entender que a modernidade é atravessada pela insegurança e pelo medo em decorrência, dentre outros aspectos, da perda dos lugares sociais estratificados que estimulavam a produção psíquica de processos de reconhecimento do eu, de identidades, como pré-determinadas e estáveis.

Acompanhando as perspectivas apontadas acima, principalmente as discussões de Berman (1986), podemos pensar a cidade moderna com sua tecnologia, seu tempo que corre rápido, seu progresso desenfreado, suas relações sociais que não oferecem segurança e estabilidade para as pessoas se reconhecerem a partir delas, num processo de tudo que é sólido se

desmanchando no ar. Essa cidade moderna e seus aparatos tecnológicos são anti-naturais e se contrapõem à organização social presente na vida rural, na qual tanto a natureza se integrava às relações humanas, quanto o processo de reconhecimento das pessoas se associava a seus lugares sociais mais solidamente estabelecidos e demarcados.

O entrevistado é questionado sobre se tem sonhos do tipo computadores destruindo a si próprio e ao mundo, ele responde:

“Não, nunca tive. O sonho que eu sempre tenho é a sensação de estar perdido em uma grande cidade, mas de máquinas nunca. Em relação à máquina e conflitos mundiais, nunca sonhei não.”

No instante que relata o tipo de sonho que sempre tem (estar perdido em uma grande cidade), ocorre o reconhecimento de aspectos familiares presentes no estranho. O medo da perda de controle objetivado no computador pode relacionar-se ao medo de perder o controle na sua vida na “cidade grande”, industrializada e agora informatizada. Essas idéias fazem sentido se pensarmos na vida rural do entrevistado, morador até os dezoito anos em fazendas, quando o fascínio e o receio da vida na zona urbana tomam conta de sua subjetividade.

A seguir, Ricardo fala de como se sente em relação à informática:

“Não sei se é rejeição. Eu não vejo nenhuma necessidade de me envolver com isso, no meu estágio atual não sei o que isso poderia acrescentar, mas não alteraria absolutamente nada, nem minha qualidade de trabalho e nem minha visão de vida atuais.”

Para a psicóloga e professora Rosa Maria Farah, integrante do Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática da Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo, grande parcela da aversão a computadores parte do desconhecimento sobre o tema:

Para lidar com a própria inabilidade muitas pessoas tendem a diminuir a habilidade que não dominam. (Farah, 2001, p. 1).

Algumas pessoas em função de sua própria subjetividade que se articula à tradição cultural na qual se encontram inseridas, sentem-se mais atraídas pela máquina e conseqüentemente aderem mais rapidamente a um novo contexto. Entretanto, outras pessoas têm reações diferentes com a máquina, sentem-se ameaçadas, por ela e pelas novas tecnologias e, nesse último grupo, podemos destacar nosso terceiro entrevistado.

Em outras palavras, a tradição cultural do entrevistado, criado em zona rural e tendo muito contato com a natureza, possivelmente contribui para sua relação distante e contraditória com a cidade grande e para com seu medo da informática a ela associada. Esse medo é expresso nos seus sonhos de perder-se na cidade. Mesmo procurando identificar-se como um futuro usuário, ele apresenta medo, culpa, insegurança frente ao novo, evidenciando o conflito experimentado.

Quando pergunto a Ricardo quando foi seu primeiro contato com o computador ele diz que não se lembra, deve ter visto em algum lugar, mas não chamou atenção. Há uns cinco anos comprou computador para os filhos:

“(...) Só que desde cedo eu fui muito indiferente ao computador, não manifestei nenhuma vontade de lidar com ele. Me recusei a aprender mexer nele. Sentava, ficava observando o pessoal mexer, pai mexe aqui!!! Eu não tive nenhuma vontade, não chamou nada de atenção, não me causou nenhum encanto não, nunca tive nenhuma curiosidade, não chamou atenção como instrumento, nada. Isso continua só que eu sinto necessidade de digitar os textos, o pessoal lá em casa não tem disposição, e eu preciso em função de

trabalho, de trabalho básico, de texto, de instrumento de trabalho mecanizado, seria substituir a máquina, que faz mais de 30 anos que eu uso, mas eu ainda prefiro escrever a mão mesmo.”

Acompanhando as declarações de Ricardo podemos concordar com

Ulmo et al (op. Cit.) onde eles esclarecem:

Se uma máquina, sem automatismo qualquer melhora a condição material de determinados homens, ela introduz uma revolução tecnológica parcial, seu impacto é ao nível do corpo. Se essa máquina melhora os meios cerebrais de apreensão e de tratamento, a revolução parcial que introduz não pode facilmente ser definida. (p. 135)

Ricardo fala mais sobre o computador e porque não experimenta utilizá-lo:

“As idéias fluem, mais rápido, eu não fiz uma experiência de sentar e produzir um texto mecanizado, o meu contexto sempre foi com o manuscrito. No momento eu acho que teria muita dificuldade de escrever um texto diretamente no teclado (...)”

“(...) Eu acho que no fundo eu tenho uma certa rejeição à máquina, eu percebo isso até eu evito mexer em máquina de banco, com “cashing” não sei porque à máquina eu tenho uma resistência. Eu sofro um pouco quando eu tenho que lidar com essa máquina, banco, esse negócio, eu tenho certa ansiedade.”

Percebe-se que Ricardo tem dificuldades com mudanças, com o novo, embora a humanidade moderna ofereça uma série de oportunidades de experimentar o novo, ele tem receio, rejeita a idéia e mostra sua fragilidade.

Toda essa rigidez produz um sofrimento, que Ricardo descreve:

“Eu fico muito ansioso, apressado, percebo que eu quero acabar rápido, então fico ansioso. Na escrita isso já não acontece, agora uma folha de papel em branco, para mim representa um certo monstro, momentâneo, o que fazer e daí eu começo. Mas eu sinto uma ansiedade quando eu vou mexer com aparelho eletrônico, mas não sei explicar o porque disso.”

Remetemo-nos a Freud (1930) em *O Mal-Estar da Civilização*, para entender o sofrimento relatado por Ricardo:

Não admira que sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade, tal como, na verdade o próprio princípio do prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio da realidade, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. (p. 95)

Na questão que é colocada para Ricardo sobre o aumento de utilização do computador em todos os setores da sociedade ele diz:

“Eu me sinto incomodado até certo ponto, por causa do problema de não poder lidar com as coisas sem o computador. A minha esposa falou para mim essa semana, passa no computador, eu falei, pelo computador eu não vou, vou enfrentar a fila mesmo. Aí acabei não indo. Estou ficando incomodado, não tem como fugir (...) preciso dominar como instrumento de trabalho (...)”

Pergunto a Ricardo se ele observa alterações no seu trato com o computador, desde quando seu relacionamento com a informática era zero e agora ele diz:

“(...) é um pouco a direita de zero, isso mostra que a minha resistência está diminuindo. Eu tive pouco contato com aparelhos eletrônicos, era tudo desprovido, a família desprovida. Eu tenho uma dificuldade brutal para trabalhos manuais. Até para consertar alguma coisa em casa eu tenho uma dificuldade brutal.”

Ele tem procurado manter um esforço subjetivo melhorar seu contato com o computador, e está mais consciente de sua necessidade:

“É isso tem acontecido mesmo. Eu estou convencido cada vez mais que eu tenho que dominar essa técnica para o computador como instrumento de trabalho, mas não me sinto a vontade em relação a isso, nem de explorar o computador como possibilidade, esse tipo de aprendizado está fora do meu projeto.(...)

Uma coisa talvez seja o que explica a minha rejeição. É o automatismo, isso sempre me causou incômodo, e se apertou sai, se errou não. Isso é o oposto com o que trabalhei, eu trabalho com literatura e interpretação de texto que é um mundo aberto (...) no computador está algo mais estático, linear.”

Embora se esforce, as dificuldades de Ricardo ainda permanecem e ele continua se preocupando com a questão do automatismo que é totalmente antagônico a sua vida profissional, pois trabalha com as palavras, a própria liberdade de expressão, a criatividade. Nesse ponto, temos pontos de vistas diferenciados. Nicolaci-da-Costa (1998) defende a idéia de que os instrumentos da informática incorporam os ideais do homem no tocante a sua própria imagem e, portanto, o homem é responsável pelo funcionamento e inserção da máquina na vida dos homens:

Não cabe aqui falar da mecanização do ser humano na estressante civilização industrial ou pós-industrial (...) mas certamente cabe falar da humanização, ou melhor, da antropomorfização, do computador na moderna sociedade digital.

Para começar, computadores não são máquinas comuns, disso todos sabemos. São máquinas que já nasceram um pouco humanas na medida em que nelas seus criadores procuram simular e incorporar duas das principais características da nossa espécie: a inteligência, com seu infinito potencial de resolução dos mais variados tipos de problema, e a capacidade de memória (p. 58).

Entretanto, Ulmann (op. Cit.), questiona a pretensa apropriação dos ideais humanos e modernos pela máquina e aponta a fragilidade da idéia de que o computador funcione a partir de operações lógicas e sistemas racionais. Ale, disso, questiona o abandono dos relacionamentos humanos no fato de os usuários e trabalhadores privilegiarem as relações, com outro ser humano,

mediadas pela máquina. Vale transcrever o longo trecho em que essa engenheira de software apresenta os limites e as discrepâncias do pensamento humano associados de máquina pensante, desmistificando a idéia da lógica racional que sustentaria o computador, concomitante à desmistificação, a idéia moderna sobre a exclusividade da lógica racional presidindo o pensamento humano:

Pensei em seus programadores trabalhando em seus cubículos, cercados por um turbilhão de analistas e administradores bem-vestidos. O “sistema” chega até eles no papel, em inglês. Tudo que precisam fazer é escrever o “código”. Mas em algum lugar na transposição do papel para o código, a clareza desaparece. O mundo como os seres humanos o compreendem e o mundo como deve ser e explicado para o computador segue juntos no programador, num estranho quadro de disjunção.

O projeto se inicia na mente do programador com a beleza de um cristal. Lembro a sensação causada pelo sistema que sem encontra nas primeiras etapas da programação, quando o conhecimento que estou para reproduzir em código parece gracioso em sua estruturação. Durante algum tempo, o mundo é um lugar calmo e matemático [...]

Então algo acontece. À medida que se passam os meses começam a surgir a irregularidades do pensamento humano. Escrevemos o código e, de repente, há áreas obscuras e inespecíficas[...]. O pensamento humano pode pular bastante coisa, inclusive pequenas discrepâncias, e pode ter os seus poréns em cantos sossegados da mente. Mas a máquina não tem cantos. Apesar de todas as tentativas de se ver o computador como um cérebro, a máquina não tem planos. Ela não consegue fazer uma coisa e guardar para mais tarde o que não sabe. Na árdua tradução das especificações – par cada linha, uma linha de código -, o programador confronta todas as misteriosas operações do pensamento humano. (p. 29)

O computador pode ser programado para operar como se estivesse funcionando em condições incertas. Em especial, pode-se usar um ramo da lógica, chamado ‘lógica difusa’, para criar programas que tentem antever a possibilidade de vários resultados quando uma, ou mais de uma, condição pertinente não seja muito conhecida. Entretanto, no plano do código, a lógica não é difusa. Cada linha de código de programação deve se transformar numa série de instruções executáveis, cada uma das quais logicamente determinantes. Se alguma coisa inesperada acontece no plano da

instrução, ou o chip tem um defeito ou o computador está quebrado.
(ibid., idem).

Importante também é considerar, nessa discussão, que sabemos que embora apresentem uma enorme evolução tecnológica, os computadores ainda são relativamente difíceis de usar, aprender e programar, pois os usuários desenvolvem reações que envolvem emoções que podem trazer intimidações pelas regras rígidas das linguagens de interação com as máquinas.

Ricardo prossegue falando sobre sua problemática:

“Eu percebo que tenho um problema com a ansiedade, toda a operação que faço com uma máquina. Eu sei que eu posso fazer, que eu tenho competência para fazer, mas isso me traz ansiedade, isso provoca ansiedade e sofrimento; então eu fujo, se ficar o bicho pega, se correr o bicho come.

(...) Eu acho que quando eu sentar e começar a mexer eu vou conseguir porque diante daquilo que a gente aprendeu isso é pouco. Eu acho que é uma questão de começar.”

Nesse sentido, Ricardo elabora uma fantasia de que quando começar a mexer no computador vai ter todos os seus problemas resolvidos, basta apenas começar. Questiono-o sobre se logo começará a usar a máquina, ele afirma que sim, pois os três filhos estão estudando fora e, se a esposa viajar, ele não poderá solicitar de qualquer pessoa ajuda porque envolve um trabalho sigiloso, inclusive a digitação de provas para seus alunos:

“Essa questão de ansiedade e da angústia que eu tenho no sentido de refletir sobre o problema, no fundo, no fundo eu acho que existe o receio do novo, acho que não é do novo, é do não dominado. O não dominado me causa ansiedade até em dominar, daí eu percebo que é simples, todas as situações que mostravam que eu estava sofrendo a toa, foi tão difícil. (...) Eu nunca me recusei de enfrentar o desafio, daí eu vou e está resolvido o problema (...) a minha vida sempre foi cheia de desafios em cima de desafios, pois teve barreiras, obstáculos para eu crescer, inclusive estudar, havia muito problema, sempre foi difícil,

então seria normal que eu me acostumassem, mas toda nova situação cria ansiedade (...) eu supero.”

Ao encerrar a entrevista, a fala de Ricardo é interessante:

“Eu acho que da próxima vez que eu conversar com você, eu te mando um e-mail (risos), porque eu fico motivado quando falo do assunto. Eu penso se eu sou capaz de fazer coisas muito mais complicadas porque eu não vou aceitar esse desafio de lidar com esse novo.”

Nesse momento da entrevista, Ricardo expõe bem sua organização psíquica no tocante à relação com o computador. Ele vai expondo seus sentimentos, suas dificuldades e o sofrimento psíquico que o mundo interno e externo produziu. Ele mostra a busca pelo ideal de superar as barreiras que o impedem de atingir realizar o propósito de conseguir lidar com a máquina informatizada. Ele encerra a entrevista colocando-se mais atento a sua demanda e, expressando aquilo que gostaria de realizar.

7. Conclusões e Indagações

Conclusões e Indagações

A realização deste trabalho trouxe, mais que conclusões, a certeza de que novas investigações são necessárias em favor desse importante e atual tema. Entretanto, considerando a abrangência do tema e os limites do nosso trabalho, esperamos ter conseguido oferecer uma parcela de contribuição com a realização deste estudo, pois temos a convicção de que se trata de um tema complexo, que envolve o cotidiano das pessoas e a vida na sociedade contemporânea.

Todo o contexto aqui assinalado deixa claro que o tema está longe de ser exaurido, mas apresenta uma reflexão para a compreensão das relações firmadas pelas pessoas com a informática, a sociedade contemporânea e as novas tecnologias, particularmente o computador.

De uma forma geral, conforme se vê na discussão apresentada, o computador é uma máquina, mas uma máquina para qual são transferidas funções intelectuais humanas de várias formas. Ele faz o que seus programadores e usuários querem que ele faça, ou seja, ele é programado por

uma equipe de profissionais, que vão dotá-lo de funções e potenciais para os quais ele deve responder.

Nesse aspecto, a máquina computador corporifica e explicita o ideal da modernidade construída sobre o sujeito da razão, como aquele capaz de utilizar parâmetros lógicos e racionais para conhecer o mundo que o cerca e de trabalhar com o máximo de eficácia e de competência. Assim, em decorrência da sua crescente antropomorfização e do fato de encarnar os ideais modernos, o computador produz fascínio e medo no homem. A declaração feita no final do ano de 1955 pelo futuro prêmio Nobel de Economia, Herbert Simon, prenunciava a amplitude da construção de uma máquina que incorporava esses ideais:

Neste Natal eu e Allen Newell inventamos a máquina pensante.
(Teixeira, 1998a, p. 9).

Assim, quando uma engenheira de software como Ullman (op. Cit.) relata o funcionamento do computador baseado em parâmetros que fogem à lógica, à compreensão e ao controle humano, ela está relatando os limites da razão. Esse relato preocupa o homem, pois explicita tanto a quebra dos ideais do homem cognoscente e racional, quanto demonstra que a máquina pode fugir ao controle humano, da mesma forma que a natureza continua a fazê-lo, apesar dos esforços da humanidade em domá-la.

A sociedade de consumo e a produção de novos produtos são frutos do projeto da modernidade bem como, o desenvolvimento é um conceito que também faz parte desse projeto. Acompanhando essa linha, a construção das novas tecnologias e a necessidade de constante evolução, entendida como

sinônimo de desenvolvimento, tornam-se necessárias, pois esse é um princípio radical, pelo qual sempre se destrói o velho para construir o novo. Assim,

O homem busca mudanças bruscas, ações e contatos rápidos, gratificação instantânea, curas mágicas, massificação crescente e, dessa forma, as experiências humanas são cada vez mais descartáveis (Porto, 1999, p. 15).

Os entrevistados trazem, com certa frequência, em seus discursos, narrativas que explicitam os sentidos coletivos assumidos pelo ideário moderno, tais como, o desenvolvimento de novas tecnologias, a máquina mediando as relações humanas, a necessidade de conseguir trabalhar com os computadores, o receio de que esses possam dominar a vida humana e afastar cada vez mais as pessoas, dentre outros temas. Os entrevistados, ainda, puderam refletir sobre suas próprias vivências, sobre seus sofrimentos psíquicos que fazem parte de suas histórias de vida, sobre o contato com o outro, e sobre o estranho, que se explicita no contato com a máquina-computador.

As pessoas entrevistadas, apesar de inicialmente manifestarem seu “desinteresse” para com a aprendizagem dos instrumentos informatizados, no decorrer das entrevistas demonstraram estar preocupadas com os computadores, e toda a dificuldade que envolve seu uso, pois acabam tendo que recorrer a outras pessoas para realizar tarefas com esses instrumentos que o cotidiano lhes impõe.

Os três entrevistados, com idades bastante diferentes, apresentam dificuldades perante o novo e no estabelecimento da interação com a máquina,

que muitas vezes são idealizadas por eles. Também o fato de tentarem tolerar suas próprias frustrações frente à máquina envolveu um processo de dificuldade para todos eles, que são capturados pelo discurso da eficácia e da eficiência moderna.

Com histórias de vida e perspectivas frente às novas tecnologias variadas e às riquezas de suas diferentes organizações subjetivas, Maria, Mariana e Ricardo vivem a contradição imposta pela própria tradição cultural na qual encontram-se mergulhados, bem como explicitam a apropriação dessa tradição a partir das suas experiências e singularidades. Em outras palavras, as ciências e a própria tecnologia são resultados do desenvolvimento das forças produtivas da modernização capitalista e, apesar de colaborar com o homem, produzem a destruição de gerações de indivíduos que entram em relação uns com os outros.

Frente a esse cenário, a pergunta que se pode fazer é se os avanços tecnológicos constituem obstáculos aos processos de organização e consolidação das estruturas psíquicas, em termos dos vínculos estabelecidos com o outro. Os contatos familiares e sociais dos entrevistados, em geral, dos entrevistados seriam um exemplo dessa situação, seriam um sintoma da dificuldade de relacionamento dos entrevistados com os outros sendo que o lugar ocupado pelo computador e pela internet poderia ser ocupado por qualquer outro objeto. Ou o lugar ocupado pelo computador explicita um sentido cultural e social assumido pela máquina? Em outras palavras, o homem moderno elabora sua história singular, familiar e cultural, bem como sua própria crença identitária, marcado por uma determinada tradição de sociabilidade por meio da imposição de uma cultura informatizada que oferece benefícios, mas

que tende a isolá-lo em contatos virtuais e afastá-lo do contato concreto com aqueles que estão ao seu redor.

Vidille (1999) esclarece que as inovações tecnológicas influenciam nossa maneira de pensar e viver. Nossos esforços para conquistar novas tecnologias suscitam aquisições em nosso sistema de referências inconscientes, que incluem “ícones” da era moderna como o avião, o helicóptero, as máquinas. Assim, acompanhando a fala do autor, podemos supor que a máquina e, posteriormente, a máquina informatizada (computador) assumiram esse lugar na vida psíquica das pessoas, pois, como objetos sociais, eles incorporaram significados definidos como inovadores e desafiadores e servem para sustentar os sentidos atribuídos pelas pessoas às suas experiências.

Então questionamos: como viveríamos sem a informática com toda informação, rapidez e conforto que ela representa nos dias atuais? Da mesma forma, perguntamos: como vivemos com a informática e sua influência no mundo atual?

Este estudo não tem o propósito de generalizar seus resultados, mas pode, no entanto, oferecer uma contribuição a outros estudos, a partir da transferência dos conhecimentos produzidos aqui, ou então suscitar complementações, sugestões e críticas, visto não ser um estudo que se encerra em si próprio.

Fica uma pergunta que, esperamos, seja respondida por outros estudos: sobre até que ponto a mudança presente no mundo moderno contribui para os impactos que as novas tecnologias trazem à vida das pessoas e suas subjetividades? Em outras palavras, não sabemos se as questões ligadas à informática serão clinicamente significativas no futuro, ou se serão sem importância, o que constatamos é que, tanto no uso da informática, da internet,

como de novas tecnologias, a subjetividade evidencia transformações contínuas.

8. Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BACON, F. *Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAPTISTA, C. A Dor de Nunca Saber o Bastante. *Veja*. 5 set. 2001. p. 62-66.
- BELLIO, M. L.; EDENBURG, I. Cultura Mediática y Subjetividade. Congreso Argentino de Psicoanálisis On-line. Buenos Aires: 2000.
- BERMAN, M. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar - A Aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BLEGER, J. *Temas de psicologia - entrevista e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRETON, P. *História da Informática*. São Paulo: UNESP, 1991,
- BOBBIO, N. et al. *Dicionário de política*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.
- BUTTON, G. et al. *Computadores, Mentes e Conduta*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CALLIGARIS, C. Culturalismo e Psicanálise. *Percurso*. São Paulo: p. 9-33, 1999.
- CIVILETTI, M. V. P.; PEREIRA, R. Pulsões Contemporâneas do Desejo: Paixão e Libido nas Salas de Bate-Papo Virtuais. *Psicologia Ciência e Profissão*. v. 22 n. 1, p. 38-49. 2002.
- COELHO JR. , N.E. Realidade clínica e realidade virtual In: PACHECO FILHO, R. A.; COELHO JUNIOR; ROSA, M. D. (org.) *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Educ - Casa do Psicólogo, 2000.
- CORRÊA, C. A. Vivendo o virtual. *Boletim Científico da S.B.R.J.*, n. 2, p. 7-8. mar, 1998.
- COSTA, G. P.; KATZ, G. S. *Dinâmica das Relações Conjugais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

DELUMEAU, J. *História do Medo no Ocidente - 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DUBY, G. *Ano 1000 ano 2000 - na pista de nossos medos*. São Paulo: UNESP, 1999.

DUXBURY, L. E.; HIGGINS, C. A. Gender differences in work - family conflict - *Journal of Applied Psychology*, v. 76, n. 10, p. 60-74. 1991.

ENRIQUEZ, E. Os Desafios Éticos nas Organizações Modernas. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo: v. 37, n. 2, p. 6-17, abr/jun. 1997.

ÉSQUILO. *Prometeu Acorrentado*. Tradução: Alberto Guzik. São Paulo: Abril, 1980.

FAGUNDES, J. O. Principais Constatações à Psicanálise na Atualidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 35, n. 3, p. 599-615. 2001.

FARAH, R. M. site www.uol.com.br/aprendiz/noticias/espacodigital. Acesso 18/09/01.

FÈDIDA, P. *Clínica Psicanalítica: Estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.

FÈDIDA, P. Introdução a uma metapsicologia da contratransferência. *Rev. Bras. de Psicanálise.*, 20, (4): 613-29, 1986.

FERKISS, V.C. *O homem tecnológico - Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FIGUEIREDO, L.C.M. *A invenção do psicológico - quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: Escuta/ Educ, 1994.

FOSTER, G. M. *As culturas tradicionais e o impacto da Tecnologia*. Rio de Janeiro: Fundo da Cultura, 1964.

FRANCO, M. A. *Ensaio sobre as tecnologias digitais da Inteligência*. Campinas: Papyrus, 1997.

FREIRE COSTA, J. *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREUD, S. *Luto e Melancolia*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, (1915), 1973.

FREUD, S. *O Estranho*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (1919), 1973.

FREUD, S. *O Mal-estar da Civilização*. In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago (1930), 1973.

FREUD, S. *Psicanálise e teoria da libido*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (1923), 1973.

FREUD, S. *Psicologia de Grupo. Análise do Ego*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (1921), 1973.

FREUD, S. *Sobre o Narcisismo*. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, (1914), 1973.

GARATTONI, B. Hacker mais famoso da história volta à rede. *Folha de São Paulo*; F-2, 22 jan 2003.

GEVERTZ, S. O virtual tem algo de humano? *Viver*. São Paulo: ano VIII, n. 94, p. 14-16. nov. 2000.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HOBBSAWM, E. J. Os destruidores de máquinas. In: HOBBSAWM, E. J. *Os trabalhadores: estudos sobre a história do operariado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LEVY, P. *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1997.

LINO DA SILVA, M. E. Pensar em psicanálise. In: LINO DA SILVA, M.E. (org) *Investigação e psicanálise*. Campinas- São Paulo: Papyrus, 1993.

MEZAN, R. *Psicanálise e pós-graduação - notas e reflexões* (texto on-line), 1999.

MEZAN, R. Que significa “pesquisa” em psicanálise? In: LINO DA SILVA, M.E. (org) *Investigação e psicanálise*. Campinas- São Paulo: Papyrus, 1993

NAISBITT, J. *Megatendências - Megatrends: As dez grandes transformações que estão ocorrendo na sociedade moderna*. São Paulo: Abril - Círculo do Livro, 1993.

NICOLACI-da-COSTA, A. M. *Na Malha da Rede - os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NOGUEIRA FILHO, D. M. Psicoterapia e empirismo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental III*, n. 4, p. 92-111. 2000.

NUGENT, D. Os intelectuais do norte e o EZLN. In: WOOD, E. M.; FOSTER, J. B. (org). *Em Defesa da História - marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

PACHECO FILHO, R. A O método de Freud para produzir conhecimento: revolução na investigação dos fenômenos psíquicos? In: PACHECO FILHO, R.

A.; COELHO JUNIOR; ROSA, M. D. (org.) *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: EDUC - Casa do Psicólogo, 2000.

PORTO, S. D. (org.). *Sexo, afeto e era tecnológica*, um estudo de chats na Internet - Brasília D.F.: UNB, 1999.

PUGLIESE, S. V. *Patologías en el Mundo de La Cultura Cibernética*. Mendoza: *I Jornadas Cuyanas de Psidiagnóstico. Actualizaciones en Psidiagnóstico y Psicopatología*, 1996.

REZENDE, A M. A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: Lino da Silva, M.E. (org.) *Investigação e psicanálise*. Campinas- São Paulo: Papirus, 1993

SERRES, M. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SOUZA, M. *A Experiência Da Lei e A Lei da Experiência*. Rio de Janeiro - São Paulo: Revan - FAPESP, 1999.

SOUZA, M. *Moralidade e responsabilidade*. Psicopedagogia Online. São Paulo, 2002. Site www.psicopedagogia.com.br. Acesso 18/01/03.

TEIXEIRA, C. A. Quem é o Quê na Internet? In: *Guia da Internet*. ano 3, n. 30, nov 1998b, p. 98.

TEIXEIRA, J. F. *Mentes e Máquinas - Uma introdução à ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a.

TENÓRIO, R. M. *Computadores de Papel: Máquinas Abstratas para um ensino concreto*. São Paulo: Cortez, 1991.

ULLMAN, E. *Perto da máquina*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

ULMO, L. et al. *A Revolução da Informática*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

VIDILLE, W. Sinais da Modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 33, n. 1, p. 777-786, 1999.

YOUSSEF, A. N. & FERNANDEZ, V. P. *Informática e Sociedade*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.

Anexos

Roteiro de Entrevista (Anexo I)

5 - Você já teve algum problema relacionado à tecnologia?

6 - Que tipo de dificuldades apresenta perante a Informática?

7 - Como você se comporta diante de suas dificuldades com a Informática?

8 - Cite três motivos que levaram você a ter problemas com a Informática:

9 - Você tem receio de usar que tipo de aparelho eletrônico (computador, caixa eletrônico, celular, equipamentos eletrônicos, aparelhos eletrodomésticos, outros)?

10 - O fato de apresentar dificuldades com a Informática o deixa insatisfeito?

11 - Como é sua insatisfação perante seu problema?

12 - Alguma vez você foi punido por mexer em um aparelho eletrônico?

13 - Receia ser menosprezado por não saber lidar com Informática?

14 - Sente-se desvalorizado por ter problemas com a Informática?

15 - Que tipo de consequência tem trazido para sua vida, o fato de apresentar problemas com o uso da Informática?

16 - Receia lidar com aparelhos eletrônicos e estragá-los?

17 - Se acha incapaz de aprender a usar a Informática. Por que?

18 - Receia que alguém caçoe de você, por ser lento ao lidar com aparelhos eletrônicos?

19 - Que motivos o levaram a ter dificuldade no contato com a Informática?

20 - Você tem visões, sonhos do tipo de computadores te destruindo ou destruindo a humanidade?

21 - Deixou de trabalhar com Informática por ter recebido críticas?

22 - Deixou de trabalhar em algum lugar porque tinha que ter contato com a Informática?

23 - Você tem receio em pensar que aparelhos eletrônicos possam te dominar?

24 - Tem alguém próximo a você que te auxilia nas suas dificuldades com a Informática? Quem?

25 - Como você sente sua relação com a Informática?

Observações:

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

CAMPUS DE ASSIS - SÃO PAULO
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Termo de Consentimento pós-informação.

(Obrigatório Para Pesquisas Científicas com Seres Humanos - Resolução nº 01 de 13.06.1988 – CNS)

I - Dados de Identificação do Sujeito:

1 - Iniciais:

Sexo: M F data de nascimento:

Cidade:

II - Dados sobre a pesquisa científica

1 - Título: A constituição da subjetividade Humana e as Relações com a Informática.

2 - Pesquisadora: Eunice Corrêa Sanches Belloti
C.R.P. 06/16876

3 - Unidade da UNESP: Pós-Graduação em Psicologia da Saúde – Mestrado.

4 - Avaliação do Risco da pesquisa:

SEM RISCO RISCO MÍNIMO

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo).

RISCO MÉDIO ALTO RISCO

5 - Duração da pesquisa: 1 ano.

III - Explicações do pesquisador

1 - Justificativa e os objetivos da pesquisa: Conhecer as especificidade da organização subjetiva das pessoas que se envolvem com a Informática, bem como descrever como as pessoas percebem sua relação com a Informática.

2 - Procedimentos serão utilizados: entrevista com os sujeitos.

3 - Desconfortos e riscos esperados: nenhum.

4 - Benefícios que podem ser obtidos: contribuição para o crescimento da ciência.

5 - Esclarecimento sobre a garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento sobre qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa e o tratamento do indivíduo.

Sim Não

6 - Esclarecimento sobre a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar no estudo, sem que isto traga prejuízo a continuação do seu cuidado e tratamento na clínica.

Sim Não

7 - Compromisso sobre a segurança de que não se identificará o indivíduo e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a sua privacidade.

Sim

Não

8 - Compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a vontade do indivíduo em continuar participando.

Sim

Não

Observações Complementares:

IV - Consentimento pós-esclarecido

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido pelo pesquisador, consinto em participar, na qualidade do sujeito, do Projeto de Pesquisa referido no inciso II.

Ourinhos, de de 2002.

Assinatura do sujeito:

Assinatura do pesquisador:

Obs: Este termo deverá ser elaborado em duas vias, ficando uma via em poder do sujeito e outra deverá ser anexada ao Projeto de Pesquisa, por um período de cinco anos, após a data da defesa da dissertação.

para uma pessoa passar para mim na escola. Ela falou que hoje é inconcebível uma professora não saber usar computador, porque a escola já ofereceu curso.

E - Que tipo de dificuldades apresenta perante a Informática?

S - Eu uso o computador mas muito pouco, só o editor de texto, acesso um site na Internet, mas só com ajuda da minha filha que é adolescente, não recebo e nem mando e-mail, ela que faz para mim, mas fica muito brava e ela vai estudar fora, daí eu vou ter que aprender direitinho.

E - Como você se comporta diante de suas dificuldades com a Informática?

S - Eu me sinto mal, uma incompetente, só que já me acostumei a chamar a minha filha para resolver tudo.

E - Cite três motivos que levaram você a ter problemas com a Informática:

S - Acho que é comodismo, desinteresse e desânimo para querer aprender bem.

E - Você tem receio de usar que tipo de aparelho eletrônico (computador, caixa eletrônico, celular, equipamentos eletrônicos, aparelhos eletrodomésticos, outros)?

S - Computador, só uso o da minha casa, os outros eu tenho medo de lidar, acho que vou apagar ou deixar sinais para perceberem que eu fiz um monte de coisa errada. No caixa eletrônico também só uso o do meu banco, mas tenho que anotar a senha na mão, porque não sei nunca, acaba a minha filha fazendo para mim, eu prefiro que ela vá ao caixa do que eu. O celular uso sem problemas, mas equipamentos eletrônicos, aparelhos eletrodomésticos se for em casa eu procuro aprender e usar, mas eu não ligo muito não.

E - O fato de apresentar dificuldades com a Informática o deixa insatisfeito?

S - Sim, muito insatisfeita, porque eu poderia tirar mais proveito do computador.

E - Como é sua insatisfação perante seu problema?

S - É grande, pois eu fico sempre dependendo dos outros, e eu detesto depender de alguém, isso nunca é bom.

E - Alguma vez você foi punido por mexer em um aparelho eletrônico?

S - Eu me lembro quando era pequena meu pai comprou um rádio de pilha lindo, todo coral e prata, bem pequeno, e eu fiquei mexendo nele, daí eu coloquei ele no chão, perto do sofá, e esqueci, depois eu voltei e sentei no sofá, não vi e sentei em cima da antena dele que amassou, a ponta, ou seja, dobrou uns 10 cm, eu fiquei muito nervosa e saí da sala. Meu pai chegou e viu aquilo ,falou que era o meu irmão mais velho que tinha feito isso, e brigou com ele, mas eu não desmenti, fiquei ali quieta, mas até hoje me lembro disso e não gosto....E hoje quando chego perto do computador, minha filha fala que é para eu tomar cuidado senão eu vou apagar o computador inteiro, às vezes eu começo a mexer e ela fala, vai para lá mãe, que eu faço, porque senão você vai dar problemas.

E - Receia ser menosprezado por não saber lidar com Informática?

S - Sim, claro, eu já passei por essa situação, e me senti mal.

E - Sente-se desvalorizado por ter problemas com a Informática?

S - Sim, parece que não sou inteligente como os outros. Porque eu já fiz umas 5 aulas que foram oferecidas pela escola, junto com o professor, no curso eu sabia tudo, chegava em casa eu esquecia. Minha filha nunca fez e lida tão bem.

E - Que tipo de consequência tem trazido para sua vida, o fato de apresentar problemas com o uso da Informática?

S - Eu me sinto excluída, parece que sou menos competente quando o assunto é esse.

E - Receia lidar com aparelhos eletrônicos e estragá-los?

S - Sim, essa é uma das razões porque eu não gosto de lidar com eles. (Risos)

E - Se acha incapaz de aprender a usar a Informática. Por que?

S - Um pouco. Porque o curso que eu fiz foi insuficiente. Estou com vontade de arrumar um personal teacher (não sei se assim que se fala), personal teacher em informática para aprender bem. (Risos)

E - Receia que alguém caçoe de você, por ser lento ao lidar com aparelhos eletrônicos?

S - Sim, e isso já aconteceu aqui em casa, com meu marido e filha. Ele costumava dizer que eu não sei apertar botões, e eu falo para ele que ainda bem que ele não é feito de botões, assim nos pudemos ter nossa filha.

E - Que motivos o levaram a ter dificuldade no contato com a Informática?

S - Acho que o maior foi o comodismo, e talvez o medo, a insegurança de ser ridicularizada pelos erros. O que eu faço gosto de ser a melhor em tudo, a perfeita, como eu não consigo ser assim com a Informática eu me recuso a aprender ou fazer.

E - Você tem visões, sonhos do tipo de computadores te destruindo ou destruindo a humanidade?

S - Não, nunca tive.

E - Deixou de trabalhar com Informática por ter recebido críticas?

S - Não, já recebi críticas como descrevi pra voce, só que como não trabalho quase, isso não aconteceu.

E - Deixou de trabalhar em algum lugar porque tinha que ter contato com a Informática?

S - Não, isso não, porque lido com crianças, dou aulas para o infantil.

E - Você tem receio em pensar que aparelhos eletrônicos possam te dominar?

S - Não, eu acho que é o homem que domina tudo.

E - Tem alguém próximo a você que te auxilia nas suas dificuldades com a Informática? Quem?

S - Sim, já falei a minha filha, ela que faz tudo para mim. No ano que vem, ela vai fazer intercâmbio no Canadá.

E - Como você sente sua relação com a Informática?

S - Acho difícil, mas quero melhorar, porque isso me prejudica.

E - Está ótimo. Você gostaria de colocar mais alguma coisa?

S - Sinto que hoje o mundo já está se dividindo em quem usa a Informática e em quem não usa, e quem está no mercado de trabalho, precisa estar atualizado, sem bloqueio, para que não tenha inseguranças.

Entrevista nº 2

Entrevista realizada no consultório da entrevistadora, o sujeito 1 chegou no horário, alegre, espontâneo, sentou-se na cadeira de paciente e comentou que estava a disposição. Expliquei que usaria o gravador, ele concordou e iniciamos a entrevista. Relata que está com um pouco de pressa, pois tem outro compromisso, após a entrevista.

Entrevista realizada em 21/10/02

E - M. gostaria de aprofundar algumas questões da sua entrevista anterior, tudo bem?

S - Tudo bem, estou às ordens.

E - Em uma das perguntas que fiz à você no nosso primeiro contato você respondeu que o seu relacionamento com a Informática “é péssimo, difícil, que não tem relacionamento”. Você pode falar mais um pouco sobre isso?

S - Sim, eu disse que o meu relacionamento é péssimo, difícil, porque é mesmo. Detesto esse negócio de máquina, ligar, desligar e mexer na máquina; meu negócio é lidar com gente, pessoas, que mostre seu jeito, que responda, que converse. A máquina fica parada, ela fica esperando da gente, ela é fria. Eu gosto é de gente.

E - Você se lembra quando viu um computador pela primeira vez?

S - Eu me lembro que era adolescente, meu namorado estava trabalhando no C.P.D., acho que era Centro de Processamento de Dados do Bradesco, eu fui até lá, o ar condicionado era muito gelado (ele estava sempre resfriado) e eu vi aquelas máquinas enormes. Depois de muito tempo eu fui ver um computador menor, esse que a gente tem em casa, eu vi na casa de uns amigos, o meu marido ficou doido, queria comprar aquilo, e gastou um dinheirão com o computador... (Pausa) Daí ele ficava a noite toda no computador, me chamava pra ver, eu não me interessava, ele precisou chamar o homem que vendeu para ele várias vezes para programar de novo o computador, porque ele chegou a apagar por umas três vezes o computador, porque mexia em botão errado, até que ele aprendeu. Só no começo que o computador ficou na sala de televisão, ele não vinha dormir, só ficava naquela coisa, eu chamava ele, e nada. Eu cheguei a ter muita raiva desse tal computador, acho que era até ciúmes mesmo, porque o computador era mais importante do que eu. Depois, isso passou a ser só de fim de semana, eu não liguei mais, e muitas amigas

minhas tiveram o mesmo problema, que os maridos ficavam só na frente do computador (ah! Na época nem tinha a Internet, não). Uma amiga que o marido era médico fez ele levar o computador para o consultório, senão ia ter divórcio, mas daí ele vinha para casa muito tarde da noite, porque ficava na frente do computador direto, ela tem raiva de computador até hoje.

E - Então você tinha ciúmes do computador, e hoje, não tem mais?

S - Eu tive muito ciúmes, tinha vontade de devolver aquela coisa, de tanto que o meu marido ficava mexendo. Depois eu fui acostumando, hoje não tenho mais ciúmes, mesmo não usando ele, eu preciso dele, minha filha que usa ele para mim. Hoje o que eu tenho é medo, receio, muito receio.

E - Que tipo de sentimento você tem frente ao computador?

S - Eu fico muito perturbada, insegura, com muito medo, chego a tremer, ficar com a boca seca, se tiver alguém estranho perto, acho que vou me atrapalhar toda, acho que o computador pode me dominar, as pessoas vão perceber que eu errei, detesto que os outros vejam que eu errei. Porque eu quero fazer o melhor, da melhor forma, só que com informática não depende só de mim, depende do que eu vou lidar com a máquina e com isso eu crio uma barreira imensa, que não consigo superar.

E - Você assistiu algum filme sobre relações pessoais com o computador?

S - Não, eu não assisti não, porque eu acho que não me despertei para isso, por isso eu não lembro de nenhum filme. Eu me nego a ler, ver qualquer coisa sobre isso.

E - Como você se vê perante o novo?

S - Eu tenho muita dificuldade de lidar com o novo, eu não consigo lidar rapidamente, eu preciso ficar contemplando o novo, olhando, olhando, olhando.

Se eu pudesse ficava com tudo o que eu conheço, o novo para mim, em qualquer situação é o incerto, o que me ameaça. Tenho problemas em fazer amizades novas, eu fico sempre desconfiada. Não gosto de roupa nova, só de casa e móveis novos, eu nunca gosto de pôr roupa nova, tenho medo de não agradar, de ficar no ridículo. Então, no computador o novo me apavora, não sei como lidar, me deixa muito nervosa.

E - Isso te traz algum sofrimento?

S - E como, e como!!! Parece que eu sou diferente das outras pessoas, quando assisto filmes antigos, de época, fico achando que eu devia ter nascido na idade do romantismo, por exemplo aqueles filmes que eu assistia quando criança de “Sissi a imperatriz”, aquilo que era vida, só havia sentimento, romantismo, amor, eu queria viver num mundo de contos de fada, ou seja, e viveram felizes para sempre!!! ... (Pausa) É claro que eu queria ser a princesa e que o meu marido fosse o meu príncipe que vinha me resgatar desse mundo (atual) para o mundo da Sissi, sem problemas, sem nada.

E - Mas, mesmo nos filmes da Sissi havia conflitos.

S - Se havia eu apaguei, ou melhor, “deletei” eles, nesse meu filme não há lugar para o novo, e muito menos para conflitos era só felicidade. E eu não consigo lidar com conflitos, eu quero tudo cor de rosa com bolinhas azuis. Queria que todo mundo fosse feliz.

E - E você M. é feliz?

S - Depende da situação, em certos momentos eu sou muito feliz, em outros muito infeliz, porque a felicidade não depende só de mim, se dependesse seria muito fácil, mas, mas, sempre tem um mas...

E - O computador contribui para o que.

S - Eu acho que para a infelicidade. Eu não lido bem com as máquinas. E com uma série de coisas. Silêncio ...

E - Isso traz sofrimento?

S - É muito, porque é difícil lidar com as nossas próprias dificuldades, nossas incapacidades.

E - Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

S - Bem, eu acho que eu falei demais, ou melhor eu fantasiei demais, mas é isso que eu sinto, é dessa forma que eu me vejo; embora saiba que eu não posso fugir, que existe um mundo real, bem diferente do que imaginei e nesse mundo real eu preciso usar a informática de qualquer maneira, por causa do meu trabalho. Eu posso até demorar um tempo, mas não posso fugir disso de jeito nenhum, embora eu tenha receio.

Dados Pessoais:

Data: 19/08/02

Sexo: feminino

Iniciais: Mariana

Idade: 17 anos

Estado civil: solteira

Nº de filhos: -

Profissão: estudante

Escolaridade: 3º colegial

Quantas pessoas moram em sua residência: 7

Localidade onde nasceu: Salto Grande - SP

Localidade onde mora:

Ourinhos

Trabalha: faz estágio do Curso Técnico em Administração

Há quanto tempo: 5 meses

Quantas horas trabalha por dia: 4 horas

Em que local exerce seu trabalho: na biblioteca de uma escola

- Questões específicas

E - Você usa informática em seu trabalho?

S - No meu trabalho, poucas vezes porque... por causa dos livros uso para, como posso dizer; para registrar os livros, só para isso.

E - Como é o seu relacionamento com a informática?

S - Eu nunca tinha pensado, ou melhor, nunca me interessei, nunca pensei em fazer um curso de informática depois que eu comecei a ver o serviço eu fui usando. Para mim não tem importância, eu acho que eu não precisei muito dela, eu fico meio despreocupada quanto a isso.

E - Esse não precisar, você acha que não teve necessidade, você não quer correr atrás da informática.

S - Eu uso mais a internet, porque meu namorado está longe, eu mando e-mail.

E - Você usa mais como meio de contato?

S - Isso é assim mesmo.

E - Para você é fácil lidar com a internet?

S - A internet é. Agora Windows, Word, eu já não mexo, eu acho que é mais fácil a internet.

E - Você se relaciona de que forma, com facilidade, com problemas, no contato com aparelhos eletrônicos e elétricos que conhece?

S - Problema de lidar, eu acho que assim não tenho problemas, eu acho que o computador é muito complicado, mas outros aparelhos não.

E - Uma filmadora, aparelho de som, é normal?

S - Sim normal, eu não sou de usar muito, eu me acomodo, aprendo a ligar e desligar, para mim está bom.

E - Você tem interesse em estar mexendo com esses aparelhos?

S - Eu não tenho muita paciência.

E - Como é esse não ter paciência?

S - Se é alguma coisa que eu vou mexer, se eu acho que eu não consigo, eu deixo de lado. Hoje eu estava tentando fazer uma capa de um trabalho, eu não sei, não consigo, eu desliguei o computador pelo fato de eu não saber.

E - Nesse caso é só com o computador, ou na vida você deixa coisas de lado?

S - Eu deixo sim, eu acho que não consigo eu nem tento, muitas vezes por esse medo de não conseguir.

E - Você tem algum problema com aparelhos eletrônicos e elétricos que desconhece?

S - Eu acho que eu tenho de mexer sozinha, eu não mexo, não toco nele.

E - Por quê?

S - Porque eu tenho medo de estragar, eu espero uma pessoa que saiba falar o que é para fazer.

E - Você já teve algum problema relacionado à tecnologia?

S - No começo eu ficava muito perdida, fazia coisas muito devagar, eu tinha que prestar bastante atenção. Para mim dificuldade eu não achei, não.

E - Como é que você se sente quando tem que usar a tecnologia?

S - Eu me sinto em que sentido?

E - Emocionalmente falando, você se sente bem, alegre, com receio, etc.

S - Se é uma coisa que eu sei fazer, eu me sinto bem, se é uma coisa que eu não sei fazer, eu fico insegura, não me sinto bem.

E - Quando você diz que fica insegura, você chega a fazer ou deixa.

S - Certas coisas eu vejo se for com paciência eu faço, agora se não tiver instrução, daí não faço. Certo?

E - Que tipo de dificuldades apresenta perante a Informática?

S - A primeira vez que eu usei um computador não sabia ligar, eu tinha que esperar, não passei dificuldades não, eu sempre desistia, eu tentava e via que não ia fazer, parava, nem cheguei a ter dificuldade.

E - Você nem tentava?

S - Eu nem tentava.

E - Você desistiu por muito tempo.

S - Enquanto eu não vi que tinha que usar o computador eu ficava despreocupada, eu não ligava.

E - Quanto tempo você levou para começar a usar?

S - Eu acho que desde que surgiu o computador com mais frequência eu não me interessava, eu tinha uns 10 - 12 anos, não me interessei.

E - Como você se comporta diante de suas dificuldades com a Informática?

S - Em que sentido?

E - Como você reage, chateada, brava com você mesmo ou não está nem aí?

S - Eu acho que a culpa é minha, que eu não achei motivo para fazer informática, eu não sinto bem.

E - Como assim?

S - É que todas as pessoas mexem, as pessoas da minha idade, e eu fico boiando, não consigo fazer bem, fazer trabalho na internet, entrar na internet, achar com quem conversar, então fico quieta.

E - Você fica meio de lado?

S - Isso eu fico de lado.

E - Isso produz que emoção em você?

S - Eu acho que é porque eu não procuro fazer, eu tenho que aceitar isso, de uma maneira ou de outra, é de mim mesmo.

E - Você percebe isso como uma limitação sua?

S - Sim, uma limitação minha, que eu não gosto.

E - Cite três motivos que levaram você a ter problemas com a informática.

S - Um é o meu desinteresse por isso. Pelo fato de eu não precisar usar. E na minha casa não ter o computador, no serviço da minha irmã tem, eu me interessava um pouco, aprendia, não usava, pois na minha casa não tenho.

E - Você tem receio de usar que tipo de aparelho eletrônico? O computador, o caixa eletrônico, o celular, os equipamentos eletrônicos, os aparelhos eletrodomésticos, ou outros?

S - Eu acho assim, se eu souber mexer eu não tinha receio de nada.

E - Mas há algo que te preocupe mais?

S - Desses não teria nenhum, eu acho que não.

E - O fato de apresentar dificuldades com a informática o deixa insatisfeito?

S - De um certo ponto me deixa insatisfeita porque é a tecnologia que está movendo tudo, todo mundo está nisso, eu me sinto por fora.

E - Você se sente por fora?

S - É, por fora mesmo porque eu sou nova, não estou nem no mercado de trabalho.

E - Você se sente um pouco excluída, mesmo sendo adolescente, não estando no mercado de trabalho, sendo só estagiária.

S - Isso, sim!

E - Essa exclusão leva você a pensar o que?

S - A partir do momento que eu ver que eu to precisando eu vou correr atrás, eu vou procurar aprender, por enquanto estou acomodada.

E - Você está consciente que você está acomodada?

S - Eu estou consciente.

E - Como é sua insatisfação perante seu problema?

S - Pelo fato de eu não saber é isso que me leva, às vezes tem coisas que eu acho desnecessário, eu não preciso.

E - Isso da informática?

S - Sim, da informática.

E - Alguma vez você foi punido por mexer em um aparelho eletrônico?

S - Não, nunca aconteceu nada, nem na infância, eu nunca fui curiosa.

E - Você é mais reservada.

S - Sim, assim mesmo.

E - Receia ser menosprezado por não saber lidar com Informática?

S - Esse tipo de receio eu não tenho, muitas pessoas são discriminadas por isso, uns perdem emprego por esse fato. Eu nunca fui atrás, para mim não tem problema.

E - Então para você é mais tranquilo?

S - As pessoas não tiram sarro disso, pelo menos as que eu conheço.

E - Sente-se desvalorizado por ter problemas com a Informática?

S - Eu acho que esse valor, é um valor comercial, eu tenho outros valores que podem compensar ele.

E - Pode ocorrer uma desvalorização?

S - Isso pode ocorrer, sim.

E - E isso produz o que em você?

S - Eu deixo de lado, eu paro para pensar nisso, não importa.

E - Que tipo de consequência tem trazido para sua vida, o fato de não se envolver com o uso da informática?

S - Por enquanto eu acho que nenhuma, mas eu acho que muitas coisas que eu deixo de fazer, trabalhar, vem em função disso, por exemplo, trabalho manuscrito.

E - Então produz até um sofrimento?

S - Eu não diria que é um sofrimento, mas uma necessidade, é necessário.

E - Se você lida melhor, seria mais favorável.

S - É isso!

E - Receia lidar com aparelhos eletrônicos e estragá-los?

S - Eu não procuro mexer, nem tentar concertá-lo, não me atrevo.

E - De uma forma geral, você tem medo de estragar as coisas?

S - Se eu ver que to mexendo eu paro, e nem olho o que o aparelho tem a mais.

E - Você é mais reservada.

S - Sim.

E - Se acha capaz ou incapaz de aprender a usar a Informática. Por que?

S - Eu acho que tudo que eu pego para fazer eu faço a Informática não é um bicho de sete-cabeças. Muitas pessoas aprendem mexendo, eu acho que eu tenho condições, falta vontade de me deparar, com essa vontade.

E - Você acha que aprende num instante?

S - Num instante não, porque eu não sei nada, eu acho que com o tempo ia ser bem melhor, se eu tivesse o computador em casa.

E - Receia que alguém caçoe de você, por ser lento ao lidar com aparelhos eletrônicos?

S - Não, eu não tenho interesse em saber, às vezes, cada um depreende mais para alguma coisa, e eu não gosto de mexer.

E - Nunca aconteceu isso?

S - Não, nunca alguém caçoou de mim.

E - Que motivos o levaram a ter dificuldade no contato com a Informática?

S - Eu acho pelo fato de eu não ter feito um curso, não ter aprendido isso me leva a ter aversão, pelo fato de eu não gostar muito de aparelhos eletrônicos.

E - Você não gosta muito da máquina?

S - Eu não me interesso, tem pessoas que gostam.

E - Você gosta mais do ser humano?

S - É isso, tem muita coisa que a gente valoriza mais nos seres humanos.

E - Nos relacionamentos humanos você tem mais facilidade?

S - É mais. A máquina só exerce aquela função para mim, não que não seja necessária a máquina, é necessária para todo mundo, mas não há exagero da relação com a máquina.

E - Você tem visões, sonhos do tipo de computadores te destruindo ou destruindo a humanidade?

S - Não, nunca tive esse tipo de sonho. Isso nunca.

E - Isso nunca te preocupou, nem na infância?

S - Eu penso assim, que a tecnologia está tomando conta, acho que o ser humano está sendo muito desvalorizado por isso, deixando o valor do ser humano de lado, e só as máquinas estão fazendo.

E - Ela ocupa o lugar do homem?

S - Eu às vezes paro para pensar nisso, que estão tomando o lugar que não tem nada que eu possa fazer.

E - Você acha que vai tomar o seu lugar?

S - Eu acho que do mesmo jeito que tomou das outras pessoas, podia tomar o meu.

E - E você não saberia o que fazer?

S - Não, não saberia.

E - Que sentimentos te provoca?

S - Acho que eu penso na minha pessoa, isso me amedronta, se isso vier a acontecer.

E - Deixou de trabalhar com informática por ter recebido críticas?

S - Não, isso que não me deixa complexada.

E - Deixou de trabalhar em algum lugar porque tinha que ter contato com a informática?

S - Não, agora que eu estou trabalhando, fazendo estágio. Nunca tive esse problema, nunca fui atrás de emprego.

E - Você tem receio em pensar que aparelhos eletrônicos possam te dominar?

S - Olha, acho que muitas pessoas são dominadas pelo fato de ficar com um pé atrás, eu sou crítica, é o ser humano que tem que dominar.

E - Como pode ser isso.

S - O mundo que pode atingir, eu acho que ele está mudando.

E - Tem alguém próximo a você que te auxilia nas suas dificuldades com a informática? Quem?

S - Não, não tenho ninguém que me auxilie. Se eu tivesse mais tempo eu aprenderia, falta tempo também, eu estudo de manhã e a noite, eu faço estágio a tarde, chega no fim de semana eu quero só dormir.

E - Em relação ao seu namoro você envia e-mail ou fala pelo ICQ?

S - Eu mando e-mail para o meu namorado dia sim, dia não.

E - Ele está aonde?

S - No Canadá, então não tem jeito mesmo, só por e-mail, ele vai ficar mais dois meses, para isso é ótimo, ele é daqui mesmo e foi fazer inglês.

E - Você só se contacta com ele por e-mail?

S - É e só com ele, eu vi que era o único meio de comunicar, eu tive que aprender.

E - Como você sente sua relação com a informática?

S - Na verdade a gente percebe que se relaciona na internet geralmente de uma forma mais reservada. É como eu falei, eu não gosto, eu só faço isso porque preciso, não gosto, se tivesse outros meios, não usaria.

E - Se você pudesse ficar sem usar a informática você ficaria?

S - Eu ficaria sem problema.

E - Você tem um pouco de dificuldade para lidar com o novo?

S - Acho que é mais com a tecnologia. Eu acho que é pelo fato de estar tomando o lugar do outro. Algumas coisas seriam boas, mas eu não preciso.

E - Mais alguma coisa que você queira colocar?

S - Eu acho que não, é isso aí que eu queria falar.

Entrevista nº 2

Entrevistadora: Fale sobre sua relação com a informática e a tecnologia.

Mariana: Bom! Eu acho que a informática e a tecnologia é importante, eu não preciso dela e ela fica muito distante, mexer com o computador já não é para mim, a tecnologia toma muito espaço dos seres humanos, e eu não gosto.

Entrevistadora: Por que você disse que não é para você?

Mariana: Porque é uma coisa que eu não gosto de mexer, não me interessa por isso. Nunca me despertou curiosidade, todo mundo fala, todo mundo gosta e eu não vejo interesse nisso, eu acho estranho.

Entrevistadora: O fato de pessoas gostarem te incomoda?

Mariana: Não, eu acho que cada um é cada um, eu até mexo na escola, no computador, em aula eu mexo, mas que eu goste, eu não gosto muito, de jeito nenhum.

Entrevistadora: Como se sentiu mexendo no computador?

Mariana: Eu não achei interessante, todo mundo fala, eu reagi normal, não foi um bicho de sete cabeças, foi uma coisa normal para mim, não dá vontade, eu só usava e-mails quando meus ex-namorado estava no Canadá, e era a única forma de falar com ele. Agora que ele voltou não estamos mais juntos, ele voltou do Canadá em novembro, parei com os e-mails, ele foi embora trabalhar em Cuiabá - MS, e terminamos o namoro, agora, no momento não estou usando computador, usei até o final de novembro, depois não usei mais, e nem tive vontade. Em bancos, com caixas eletrônicos, não tenho problemas, mas com o computador, não tenho interesse, nos bancos até gosto de ir no caixa eletrônico, porque não tem que ficar na fila, mas no computador não gosto de usar, não me chama atenção.

Entrevistadora: De onde você acha que vem esse desinteresse?

Mariana: Eu não sei, não sei se é porque eu não tenho o computador em casa, mas mesmo assim eu pedia para alguém fazer para mim, só se não dava mesmo, daí eu fazia, mas se estava em algum lugar que tinha computador não me interessava em usar.

Entrevistadora: Acha que se tivesse o computador em casa seria diferente?

Mariana: Eu acho que seria só no começo, eu perderia a curiosidade, pois no começo eu iria mexer, depois deixaria, porque não me atrai em nada.

Entrevistadora: Que emoção o computador desperta em você?

Mariana: É de indiferença, não me chama atenção, em anda; não dá medo, nem prazer, só indiferença.

Eu já pensei em aprender informática pelo fato do campo de trabalho, que é necessário se não fosse isso, eu não teria pensado em aprender a mexer, em procurar uma escola, o que eu sei é o básico, eu queria aprender por causa de trabalho. Mesmo assim não me sinto motivada a procurar. Eu queria fazer aulas depois que eu terminasse o meu curso em julho (técnico em Administração de Empresas). Vi que administração não é pra mim, porque eu acho que mexe com cálculo, coisa teórica, conta, etc. Eu nunca pensei no que eu gostava de fazer, eu pensei em fazer Direito, mas Direito é bastante teoria, eu fico na dúvida, do que eu vou fazer.

Entrevistadora: Na vida a dúvida é algo comum em você?

Mariana: Depende da situação, eu fico em duvida nas escolhas de um curso, que roupa eu vou por, pra onde eu vou, o que eu vou fazer. Mas eu resolvo sozinha, com mais rapidez eu resolvo e pronto.

Entrevistadora: Perante as pessoas como se manifesta perante ao computador?

Mariana: Eles perguntam se eu não gosto, e quando as pessoa que gostam começam a falar, eu fico meio de lado, ou seja, como não me interesse, não participo, mas eu sinto não sinto nada. O fato de ficar de lado não me incomoda em nada.

Entrevistadora: Com pessoas superiores a você já teve problemas?

Mariana: Não, nunca ninguém cobrou o uso do computador. Só que para arrumar um emprego seria um pouco difícil, eu tenho uma noção, que eu teria que aprender mais, muito mais para dominar a técnica.

Entrevistadora: Na infância fez uso de brinquedos eletrônicos?

Mariana: Eu nunca tive brinquedos eletrônicos, era sempre boneca, de casinha, com os amigos na rua. Eu comecei a aprender teclado (2 meses) não gostei, tinha 11 anos, deixei e até minha mãe deu o teclado para uma pessoa, eu acho que a música nunca foi meu forte, eu preferia até um violão, ao invés do teclado, por causa do som do violão, eu acho que é porque não é eletrônico, você dá o som, o teclado não, ele tem o som.

Gostava de uma boneca de pilha (que soltava bolinha de sabão), eu tinha uns 5 anos mais ou menos, era a única boneca que eu gostava, ela era dura, não dava quase para pegar no colo, eu sempre gostei dos bebezões para brincar, mas quando ligava ela, ela andava e soltava bolha.

Eu sempre gostei das coisas mais simples, das brincadeiras com pessoas, que não tivessem o envolvimento de máquina e tecnologia.

Às vezes eu penso no meu sobrinho (6 anos) gosta videogame, computador, na infância já teve isso. Às vezes eu pego o videogame dele para jogar, mas eu não gosto. Não sinto nada; prefiro brincar com outra coisa, com ele eu brinco até de “hominho”, esses dias atrás eu brinquei de dominó, mas não me interessei por esse jogos eletrônicos.

Entrevistadora: Por que acho que você é assim?

Mariana: Eu acho que desde pequena, sempre gostei de coisas mais simples, da natureza, brincar com pé de fruta, subir em árvores, na minha infância não tinha isso, eu acostumei a ficar assim mais quieta.

Entrevistadora: Há quanto tempo tem tido contato com a informática?

Mariana: Há 2 anos, foi na escola, é algo recente.

Eu acho que eu vi o computador pela primeira vez no serviço da minha irmã, eu tinha 13 anos, ela trabalhava num escritório.

Eu acho que a minha reação foi normal, nem mexer eu quis, não me chamou muito a atenção, não despertou nada, foi uma indiferença, algo meio estranho, que não me interessa.

Entrevistadora: Quando sentou na frente do computador pela primeira vez?

Mariana: Eu tinha uns 15 anos, tinha um trabalho de escola para digitar, foi eu e uma amiga, o computador era da escola; foi normal, a minha amiga que ligou, eu fiquei “catando” milho, e a minha colega já sabia porque tinha feito aula de informática. Os contatos sempre foram na escola, depois disso eu comecei a namorar e mandava e-mails, ele ficou 6 meses no Canadá, e nesse período eu mandei e-mails, eu aprendi e passava e recebia e-mail sozinha. Eu tinha a emoção de alegria, saudade, tudo, era bom, era umas três vezes por semana, um dia sim, outro não, e recebia com essa frequência, era legal, bom.

Depois que ele voltou não usei mais, nem peguei no computador, não deu mais vontade nada.

Entrevistadora: Quando seu relacionamento era virtual, estava bom?

Mariana: Para mim estava porque ele contava o que acontecia, e eu contava também, bom só que não estava próximo, antes de ir para o Canadá nós namoramos dois meses, daí ele foi por intercâmbio, e nós ficamos namorando virtual por seis meses. Depois que ele voltou não deu certo, porque acostumei a ficar longe, depois que ele voltou não teve aquela proximidade.

O contato pessoal foi mais difícil para mim, porque nesse intervalo eu conheci outras pessoas e já estou até namorando, quando ele chegou, a proximidade foi uma situação negativa, estava melhor pelo computador, virtual.

Entrevistadora: Por que?

Mariana: No começo quando ele foi, foi mais difícil, daí eu fui acostumando, acostumando, não sei se é porque nós ficamos o menor tempo juntos e o maior separados.

O computador foi bom porque a gente pode se comunicar mais, mas teria sido melhor se a gente nem precisasse usar o computador, se ele não tivesse ido embora. O contato com as pessoas é sempre melhor, ver as pessoas, sentir.

Entrevistadora: Você vê o computador como ameaça?

Mariana: Eu acho que o computador é tecnologia. A tecnologia é uma ameaça ao ser humano, eu acho que a tecnologia é responsável por isso e toma o emprego das pessoas.

Entrevistadora: Analisando assim, o que você sente?

Mariana: Eu acho que não é raiva, e não é nem por isso que eu não mexo; mas é o mundo, a própria tecnologia, a base em si, que eu não tenho vontade.

Eu não tenho interesse, por ser uma opção pessoal, mas tem quem goste, eu não gosto, para mim é indiferente o computador.

Entrevistadora: Do que você gosta?

Mariana: Eu gosto mais de lidar com coisas práticas, com pessoas, gosto bastante de conversar, de ter mais contato, olho no olho, de ajudar. Eu tenho bastante amigas que vêm desabafar comigo, eu gosto de não dar conselhos, mas de ouvir, dar opiniões, eu gosto de falar bastante. O computador me deixa

mais passiva, deprimente, esperando dele, eu não gosto de esperar nada de ninguém.

Eu acho que eu já falei tudo. Para mim isso é bem resolvido na minha cabeça, não me deixa em conflito e não traz sofrimentos, eu acho que tem outras opções, além disso, mas se um dia chegar a ser só a tecnologia isso eu não sei o que vou fazer. Eu tenho opções de conversar, ler revista, ouvir música, do que ficar na frente do computador e perder meu tempo; eu prefiro fazer outras coisas, como conversar com as pessoas, ver as pessoas, sentir elas e isso com o computador não dá para fazer.

Entrevistadora: Em relação a ser tão jovem e ser desinteressada, você vê algum problema nisso?

Mariana: Eu não paro muito para pensar nisso, mas não tem nada a ver com a idade, seria mais o tipo da minha personalidade, quem gosta, gosta muito de computador. Eu acho que o computador deixa a gente solitária e eu não gosto disso, é isso que eu queria falar, obrigada.

Data: 25/06/02

Sexo: masculino

Iniciais: Ricardo

Idade: 57 anos

Estado civil: casado

Nº de filhos: 3

Escolaridade: Filosofia e Letras

Quantas pessoas moram em sua residência: 5

Localidade onde nasceu: Martinópolis Localidade onde mora: Ourinhos

Profissão: professor (aposentado do Estado por 3 anos, leciono desde abril de 1969).

Quantas horas trabalha por dia: ± 10 horas por dia, porque antes de me aposentar era mais

Em que local exerce seu trabalho: na sala de aula.

E - Vou fazer algumas questões sobre informática. Bem, vamos

lá:

E - Você usa Informática em seu trabalho?

S - Não, só uso quando preciso aplicar uma prova e a esposa faz para mim.

E - Como é o seu relacionamento com a Informática?

S - É zero, não tenho, me recuso lidar com a Informática, não sei, nunca lidei, tenho visto as crianças mexerem e peço para eles, para a B. (esposa), mas é difícil.

E - Você tem problemas com aparelhos eletrônicos e elétricos que conhece?

S - Tenho restrições com caixas eletrônicos, aparelhos domésticos desde que apresente certo grau de sofisticação, quanto mais modernos, mais avançados na tecnologia, mais eu não faço uso.

E - Você tem algum problema com aparelhos eletrônicos e elétricos que desconhece?

S - Normalmente me sinto bastante ansioso perante o novo, parece que em relação a aparelhos isso é mais ansiedade, no sentido de que não vou dominar aquilo principalmente no que se refere à tecnologia. Fora da tecnologia nunca tive problemas com o novo, me relaciono com o novo, como com o carro, nunca tive problemas, não morro de amores por carro, agora meus filhos dirigem eu dou a chave, sem problemas.

E - Você já teve algum problema relacionado à tecnologia?

S - Nunca tive um problema que justificasse essa aversão, sempre lidei com idéias, livros e pessoas, embora esse dado não esconda aversão, eu acho que eu não preciso tanto dela.

E - Que tipo de dificuldades apresenta perante a Informática?

S - Não tenho dificuldades porque não uso.

E - Como você se comporta diante de suas dificuldades com a Informática?

S - Eu não ligo, não me importa.

E - Cite três motivos que levaram você a ter problemas com a Informática:

S - Conscientemente não tenho nenhuma razão palpável que me levasse a essa postura negativa, concretamente nunca aconteceu nada, mas não consigo corrigir originais na tela.

E-A - Por que?

S - Me incomoda, eu estou viciado na leitura, no verbal, que fora disso eu não tenho vontade, não consigo me adaptar, tenho dificuldade para substituir o texto pela tela, que manusear o papel.

E - Você tem receio de usar que tipo de aparelho eletrônico (computador, caixa eletrônico, celular, equipamentos eletrônicos, aparelhos eletrodomésticos, outros)?

S - Computador, caixa eletrônico de banco, aparelho de som sofisticado, tecnologia avançada, se é que é possível falar assim, mas enfim tudo que ultrapassa os limites do natural eu não uso.

E - O fato de apresentar dificuldades com a Informática o deixa insatisfeito?

S - Não, realmente não me causa problema. O único problema que me causa é depender de outros, depender de pessoas que façam e para mim depender não é muito bom em qualquer situação.

E - Como é sua insatisfação perante seu problema?

S - É uma insatisfação em caráter pragmático.

E - Alguma vez você foi punido por mexer em um aparelho eletrônico?

S - Olha Eunice, isso não deve ter acontecido, porque eu era de família rural, só tinha rádio, que eu manuseava, nem na casa de meu avô não aconteceu nada, mas eu acredito que não houve, pode ser, mas até estabelecer outros contatos vivi na zona rural. Fui ver uma TV com mais de 18 anos em Vitória (ES) em ±1964, onde eu morava não havia TV nem torre de transmissão, quando eu passava por Ourinhos eu via muitas antenas e sabia que aqui já existia TV, mas na verdade era o que acontecia na época.

Eu acho que isso é um bom assunto para sua pesquisa, ver até que ponto a cultura da zona rural tem influência nisso.

E - Receia ser menosprezado por não saber lidar com Informática?

S - Não, por uma razão reconheço honestamente que quem não lida com Informática esta numa situação preocupante. Como eu me permito trabalhar na área que não preciso disso eu falo para os meus filhos do domínio satisfatório da Informática, para o mercado de trabalho, como o Inglês hoje é essencial. Como eu estou mais para lá do que para cá, estou com 57 anos, não tenho interesse (risos).

E - Sente-se desvalorizado por ter problemas com a Informática?

S - Não, de forma alguma, aliás, entre ligar o computador, entrar num site, eu prefiro ler um livro, não sinto nenhuma discriminação. Em casa, as crianças pressionam: "Pai, precisa mexer", mas eu não ligo.

E - Que tipo de consequência tem trazido para sua vida, o fato de apresentar problemas com o uso da Informática?

S - Acho que estou perdendo determinadas informações em rapidez, velocidade, tenho perda de qualidade, ou seja, de possibilidade de adquirir com satisfação. Quando eu preciso de informações, eu vou a minha biblioteca, o

que eu preciso tenho, na minha casa, quando eu não tenho vou procurar em outro lugar, seria mais cômodo e estou perdendo a possibilidade de ter mais informações no menor espaço de tempo.

E - Receia lidar com aparelhos eletrônicos e estragá-los?

S - Não receio, porque se é sofisticado eu não lido.

E - Se acha incapaz de aprender a usar a Informática. Por que?

S - Eu acho que tenho plenas condições de aprender. Tenho consciência que posso ter até um domínio além de todas as dificuldades. Eu resolvi da mesma maneira adequada precisei aprender algo. Se existe é algo que não tenho consciência.

E - Receia que alguém caçoe de você, por ser lento ao lidar com aparelhos eletrônicos?

S - Não, isso nunca me aconteceu, nunca me preocupei com isso. Se eu ficar muito tempo no magistério eu terei problemas, porque eu escuto comentários que a escola vai informatizar o sistema de notas e então vou ter que resolver.

E - Que motivos o levaram a ter dificuldade no contato com a Informática?

S - Sou muito ansioso, tenho dificuldades em esperar respostas, no computador não tenho paciência, demora, e dá "um pau" no computador, sai do ar, daí perde tudo, eu vejo com as crianças. Eu teria que alimentar o computador para que em função disso esperar a respostas, eu acho difícil obedecer o computador, teria que ser obediente à ele.

E - Você tem visões, sonhos do tipo de computadores te destruindo ou destruindo a humanidade?

S - Não, nunca tive. O sonho que eu sempre tenho é a sensação de estar perdido em uma grande cidade, mas de máquinas nunca. Em relação à máquina, conflitos mundiais, nunca sonhei, não.

E - Deixou de trabalhar com Informática por ter recebido críticas?

S - Não mexo com Informática. Nunca liguei um computador na tomada, sou realmente analfabeto de pai e mãe nessa questão.

E - Deixou de trabalhar em algum lugar porque tinha que ter contato com a Informática?

S - Não, nunca precisei objetivamente de Informática, no meu caso é o livro, o texto sim preciso, para abrir, ver, sentir o cheiro, manusear.

E-A - Acha que o livro on-line vai substituir o livro real?

S - Acho que o livro on-line não substitui o livro real. O contato direto com o texto escrito, o objeto, manuseio do livro, o olhar, pode complementar mas substituir não. Tenho lido que muita gente dessa área tem comentado a preocupação com a transformação do livro on-line, mas que isso não acontecerá. Eu me preocupo muito com o individualismo, de não vermos o outro, sentir seu cheiro, tocar, olhar, porque não estamos numa sociedade de robôs.

E - Você tem receio em pensar que aparelhos eletrônicos possam te dominar?

S - Não, não tenho.

E - Tem alguém próximo a você que te auxilia nas suas dificuldades com a Informática? Quem?

S - Sim, a mulher, os filhos; quem resolve as minhas questões é a Nana (esposa) que elabora os originais, isso poderia acrescentar mas não,

absolutamente nada, nem minha qualidade de trabalho e nem minha visão de vida.

E - Como você sente sua relação com a Informática?

S - Não sei, se é rejeição. Eu não vejo nenhuma necessidade de me envolver com isso, no meu estágio atual não sei o que isso poderia acrescentar, mas não alteraria absolutamente nada, nem minha qualidade de trabalho e nem minha visão de vida atuais.

E - Está ótimo, eu agradeço suas informações, você gostaria de fazer mais alguma observação?

S - Eu estou convencido que amanhã ou depois eu tenha que mudar e mexer com isso, eu estou aberto para isso, aberto a essa questão, só que em caso de necessidade, mas não havendo eu não vou encarar.

E - Está bem, eu agradeço sua atenção e colaboração.

S - Certo Eunice, você use minhas informações tranquilamente, do jeito que quiser.

ENTREVISTA Nº 2

Entrevista nº 2, realizada com o Sujeito 3, no consultório da entrevistadora, cliente chegou, sentou-se mais reservadamente, na cadeira ao lado, da cadeira do paciente, mostrando-se mais distante.

Mostra-se a disposição para iniciar a entrevista.

E - Fizemos várias perguntas em relação ao seu envolvimento com a informática. Agora gostaria de aprofundar um pouco mais sobre o assunto.

S - Está ótimo, estou a disposição.

E - Onde foi o seu primeiro contato com o computador?

S - Eu realmente não me lembro, de contato direto com o computador foi quando eu comprei, há uns 5 anos, devo ter visto em algum lugar mas não me chamou atenção, pode ser talvez em banco, mas nenhum contato me chamou atenção.

Foi a pedido dos filhos e até certa parte uma necessidade. Só que desde cedo eu fui muito indiferente ao computador, não manifestei nenhuma vontade de lidar com ele. Me recusei a aprender mexer nele. Sentava, ficava observando o pessoal mexer, pai mexe aqui!! Eu não tive nenhuma vontade, não chamou nada de atenção, não me causou nenhum encanto não, nunca tive nenhuma curiosidade, não chamou atenção como instrumento, nada.

Isso continua só que eu sinto necessidade de digitar os textos, o pessoal lá em casa não tem disposição e eu preciso em função de trabalho, de trabalho básico, de texto, de instrumento de trabalho mecanizado, seria substituir a máquina, que fez mais de 30 anos que eu uso, mas eu ainda prefiro escrever à mão mesmo.

E - Me fale um pouco disso.

S - As idéias fluem, mais rápido, eu não fiz uma experiência de sentar e produzir um texto mecanizado, o meu contexto sempre foi com o manuscrito. No momento eu acho que teria muita dificuldade de escrever um texto diretamente no teclado, curiosamente eu escrevo à lápis e no computador eu não experimentei. Na máquina fazia-a normalmente.

E - O que leva o Sr. a nunca ter tido essa curiosidade?

S - Essa pergunta é muito difícil (riso!!). Eu acho que no fundo no fundo eu tenho uma certa rejeição à máquina, eu percebo isso até eu evito mexer em

máquina de banco, com “cashing” não sei porque à máquina eu tenho uma resistência. Eu sofro um pouco quando eu tenho que lidar com essa máquina, banco, esse negócio, eu tenho uma certa ansiedade.

E - Esse sofrer, como é?

S - Eu fico muito ansioso, apressado, percebo que eu quero acabar rápido, então fico ansioso. Na escrita isso já não acontece, agora uma folha de papel em branco, para mim representa um certo monstro, momentâneo, o que fazer e daí eu começo. Mas eu sinto uma ansiedade quando eu vou mexer com aparelho eletrônico, mas não sei explicar o porque disso.

E - O Sr. tem percebido que hoje em dia está aumentando a utilização do computador em todos os setores, como o Sr. se sente em relação a isso?

S - Eu me sinto incomodado até certo ponto, por causa do problema de não poder lidar com as coisas sem o computador. A minha esposa falou para mim essa semana, passa no Bradesco e efetue uma ordem de pagamento; eu falei dá aqui que eu vou, ela disse, passa no computador, eu falei, pelo computador eu não vou, vou enfrentar a fila mesmo. Aí acabei não indo. Eu estou ficando incomodado, não tem como fugir. Se a minha escola informatizar o sistema eu vou ter dificuldade, eu terei que aprender. Eu sinto que eu preciso encarar o computador como instrumento de trabalho, preciso dominar como instrumento de trabalho. Não como busca de cultura, isso eu acho que não conseguiria.

E - Então seu relacionamento com a informática já não é zero?

S - É isso, é um pouco a direita de zero, isso mostra que a minha resistência está diminuindo.

S - Eu tive pouco contato com aparelhos eletrônicos, era tudo desprovido, a família desprovida. Eu tenho uma dificuldade brutal para trabalhos manuais. Até para consertar alguma coisa em casa eu tenho uma dificuldade brutal.

E - Mas e com a máquina de escrever?

S - Com a máquina de escrever eu não tenho problemas, eu aprendi sozinho, comprei o manual e usei, e trabalho até razoável, quando eu senti necessidade comprei máquina e aprendi sozinho.

E - O Sr. tem visto algum filme em relação a computador, informática?

S - Não, não tenho visto nada.

E - Percebe-se pela entrevista anterior que o Sr. está aproximando mais da máquina, está mais consciente de sua necessidade:

S - É isso tem acontecido mesmo. Eu estou convencido cada vez mais que eu tenho que dominar essas técnicas para o computador como instrumento de trabalho, mas não me sinto a vontade em relação a isso, nem de explorar o computador como possibilidade, esse tipo de aprendizado está fora do meu projeto. No momento a saída é buscar logo, elaboro as provas, preciso chamar a minha esposa e ela não pode, me atrasa. Eu ainda estou preferindo sentar, ler um texto, eu estou lendo muita poesia, atualmente.

Uma coisa talvez seja o que explica a minha rejeição. É o automatismo, isso sempre me causou incômodo, e se apertou sai, se errou não. Isso é o oposto com o que trabalhei, eu trabalho com literatura e interpretação de texto que é um mundo aberto, é tudo um desafio, você tem que aceitar o desafio do texto, no computador está algo mais estático, linear.

Eu percebo que tenho um problema com a ansiedade, toda a operação que faço com uma máquina. Eu sei que eu posso fazer, que eu tenho

competência para fazer, mas isso me traz ansiedade, isso me provoca ansiedade e sofrimento; então eu fujo, se ficar o bicho pega, se correr o bicho come.

Eu não tenho uma preocupação voltada para o problema do computador, eu não penso nele. Eu acho que quando eu sentar e começar a mexer eu vou conseguir porque diante daquilo que a gente aprendeu isso é pouco. Eu acho que é uma questão de começar.

E - E isso será logo?

S - Eu imagino que seja logo, eu tinha os três meninos em casa, hoje eu não tenho mais, eu penso se um dia a B. (esposa) viajar como é que eu faço, eu dependo dela, tem alguns esquemas, organizações da prova, não é qualquer pessoa que possa fazer.

Essa questão de ansiedade e da angústia que eu tenho no sentido de refletir sobre o problema, no fundo, no fundo eu acho que existe o receio do novo, acho que não é do novo, é do não dominado. O não dominado me causa ansiedade até em dominar, daí eu entro e percebo que é simples, todas as situações que mostravam que eu estava sofrendo a toa, foi tão fácil. Eu acho que transcende para qualquer situação. Se eu tiver que ir para falar com uma classe da Fatec, até eu chegar lá vou sofrer até descobrir o que me espera. Esta expectativa do novo me causa uma angústia, uma ansiedade, então para que eu vou mexer com isso se vai me trazer problemas. Eu nunca me recusei de enfrentar o desafio, daí eu vou e está resolvido o problema; é como se me dissessem vai, que você resolve. Pelo menos até hoje eu enfrentei, nunca fujo da situação, mas permanece aquilo resquício. É gozado porque a minha vida sempre foi cheia de desafios em cima de desafios, tive que superar

situações e complicações, pois teve barreiras, obstáculos para eu crescer, inclusive estudar, havia muito problema, sempre foi difícil, então seria normal que eu me acostumasse, mas toda nova situação cria ansiedade. Quase sempre ela é passageira, até que me coloco dentro da situação, eu supero.

Eu acho que da próxima vez que eu conversar com você, eu te mande um e-mail (risos), porque eu fico motivado quando falo do assunto.

Eu penso se eu sou capaz de fazer coisas muito mais complicadas porque eu não vou aceitar esse desafio de lidar com esse novo.

Mas está aí, eu agradeço, e é isso que eu queria colocar.